FON FON
OLHA P'RA FRENTE,
SERAPIÃO !

COMO O FLAVIO RESTAUROU A FACE

BARBELINO AFFIRMA:—

Cuidado com as infecções no rosto! BARBEIE-SE EM CASA!

Nenhuma navalha, a não ser a sua, deverá tocar-lhe o rosto. Só assim poderá evitar o perigo e o desgosto das infecções da pelle, tão contagiosas e repulsivas. Livre-se da ameaça de navalhas que servem a todo o mundo. Compre uma GILLETTE e delicie-se com a sua maneira suave de barbear. E' proteger a saúde de seu rosto. Use sempre as laminas GILLETTE legitimas, que são as mais afiadas e duraveis e, portanto, as mais economicas.

GRATIS

Gillette Safety Razor Co. of Brazil — 26
Caixa Postal 1797—Rio de Janeiro

Queiram enviar-me, *gratis*, o seu folheto a côres "A DESCOBERTA DE BARBELINO" de util e interessante leitura para os que se barbeiam.

Nome ....
Rua e N.º ....
Cidade ....
Estado ....

O CONTO BRASILEIRO

Falso diagnóstico

De Nenê Macaggi

— POBRE, pobre querida! A cada hora mais delgada, mais pállida e quieta, parece que vae perdendo rapidamente a existencia physica! Vocês viram como chorava e me olhava na hora da operação? Tão nervosa e cheia de tristes preságios! Mas agora tudo passou, felizmente. Levo aqui o rim extrahido. Vejam que côr carregada e como está inchado! Se eu não fizesse já esta operação, não teria mais minha noiva viva. Bem, adeus, rapazes. Espero que hajam aproveitado bem esta aula de cirurgia.

E o dr. Pedro Costa despediu-se dos alumnos e caminhou vinte minutos, entrando depois na casa de apartamentos onde vivia.

Sentia-se muito contente, pois, com as suas habeis mãos de cirurgião, déra vida á criatura que amava e que ia desposar dalli a dois mezes.

"Fál-a-ei a mais ditosa das mulheres", — pensava, emquanto subia no elevador até o quinto andar.

Aberta a porta, penetrou na sala que lhe servia de laboratorio.

Ah, o seu laboratorio! Unico companheiro naquella vida de solitario orphão em terra estranha! Era alli que elle praticava, estudava e preparava as licções da Faculdade! Fazia parte de seu sêr.

— Está aqui, dr. Pedro. Coei agora mesmo esta chicara de café para o senhor. A que horas quer o jantar?

— Obrigado, dona Benedicta. Estou tão contente, hoje, que até lhe vou poupar o trabalho de subir até aqui: irei lá embaixo e jantarei comsigo, serve?

— O prazer é todo meu, doutor. Mas, se não é indiscreção, que bicho lhe mordeu hoje para estar assim satisfeito?

— Nada! Apenas operei a minha noiva e creio, modestia á parte, que lhe salvei a vida. A senhora ainda não a conhece. Mas venha aqui, que lhe mostrarei um pouco della. Vê este céu azul? Seus olhos são desta côr. Vê, além, aquelle milharal maduro? Pois os cabellos della são assim louros. E se não é peccado comparar, olhe para esta Nossa Senhora: ambas têm a mesma sonoridade de expressão...

— Oh, doutor, será que não ha um pouco de exaggero nisso?

— Não, dona Benedicta. Juro-lhe. Minha Eugenia é muito linda e bôa.

— Bem, doutor, já vou cuidar da vida. Se percisar de alguma cousa, é só chamar.

....

Calma, minuciosamente, começou o doutor Pedro a sua analyse. Fez uma incisão no rim e pelo microscopio observou os "tubos uriniferos" e os "glomerulos de Malpighi", examinou a "substancia medullar", de côr amarello-carregada, chegou aos "calices", parou no "bassinete" e no "ureter".

Feito o exame, quedou surprehendido Nenhum signal de lesão! Seria possivel que tivesse havido engano na extirpação? Teria então operado o rim bom e deixado o tuberculoso? Oh, mas então a moça morreria e seu nome honrado seria apontado como o de um incompetente, de um criminoso! Tudo ficaria destruido! Todo o seu esforço de tantos annos! Não, não era possivel! Pois se elle tinha a certeza de que o rim era tuberculoso?

Desvairado, o medico ia e vinha no quarto, abria a janella, olhava os troncos escuros das arvores, fitava dolorosamente o céu estrellado.

Sentava na poltrona, apertava a cabeça com as mãos, abria um livro ou outro, tapava os ouvidos para não escutar o cri-cri de um grillo que se escondêra num canto da sala.

Ainda lhe restava a esperança de que a doente urinasse. Estaria salva então. Mas se o outro rim não funccionasse até a manhã seguinte...

Tocou trez, quatro, dez vezes para a enfermaria. A resposta era sempre a mesma: "Ainda não, doutor..."

Correu, então, ao hospital. Viu a doente. Era preciso adivinhar, pela leve contracção de seus músculos, pelo rythmo apagado de sua respiração, se ella ainda vivia.

Frio, immovel, envergonhado de si mesmo, sentia-se o mais miseravel dos homens.

Deixou o quarto, recommendando ao enfermeiro que lhe avisasse assim que a doente expellisse a urina.

Chegou á casa cambaleante. Sôbre a mesa, perto do rim aberto, mãos cuidadosas haviam deixado o jantar. Desdenhou-o. Que vontade teria de comer, quando alguem morria por sua impericia?

Sentou-se ao lado do telephone. Encostou a fronte na mesa e alli ficou, horas e horas, mergulhado na sua grande dôr, ás vezes em completa vacuidade cerebral.

— Candido, ainda não?

— Até agora, não, doutor. Mas eu tenho esperança. Ella abriu ha pouco os olhos e me sorriu!

— Sorriu... E' o sorriso da morte...

E a noite passou, tremenda, escura como a tortura que lhe roia o coração.

A's cinco horas da manhã, tilintou a campainha.

O medico ergueu a cabeça, branco, profunda ruga a lhe dar ao rosto forte expressão de desalento e, tremulo, tomou o phone.

— Naturalmente ella morreu. E eu sou o culpado! Foi a Fatalidade que me perseguiu. Se ella morreu, arrebento os miolos.

E acariciava, com o olhar, a pistola que collocára sôbre a mesa.

— Alô! E' o doutor?

— Sim... Que ha?... Diga-me, pelo amor de Deus, ella já morreu?

— Qual, doutor, está salva! Ha dez minutos seu rim funccionou admiravelmente e...

O medico largou o phone e cahiu, exhausto, frio, sôbre o sofá.

....

Desceu, correndo, as escadas, tomou um taxi e se dirigiu á casa do medico anatomo-pathologista.

— E' cêdo, doutor, para vir procurál-o, mas trata-se de um caso grave. Examine, por favor, esse rim, pois creio que o extirpei inutilmente.

(Continúa na pag. seguinte)

Pav.
Sala. Prat.
Est. N. ord.

O CONTO BRASILEIRO

Falso diagnóstico

De Nenê Macaggi

— POBRE, pobre querida! A cada hora mais delgada, mais pállida e quieta, parece que vae perdendo rapidamente a existencia physica! Vocês viram como chorava e me olhava na hora da operação? Tão nervosa e cheia de tristes preságios. Mas agora tudo passou, felizmente. Levo aqui o rim extrahido. Vejam que côr carregada e como está inchado! Se eu não fizesse já esta operação, não teria mais minha noiva viva. Bem, adeus, rapazes. Espero que hajam aproveitado bem esta aula de cirurgia.

E o dr. Pedro Costa despediu-se dos alumnos e caminhou vinte minutos, entrando depois na casa de apartamentos onde vivia.

Sentia-se muito contente, pois, com as suas habeis mãos de cirurgião, déra vida á criatura que amava e que ia desposar dalli a dois mezes.

"Fál-a-ei a mais ditosa das mulheres", — pensava, emquanto subia no elevador até o quinto andar.

Aberta a porta, penetrou na sala que lhe servia de laboratorio.

Ah, o seu laboratorio! Unico companheiro naquella vida de solitario orphão em terra estranha! Era alli que elle praticava, estudava e preparava as licções da Faculdade! Fazia parte de seu sêr.

— Está aqui, dr. Pedro. Coei agora mesmo esta chicara de café para o senhor. A que horas quer o jantar?

— Obrigado, dona Benedicta. Estou tão contente, hoje, que até lhe vou poupar o trabalho de subir até aqui: irei lá embaixo e jantarei comsigo, serve?

— O prazer é todo meu, doutor. Mas, se não é indiscreção, que bicho lhe mordeu hoje para estar assim satisfeito?

— Nada! Apenas operei a minha noiva e creio, modestia á parte, que lhe salvei a vida. A senhora ainda não a conhece. Mas venha aqui, que lhe mostrarei um pouco della. Vê este céu azul? Seus olhos são desta côr. Vê, além, aquelle milharal maduro? Pois os cabellos della são assim louros. E se não é peccado comparar, olhe para esta Nossa Senhora: ambas têm a mesma sonoridade de expressão...

— Oh, doutor, será que não ha um pouco de exaggero nisso?

— Não, dona Benedicta. Juro-lhe. Minha Eugenia é muito linda e bôa.

— Bem, doutor, já vou cuidar da vida. Se percisar de alguma cousa, é só chamar.

....

Calma, minuciosamente, começou o doutor Pedro a sua analyse. Fez uma incisão no rim e pelo microscopio observou os "tubos uriniferos" e os "glomerulos de Malpighi", examinou a "substancia medullar", de côr amarello-carregada, chegou aos "calices", parou no "bassinete" e no "ureter".

Feito o exame, quedou surprehendido Nenhum signal de lesão! Seria possivel que tivesse havido engano na extirpação? Teria então operado o rim bom e deixado o tuberculoso? Oh, mas então a moça morreria e seu nome honrado seria apontado como o de um incompetente, de um criminoso! Tudo ficaria destruido! Todo o seu esforço de tantos annos! Não, não era possivel! Pois se elle tinha a certeza de que o rim era tuberculoso?

Desvairado, o medico ia e vinha no quarto, abria a janella, olhava os troncos escuros das arvores, fitava dolorosamente o céu estrellado.

Sentava na poltrona, apertava a cabeça com as mãos, abria um livro ou outro, tapava os ouvidos para não escutar o cri-cri de um grillo que se escondêra num canto da sala.

Ainda lhe restava a esperança de que a doente urinasse. Estaria salva então. Mas se o outro rim não funccionasse até a manhã seguinte...

Tocou trez, quatro, dez vezes para a enfermaria. A resposta era sempre a mesma: "Ainda não, doutor..."

Correu, então, ao hospital. Viu a doente. Era preciso adivinhar, pela leve contracção de seus músculos, pelo rythmo apagado de sua respiração, se ella ainda vivia.

Frio, immovel, envergonhado de si mesmo, sentia-se o mais miseravel dos homens.

Deixou o quarto, recommendando ao enfermeiro que lhe avisasse assim que a doente expellisse a urina.

Chegou á casa cambaleante. Sôbre a mesa, perto do rim aberto, mãos cuidadosas haviam deixado o jantar. Desdenhou-o. Que vontade teria de comer, quando alguem morria por sua impericia?

Sentou-se ao lado do telephone. Encostou a fronte na mesa e alli ficou, horas e horas, mergulhado na sua grande dôr, ás vezes em completa vacuidade cerebral.

— Candido, ainda não?

— Até agora, não, doutor. Mas eu tenho esperança. Ella abriu ha pouco os olhos e me sorriu!

— Sorriu... E' o sorriso da morte...

E a noite passou, tremenda, escura como a tortura que lhe roia o coração.

A's cinco horas da manhã, tilintou a campainha.

O medico ergueu a cabeça, branco, profunda ruga a lhe dar ao rosto forte expressão de desalento e, tremulo, tomou o phone.

— Naturalmente ella morreu. E eu sou o culpado! Foi a Fatalidade que me perseguiu. Se ella morreu, arrebento os miolos.

E acariciava, com o olhar, a pistola que collocára sôbre a mesa.

— Alô! E' o doutor?

— Sim... Que ha?... Diga-me, pelo amor de Deus, ella já morreu?

— Qual, doutor, está salva! Ha dez minutos seu rim funccionou admiravelmente e...

O medico largou o phone e cahiu, exhausto, frio, sôbre o sofá.

....

Desceu correndo, as escadas, tomou um *taxi* e se dirigiu á casa do medico anatomo-pathologista.

— E' cêdo, doutor, para vir procurál-o, mas trata-se de um caso grave. Examine, por favor, esse rim, pois creio que o extirpei inutilmente.

(*Continúa na pag. seguinte*)

— 901... Deixem passar a senhora com o bébé... 902... 903... E, completo!

O conductor estendeu o braço. Ouviu-se *ding-ding-ding!* E o autoomnibus mergulhou na noite.

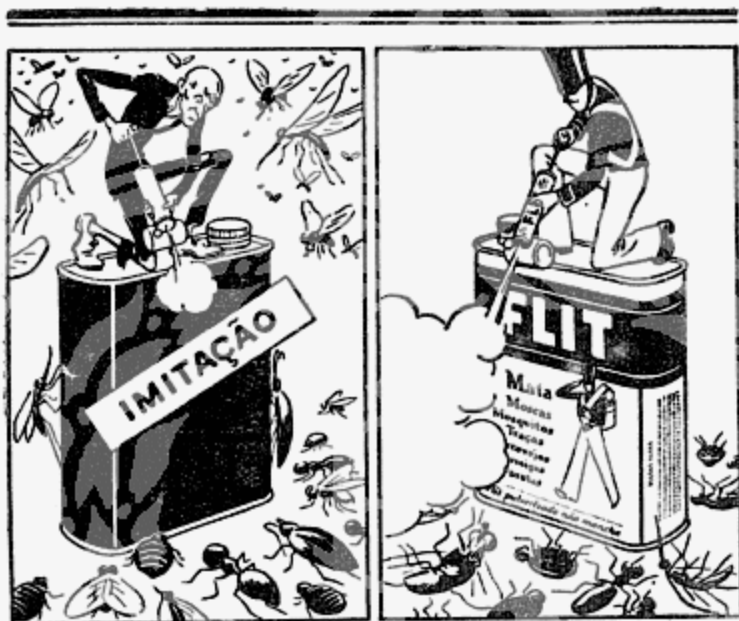
Panard encarquilhou-se um pouco mais sob o guarda-chuva desbotado. Era o oitavo A1 que deixava passar. Todas as noites, ao regressar para jantar, só conseguia apanhar o nono e ainda assim sempre depois duma senhora transportando um bébé. Era um habito a tomar. E, para ter paciencia com mais coragem, Panard pôz-se a pensar nas doçuras que o esperavam: o lampeão defumado, a má tiragem da chaminé, e a, noutros tempos, agradavel mme. Hortense Panard, que Chéron to... positivamente enraivecida. E, e... quanto pensava sob a chuva ref... gerante, com um grande barul... de buzina e de freios, o nono ... chegou.

Houve um minuto de algazar... sobre a ordem da chamada e ... dos numeros, depressa acal... aliás, por um tonitroante: "904... 5... 6... Deixem passar a senh... com o bébé..." E foi a vez ... Panard (n. 907) escalar aleg... mente o estribo.

Oh! foi com alegria, desta v... que ouviu o conductor puxar t... vezes a campainha. Uma lagri... de melancolia chegou a molh... lhe as palpebras. Quando u... "Ouça lá, seu coisa! quando p... tende acabar?" o tirou do seu e... ternecimento.

Levantou os olhos espantad... E a joven senhora que estava ... fronte delle, uma joven mam... com o seu bébé enfeitado de ... das, continuou, acerba:

— Não comprehende, não?

Não, com certeza, não comp... hendia. O seu olhar provava-o ...

O BÉBÉ

Falso diagnostic...

(Continuação)

Sentou-se. Esperou longo t...

Ao fim de duas horas marty... zantes, o doutor lhe disse:

— Socegue. Este rim está ... facto tuberculoso, mas sem ... microscopico de lesão. Isso é ... caso raro na Sciencia. O s... não se enganou.

....

Chegou, esbaforido, ao hos... Subiu, celere, as escadas, se... tir que todos o olhavam ... tados.

Chegou ao quarto da enf... A irmã Angelina veiu abrir ... ta. Aproximou-se da cama.

A operada dormia serenam... Tomou-lhe o pulso: bom.

Então, no paroxismo da ... do desafogo, aquelle homem ... nunca chorára na vida, deb... se á beira da cama, to...

De René Virard

ficientemente. Com volubilidade, a joven senhora proseguiu:

— Pensa talvez que vou supportál-o até o fim, hein? Pois bem: não. Engana-se, meu amigo. Quer tirar-me esse negocio, e o mais depressa possivel?

Mas, como o pobre homem continuasse sem tirar nada, começou então uma ladainha em que Panard ouvia primeiro a comparação com certas flôres, depois com diversos passaros, para passar em seguida aos quadrupedes, principalmente ruminantes, e terminar por um retumbante parallelo entre elle e as victimas de Voronoff.

Depois, mão nervosa arrebatou o guarda-chuva molhado de Panard e atirou-o com barulho em cima do banco.

Com effeito, era elle a causa de todo o mal. Desde a *gare* de Saint Lazare fazia as suas pequenas necessidades sobre os sapatos de verniz e sobre as meias de sêda da encantadora viajante.

Panard comprehendeu então dum traço; mas os "beu..." e os "meuh..." que proferiu para se desculpar, naturalmente, só fizeram exasperar a sua vizinha... Embriagada pelas injurias que debitára, debitava e queria debitar, sem outros argumentos, agarrou o fedelho por um pé, e, zás! no rosto carmezin de Panard: primeiro da direita para a esquerda, depois da esquerda para a direita. E assim por diversas vezes, accelerando o movimento. Homens levantaram-se enojados. Senhoritas sentiram-se mal, emquanto que as respectivas mamães desmaiavam.

Então, o conductor sacudiu a saccola, como uma camponeza agita o avental para assustar as gallinhas. Um formidavel golpe de craneo de creança na nuca foi a sua recompensa.

E, quando na mão crispada da irascivel mamãe ficou apenas um pézinho ainda coberto por uma fina meia de lã branca, toda satisfeita por ter feito justiça por suas proprias mãos, pensadamente, tocou a campainha e desceu na primeira parada, deixando aos bons cuidados dos encarregados da limpeza de T. C. R. P. os restos esparsos do seu presumido filho.

Porque, no genero de Courteline, era uma joven senhora a quem os embrulhos não mettiam medo e que preferia transportar todo o santo dia um boneco de celluloide nos braços para aproveitar do direito de prioridade...

---

as mãos da doente, num pranto brusco e nervoso, orvalhou-as de lagrimas.

Ella, acordando, olhou-o admirada. Fitou-lhe muito a testa ampla sulcada de profunda ruga, os olhos, rodeados de olheiras tão grandes como as della, fez menção de limpar-lhe as lagrimas com as mãos transparentes, depois parou nos cabellos e ficou longamente a olhál-os, muda, ansiosa, pasmada...

Intrigado, o medico ergueu-se e foi ao espelho...

A luz do sol, áquella hora já bastante forte, entrava, acariciando, pelo quarto e beijava meigamente o espelho.

O medico olhou a sua athletica figura reflectidas: nada havia que chamasse a attenção. Tornou a se olhar... Pasmou... Passou as mãos nos cabellos para ver se eram os seus... Depois sorriu...

Sua cabelleira, negra, espessa e reluzente, havia completamente embranquecido em menos de vinte e quatro horas!

DECEPÇÃO

ELISA, á janella, regava uma muda de geranio, que trouxéra da sua provincia num bolsinho da valise.

Era a muda dum pé vigoroso, de flores duplas, e de nome barbaro. Não se vêem muitos que tenham tão bonitas petalas frisadas, com um perfume de ambar e de raiz de lyrio, — pelo menos na provincia. Talvez que em Paris onde se deve gostar tanto de flores...

A proposito de flores, nessa manhã, não devia esquecer de comprar um ramo de rosas que decidira oferecer á viscondessa de Fontanges.

Fal-o-ia quasi por superstição para que a sua primeira viista nesse Paris desconhecido, um pouco temivel, fosse perfumada e florida, e tambem porque lhe era muito agradavel ir apresentar as suas homenagens a essa viscondessa de Fontanges, que tão gentilmente a iniciára nos encantos da vida elegante, no sentido mais familiar e discreto.

A viscondessa de Fontanges? Ah! sim, é verdade, não sabem. A viscondessa de Fontanges é a redactora-chefe da "Voz do Mundo Chic". Escreve na secção elegante, e não cessa, num estylo delicioso, e muito cordialmente, de prodigalizar conselhos ás suas leitoras que lhos pédem sobre a moda, sobre casos difficeis do saber-viver, sobre todas as circumstancias em que o destino sentimental do coração está em causa.

Que pessôa encantadora e distincta devia ser essa viscondessa de Fontanges, e como a menor das palavras que destinava ás suas correspondentes revelava esse não sei que das pessôas da sua esphera! O extraordinario é que se pudesse sentir á vontade nas relações com ella, embora fosse uma senhora do melhor meio.

A prova é que Elisa Jointe, que, entretanto não é muito audaciosa, se apressa-se, chegando a Paris, em ir offerecer-lhe um ramo de rosas.

Ah! ella vae ficar admirada, sim, quando souber que "Bouquet de Pervanches" está em Paris e lhe traz flores. Será muito gracioso.

Por exemplo, é preciso que saibam, "Bouquet de Pervanches" é o pseudonymo que Elisa escolheu para corresponder-se com a viscondessa de Fontanges, que, aliás, assignava todos os seus trabalhos com pseudonymos, na "Voz do Mundo Chic". Era uma especie de grande familia; não havia nada de mais commovente. E essa viscondessa de Fontanges muits vezes se dizia a irmã mais velha de todas.

A idéa de fazer essa visita commovia um pouco Elisa, mas impedia-a de entristecer-se por ter deixado a querida aldeia provençal onde os pobres mortos repousam sob as arvores. Certamente que a sua impressão de estar sózinha em Paris seria menos profunda quando, dali a alguns dias, transpuzesse o limiar da casa Bergheim Irmãos, onde entrava como desenhista de

Ella. — Si continuas a dizer asneiras, torço-te o pes[illegible]

De Monce Casanova

bordados. A viscondessa de Fontanges, cuja voz affectuosa lhe trazia um consolo tão doce, lá no seu canto da provincia, aqui só lhe podia ser tutelar.

Sahiu para comprar um bello ramo de rosas e, ás 5 horas, foi á rua Lecépéde, aos escriptorios da elegante revista. O seu coração batia fortemente.

Ali, experimentou uma grande admriação. Imaginára o unico quadro digno das leitoras da "Voz do Mundo Chic": reposteiros de velludo com borlas de ouro, *plafonniers* de crystal cortado, motivos de arte em toda a parte, um perfume fluctuando...

A porteira indicou-lhe uma escadaria de madeira, no fundo de um pateo lamacento, onde estagnavam aguas gordurentas.

Elisa subiu quasi automaticamente, com a vaga esperança duma mudança de scenario.

O ptamar do terceiro andar estava atulhado de pacotes de revistas numerados a lapis vermelho. Em um porta, achava-se a inscripção prestigiosa que, por tanto tempo, encantára o espirito da candida moça de Provença, e que, de repente, lhe parecia profanar-se, deante de si. O coração apertava-se-lhe no peito offegante. O ramo de rosas parecia-lhe ter-se tornado muito pesado.

No momento em que ia retirar-se, sem ter coragem de bater, um velhinho, meio corcunda, sahiu. No hombro trazia um pacote de revistas que ia juntar aos outros.

— Senhorita... — disse, depois de ter pousado o pacote. — Deseja alguma coisa?

—... "A Voz do Mundo Chic"?...

— E' aqui, senhorita... Queira entrar.

Elisa achou-se num commodo exiguo, mobiliado com um canapé, algumas cadeiras, e um busto em gesso de Maria Antonietta.

— A senhorita, sem duvida, é uma das nossas caras leitoras — recomeçou elle.

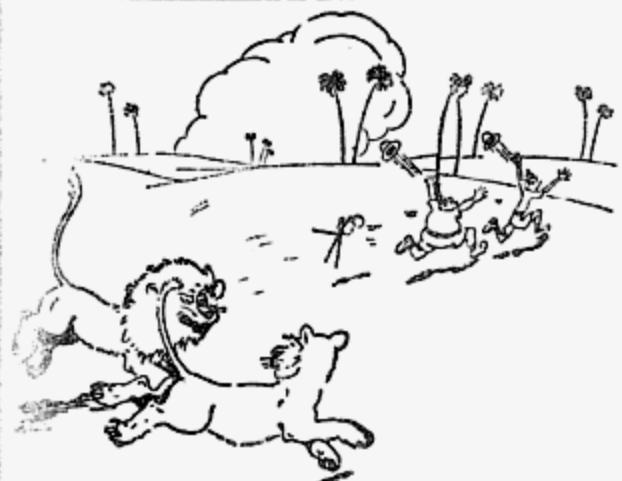
Elisa não respondeu e balbuciou:

— Desejava que a viscondessa de Fontanges me recebesse por alguns instantes.

— Não podia chegar em melhor occasião, senhorita... Sou eu que assigno viscondessa de Fontanges... Quer dizer que... como na maioria dos nossos confrades... é uma assignatura ficticia... A viscondessa de Fontanges não existe... ou, melhor, se quizer, senhorita, — accrescentou sorrindo — sou eu a viscondessa de Fontanges... Em que vou ter a honra de lhe ser agradavel?

Elisa entreabriu os labios. Nem uma palavra escapou. Inclinou-se vagamente e sahiu.

Descia a escada muito devagar, como se agora hesitasse em entrar nessa vida desconhecida de Paris, depois da primeira decepção que acabava de sentir.

E, na mão cahida, as bellas rosas se sujavam de encontro ás bordas dos degráos poeirentos.

— Você permitte que eu pégue aquelle mais gordo?... Temo, hoje, uns convidados para o jantar...

ENCONTRO D

O professor França caminhava, solenne, coberto pelo camisão de linho branco, entre a dupla fileira dos leitos alvadios, onde se agitavam tantos soffrimentos humanos. Caminhava pausadamente, seguido do pelotão, tambem branco, dos internos, dos externos e dos numerosos discipulos, ávidos de ouvir a lição do illustre mestre. A cabeça baixa, absorto, o bonné branco plantado bem para traz sobre a testa lisa, e as duas mãos mettidas nos bolsos do avental, elle não dizia nada. Os que o acompanhavam respeitavam, imitando-o, o seu silencio. de quando em quando, um dos rapaes, ou a quintannista Fritz, faziam um signal de amizade a uma das doentes, que se sentava na cama para dizer.—"Bom dia melle. Fritz!" ou "Bom dia, doutor" — a um ou outro dos internos. E a marcha continuava. Pararam, emfim, junto a um leito e logo fizeram circulo em torno do professor. Todos se apressaram, curvos, o pescoço esticado para melhor ver e ouvir a lição. A luz crua daquella manhã de inverno penetrava pelas immensas janellas envidraçadas, augmentada pelo reflexo da neve que cahira durante a noite, cobrindo de um espesso lençol branco os jardins e os telhados em volta do edificio. Assistir a um diagnostico do grande cirurgião era coisa rara e preciosissima. Elle não vinha todos os dias ao hospital.

Era o chefe da clinica que o substituia frequentemente.

O professor França não era somente um habilissimo cirurgião: amante dos trabalhos de laboratorio, era tambem um physiologista e um biologista notavel, alem de ser um clinico maravilhoso. Era feio; mal encarado, como para esconder cuidadosamente, no amago do coração, um thesouro de bondade e de misericordia em relação aos que soffrem. Mas tinha sempre uma attitude fria e distante com os seus collegas.

Ha quem diga que elle é orgulhoso.

Todos sabem que se fez por si proprio. E' o filho absoluto do seu esforço, da sua ferrea vontade de vencer, sem nenhuma outra protecção que o levasse ao grão de saber e de valor que o classifica hoje entre os mais sabios. Ninguem lhe conhece a familia; não é casado e não frequenta os meios mundanos: a sua vida passa-se entre o laboratorio e o hospital, sempre prompto a attender á numerosa clientela que o venera pela sciencia, assim como pela sua nobre consciencia. Não faz nenhum esforço para agradar, mas de vez em quando passa nos seus olhos, uma chamma de ternura, que lhe dá um olhar encantador.

Naquella manhã elle ia dar a sua aula, junto ao leito onde se achava estendida uma mulher velha: o corpo nú, preparado já para o exame. A pobre creatura tinha os cabellos grudados á pelle amarellada, sêcca, como se fôra pergaminho. Dois olhos, que foram certamente lindos, queimavam tragicamente no fundo das orbitas ossudas.

Ha certos olhares cheios de angustias, de curiosidade e ao mesmo tempo de cynismo gaiato, que parecem desafiar a dôr, a miseria e a morte. As faces macilentas entravam no concavo das mandibulas, como se fossem chupadas por um sôpro interior que empurrasse para fóra os dentes abalados entre os labios roxos.

O professor França começou a lição: descrevendo o caso do tumor maligno que fazia um

De Itavaz

ventre enorme ao corpo já cachectico pelo proprio mal. Determinou o logar exacto do tumor, o feitio e os effeitos do carcinoma. A mulher ouvia tudo, mas não podia comprehender a linguagem téchnica, especialmente empregada para deixál-a na total ignorancia de sua condemnação. A's vezes gemia, ás vezes sorria ao interno que lhe apalpava as carnes sob os olhos do mestre.

O professor a interrogava; e, mostrando-lhe uma larga cicatriz esbranquiçada, como um arranhão, que lhe atravessava o ventre perpendicularmente, perguntou:

— E' um signal dos seus partos, não?

A mulher tomou um ar feroz, o olhar duro e esquivo, para responder, com voz rouca:

— Não sei!

— Como não sabe? Você não sabe se teve filhos?

— Que lhe importa saber? Quando souber, poderá talvez me curar? Pois, então, tive, — se isto o interessa — tive um filho, sim, mas é como se o não tivesse: não o tenho mais.

A expressão da pobr emulher tornára-se tão tragica, que todos os presentes tiveram um como estremecimento. O professor adivinhou a tortura da alma, através da tortura do corpo, e indagou, com doçura:

— Seu filho morreu?

— Talvez sim... talvez não. Quem poderia sabel-o?... Mas para mim é a mesma coisa. Faz tantos annos!!... A culpa foi minha... e não foi. O doutor comprehende — E sua voz tomou tons de humilde ternura. — Preciso dizer ao senhor, e a estes rapazes, e a melle. Fritz: Quando se tem um filho aos dezesseis annos... e nos jogam na rua com o pequeno... e o pae desapparece.... é muito difficil de se viver. Procura-se trabalhar: não se encontra trabalho! Vem o desanimo... Mas é preciso sustentar a criança, comprar o leite, vestil-a... Então, por desespero, a gente... fica *alegre*... para não chorar. Entreguei meu filho a uma ama, no campo perto de Chautilly. Muito bôa pessôa. Chamava-se Henrique, o meu filhinho, porque eu me chamava Henriqueta e porque elle se parecia tanto commigo... Tinha, como eu, um signal côr de rosa no hombro esquerdo... Era tão mimoso o meu menino!

A voz subia, descia, modulando sons tragicos e cheios de ternura. Havia dôr, amor, vergonha e tambem muito alcool naquella voz quebrada. A cabeça da mulher rolava de um para outro lado e as mãos descarnadas se estendiam e se encolhiam, numa actividade febril de inconsciente. O ventre enorme, erguia-se, inchado pelo monstro que a roia interiormente.

(Continúa na pag. seguinte)

Fritz, enxugou-lhe o suor que escorria da testa, tentou acalmal-a, fazêl-a calar. O professor fez signal para que a deixasse falar. Ella continuou:

— Meu filhinho era tão bonito e tão bom... Crescia muito bem, forte, robusto! Eu ia vêl-o, quando podia. Era no tempo em que cantava as minhas cançonetas nos cafés de Montmartre, e nem sempre tinha a liberdade de deixar Paris: os ensaios... aquella gente toda...

Interrompeu-se para gritar:

— Oh, doutor, não enterre assim os dedos na minha barriga! Isto dóe!

Depois, recomeçou a falar como num delirio:

— Emfim, isto e o resto não chegavam para pagar a pensão do pequeno. A ama não suspeitava de nada... não sabia qual era a minha vida. Eu levava brinquedos ao Henriquinho. Uma vez dei-lhe um grande cavallo amarello, que tinha sinos na cabeçada e as redeas verdes. Como elle ficou contente! Já ia para a escola. E era tão estudioso. Aprendeu a ler em poucos dias. Contou-me a ama, que o mestre nunca tinha visto um menino tão intelligente. Depois... depois fiquei doente com uma febre má, que me tirou a consciencia e a memoria por muito tempo. Quanto tempo?... Nem sei! Dei por accordo de mim num hospital como este. Quando sahi, curada

ENCONTRO

(Conclusão)

não tinha mais voz... não podia mais cantar. Mas era preciso viver. Dancei; fui cartomante; empreguei-me como criada. Tive fome, e quando não tinha bastante para comer, bebia... embriagava-me de proposito, para esquecer o horror da minha vida. Não ousei mais ir ver o meu pequeno. Tinha vergonha. Eu sabia que elle era muito querido e bem tratado onde estava. Não tinha remorsos. E o tempo passou. Uma vez, não aguentava mais de saudade, fui saber noticias do meu filho. Disseram-me que a ama e o marido tinham morrido e que alguem trouxera o meu menino para Paris. Onde estaria elle? Só por um milagre poderia encontral-o neste mundo de cidade. E eu era tão miseravel, tão desgraçada! Perdi meu filho! E' como se nunca o tivesse tido, nunca!

A mulher offegava, e grossas lagrimas escorriam-lhe, saltando, pelo rosto cavado. O prof. França, fascinado, olhava o ventre que havia amparado e nutrido o ente vivo como num tabernaculo sagrado, onde se elaborára a obra eterna e purificadora da gestação. O ventre, instrumento creador, fonte de miseria, e berço do genio.

Afastou os discipulos e com as duas mãos apanhou as cobertas enroladas nos pés da cama, puxando-as por cima ao largo das pernas, sobre as ancas miseraveis, até o peito que cobriu docemente, parando-a com uma caricia debaixo do pescoço, onde as arterias batiam um galope desenfreado.

— Mademoiselle Fritz — disse á sua interna preferida — mande fazer já a folha de sahida desta doente. Irá para minha clinica. — Encommende o carro da Ambulancia immediatamente. Faz favor!

— Por que... por que me manda embora? — reclamou a mulher. — Estou bem aqui, não quero sahir! Mlle. Fritz cuida de mim com tanta bondade... tenho o meu café pela manhã... tudo é limpo. Não me podem deixar ficar tranquilla aqui mesmo? Estou velha, não posso mais fazer nada, vou morrer no meio da rua. Aonde me vão levar agora?

O illustre professor, curvado sobre a infeliz; com as suas mãos doces e sabias, afastava as mechas dos cabellos grisalhos que se empastavam de suor sobre a testa enrugada, emquanto ella ainda lhe gritava com rancor:

— Por que me manda embora? Para onde quer que eu vá?

Elle espondeu, com a voz profunda e cheia de ternura:

— Para minha casa, que é a que bem poucos lhe conheciam: tua casa, mamãe! Minha pobre e santa mãe!

CARTA A UM MEDICO

MEU amigo: Diga-me você, que conhece bem as miserias humanas, diga-me você, que tem passado tantos annos de sua vida cercado de creaturas infelizes, de degenerados ou imbecis, victimas desgraçadas do proprio nascimento, — diga-me, meu amigo, o que se póde pensar da esterilização?

A sciencia empresta um poder extraordinario é hereditariedade.

Pergunto-lhe eu: todas as taras hereditarias, toda a multidão de soffrimentos que se perpetuam, ás vezes, através de tantas gerações, o diluvio de lagrimas de tantas mães, tudo o que dá ao mundo o aspecto triste de um hospial immenso, tudo isto, meu amigo, não poderia ser attenuado?

Não merecerá a eugenia de nossos proprios filhos os maiores sacrificios de nós mesmos?

Ademais, meu amigo, que vale a vida de um homem, se cada vida é um poema de dôr?

E' a vaidade de ser pae — é a dôce vaidade com que todos sonhamos; é a voz da especie falando na natureza de cada homem que o revolta até a idéa de terminar, na propria vida, a vida de todos os seres que o precederam?

De facto, meu amigo, deve ser bem grande o sacrificio do homem que se isola do futuro. Deve ser enorme a dôr de quem vê exterminar-se com um golpe de bisturi o fogo sagrado da vida de que é ultimo portador. Mas, a felicidade dos posteros não merecerá este sacrificio?

E, porventura não é um sacrificio constante a propria vida de cada um de nós?

Que força mysteriosa move tantas almas, senão a força suprema da abnegação?

De quanto é capaz o coração de um pae, meu amigo?

Qual de nós não seria forte bastante para enfrentar todas as miserias, todas as lutas, todas as infinitas crueldades da vida para dar conforto e felicidade á carne de nossa carne, ao sangue de nosso sangue?

Só os degenerados meu amigo, e esses não merecem procrear.

Ahi está por que penso que, a assistirmos um filho subir, passo a passo, todo o Calvario da vida de doentes que sejamos, mil vezes seja sacrificada a santa vaidade de ser pae pela vaidadae mais santa de não ter um filho infeliz...

Diz-se que "o genio é uma nevrose". E por isto ha quem prefira que se multiplique o exercito dos desgraçados congenitos, ha quem queira que a sciencia não se immiscúa na selecção natural e nasçam todos os dias, em todos os cantos do mundo, dezenas e dezenas de miseraveis tarados; ha quem deseje a eterna marcha á dôr a sacrificar um genio possivel que venha a surgir do seio dessas creaturas infelizes.

Admittamos, meu amigo, que o genio seja uma neurose e que somente de um ventre de martyr possa ter o mundo o cerebro de um Comte. Admittamos isto, meu amigo. Mas ainda assim, a obra de um genio de que a humanidade se preve valerá, de facto, o poema de dôr de tantas vidas miseraveis?

RENATO CASTELLO BRANCO

(Da Ac. de Letras da Faculdade de Direito).

saibam todos...

CAPITU' (S. Paulo) — Não lhe asseguro si o seu trabalho já foi publicado. Creio que sim. Mas si estou em erro, adeanto que elle sahirá logo que haja espaço.

O diabo não é tão feio como pensa. E si ha um cavalheiro desinteressado, sempre disposto a trabalhar sem recompensa, esse cavalheiro não será melhor do que eu... Direi até que já estou cansado de servir de escada para tanta gente...

Fala em volubilidade. Tem razão. Sou um pouco venêta, e mudo de idéas como as suas irmãs de sexo mudam de amores e de convicção...

Quanto á visita, que me promette, aereamente, é coisa difficil de realizar-se.

As visitas de pura cortezia, eu as recebo, tambem, por méra cortezia — como quem cumpre um simples dever social. As "outras", as visitas onde ha um pouco de sympathia e de alma (?) — dependem de formalidades, ditadas e aconselhadas pelo interesse que me despertam e pelas circumstancias que a rodeiam. Dependem de aviso prévio, pelo telephone: de uma preparação de espirito, para o que muito concorrem o meu bom humor, os meus vagares e o grão de affinidades mental ou espiritual, que exista entre a "visita" e a minha pessôa.

Porque, eu sou dos que se escondem de visitas cacêtes, ou que não me interessam em nada. Do mesmo modo que tudo sacrifico por uma "visita" amavel e querida...

Não nego que ha uma grande força de sympathia intellectual que me inclina para o espirito de v. ex. Mas... bem póde acontecer que, si não houver antes uma preparação de espirito, — póde essa visita resultar numa decepção, para ambos os lados... Que diz?

Em todo caso, meu telephone é — 2-4136, de 10 ás 11 e de 5 da tarde ás 6 horas.

CIGANA (S. Paulo) —Oh illustre e distincta paulista! Muito prazer em conhecel-a... em espirito...

Não posso deixar de dar publicidade á sua elegante missiva, sobre a chroniqueta que publiquei, a proposito do carnaval carioca. Escreve v. ex.:

"Yves. Passei o carnaval no Rio e estou de accordo com o seu modo de pensar emittido em "Rendas e Espumas" do ultimo n. do Fon-Fon.

Que pena, não acha, o carnaval não ser mais o que foi a 20 annos atraz! Você o conheceu, não é verdade? eu porem só conheci o carnaval "sonoro", pois, só ha 4 annos que o assisto. Antes disso estava engaiolada no Collegio "Des Diseaux", e nas vesperas do reinado de Momo, lá se ia para a gaiola.

Mas eu tinha minhas idéas a respeito desta grande festa. Achava que deveria ser uma cousa formidavel, embriagante, maravilhosa! Ha 4 annos o encanto quebrou-se. Gostei do carnaval. Vivi horas lindas, lindas de facto!! Este anno fui passal-o no Rio, foi uma decepção. Não gostei. Porque será, Yves? Estarei assim tão "blasée", portanto só tenho 21 annos.

Você nunca recebeu cartas minhas. Já o conheço muito através do Fon-Fon e de seus versos cantantes, mas, até hoje não me atrevi a aborrecel-o. Tenho medo de sua critica mordaz, terrivel que não perdôa cousa alguma, embora isto seja uma carta e não literatura. Hoje armei-me de coragem e vim importunal-o. Merecerei uma resposta? não sei, isto é com você. Sou paulista, e parece que você é indulgente com as moças da minha terra.

Adeus Yves, receba as lembranças da. — *Cigana*."

Só me admirei, em tudo isso, da sua invejavel coragem: confessar seus lindos 21 annos. E digo lindos porque a sua letra me diz que v. ex. é uma paulista linda...

Que pena que a não tivesse conhecido aqui — durante o carnaval! Que pena!

SUAVE ENLEVO (S. Paulo) Upa! Lá vem literatura feminina... Mais uma vez, os poetastros que dormem na *cesta* de papeis, vão dar o desespero...

Leiamos a bella carta da senhorita *Suave Enlevo*. Dois pontos:

"Snr. Yves. Geralmente todas as pessôas que lhe escrevem têm dois fins: um de lhe pedir estudos graphologicos, ou outro, de lhe enviar poemas.

Não estou em nenhum desses casos.

O meu escopo é outro.

Li, domingo, no Jornal do Brasil, uma chronica de Paulo Gustavo, fallando á respeito das louras.

Com effeito! Não fiquei satisfeita e vou lhe dizer porque.

Nos outros carnavaes, louvaram a morena e a mulata e ninguem protestou: agora como chegou a vez das louras, todos acham-se com direito de humilhál-as e ridicularizál-as.

Eu não sou loura nem morena, pois tenho os cabellos louros (mas não são oxygenados) e a pelle amorenada (tambem não é queimada pelo sól, não), por isso sou suspeita, mas acho uma cousa sem nome, quererem diminuir o merito de um determinado typo.

Sempre louvaram as morenas e mulatas, ninguem foi contra, pois agora um que talvez tenha tido alguma desilusão com alguma loura, achar-se com direito de ridicularizal-as.

Não julgue que estou a favor das louras e contra as morenas,

(*Continúa na pag. seguinte*)

mas acho que devo protestar contra esta injustiça.

Não se zangue commigo, pensando que venho lhe pedir apoio, somente venho aqui deixar e meu protesto.

Pela minha carta verá que não sou nenhuma "lettrada", portanto perdoe-me si o estou importunando.

Tambem peço-lhe o favor de não fazer commentarios a minha missiva.

Vou despedir-me, desejando-lhe felicidades e melhores consulentes,

De *Suave Enlevo.*"

Como vê, não me foi possivel attender o seu pedido de não fazer commentarios á sua missiva. E' necessario que o poeta Paulo Gustavo, o escriptor e poeta tão querido das moças, pelos seus livros a "Divina Amargura" e "Por amor ao meu amor", acabe sabendo que, afinal, as louras não são differentes das rosas: — tambem têm espinhos...

Eu, por mim, ando um pouco decepcionado com as morenas... As que conheço, não só possuem espinhos como tambem... são mentirosas...

Agora, fica provado que as louras — e as semi-louras, *oxygenées*" e companhia, tambem possuem espinhos — como as rosas e as morenas... Acaso tambem serão mentirosas?

E' isso o que o Paulo Gustavo precisa investigar...

E até sabbado, *D. Suave Enlevo*...

M. H. (S. Paulo) — Eu hoje estou na *maré* (?) das missivas femininas... Ha de tudo: — queixas, declarações amorosas, literatura, lições da vida... etc., etc...

Vejamos a sua carta, senhorita *M. H.*:

"São Paulo, 23 de Fevereiro de 1934. Caro poeta. Ha muito que venho acompanhando a sua "Secção de Saibam Todos", que tanto prazer nos proporciona com as suas ironias deliciosas cheias de espiritualidade. Quem assim lhe fala é uma assidua leitora sua, de dezesseis annos apenas. Sim, realmente admiro-o sem todavia ter este direito por ser incompetente para julgal-o.

A ideia de escrever-lhe, veio me de uma photographia sua que achei por acaso num "Fon-Fon" de 1932.

Feliz acaso, em que tive o grande prazer de conhecêl-o. Julgava-o, tão differente, quarentão obeso, e no entanto realidade agradavel como bem poucas, você se apre-

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

senta com uma bella cabeça de poeta. Fiquei scismando como poderia você ser infeliz.

Então belleza, talento, não significam nada? Feliz d'aquelle que tem cultura. Geralmente os poetas morrem pobres miseraveis mais cheios de gloria.

Chega de lenga-lengas não é verdade? Por isso, vou entrar no assumpto que me toca. Peço-lhe o grande favor, de me dar a sua opinião acerca de um acrostico sem rima, sem nada, feita por esta cabeça louca que ama tanto a literatura. Seja qual fôr a sua opinião, diga-a com a sua franqueza caracteristica e creia-me infinitamente grata e reconhecida, por sua tão esperada gentlleza. Perdoe-me os erros grammaticaes. *M. H.*"

Vamos agora aos commentarios:

1.° — V. ex. se surprehendeu de ver, por um retrato, meu, que não sou nem "quarentão nem obeso"... Ora, obeso, — eu sei que o não sou. Tenho o typo do homem forte, mas, com tendencia para a magreza... Quanto a ser quarentão... ah! lá isso é segredo... Na duvida, eu fico amarrado aos meus dezeseis annos, como as senhoritas que não sabem dahi... E' mais pratico... Daqui a dez annos, espero estar com 18... apenas... De-zoi-to! Ouviu, d. *M. H.?*

2.° — Dizem os poetas que mando para a cesta que sou uma cavalgadura... Esses meus *collegas*..

3.° — Pergunta-me si o seu acrostico está bem feito.

O acrostico está para a literatura moderna como os dinosauros estão para a fauna actual... como as barbas de Moysés e o cavagnac do ex-kaiser... O acrostico é velho como Adão. Dizem que foi a primeira poesia que o nosso pae commum offereceu á Eva, antes de ser expulso do Paraiso. O acrostico é anti-diluviano, senhorita.

De modo que eu sou desta opinião: — como arte literaria, o acrostico não é lá grande coisa. Creio mesmo que o moço fel acrosticado (que palavra idiota *acrosticado*! Acrosticado ou *acrosticado?*) — seja lá como fôr, penso que o moço não deve ter ficado contente com v. ex... Mas, como expressão affectiva, elle deve ser uma maravilha... Pois v. ex. começa por dizer:

Amo-te mais que a mim propria...

Ora, todos nós sabemos que a mulher só ama a "si mesma", "a si propria"... Ella não ama a ninguem mais...

Entretanto, como é agradavel á gente ouvir uns labios femininos se abrirem para dizer: "Amo-te mais que a mim propria!"

E' um encanto, encantadora parnasista!

JIM (?) — *Jim* com G é uma especie de paraty... Que mau gosto o seu, poeta!

A sua carta é uma delicia... para fazer rir. Sem querer, o sr. fez papel de palhaço — ao escrever essa sua missiva de poeta que foi para a "cesta"... e não quiz ficar dentro della...

Vamos gozar a sua missiva: o sr. começa dizendo:

"Dr. Ives, ha muito lhe escrevi uma carta laudatoria, acompanhada de alguns versos. Pois bem, o sr. os criticou com tanta vehemencia e irritação, que fiquei perplexo".

E adeante o sr. cae na tolice de confessar:

"Todavia, o que não póde permanecer de pé são os elogios da delicada e respeitosa missiva, a que me reportei, de inicio. O sr. os não merece. Dei-lhos deslumbrado por essa atmosphera de esplendor, por essa aureola de falsa sapiencia".

Mas, o sr. é magnifico, é formidavel, é mesmo irresistivel — para fazer rir — quando declara, nobilmente:

"Sua critica sobre meus versos — aspera e ôca impertinente e cega, — veio prevenir-me o espirito, despertando-o para uma analise mais profunda e segura de suas obras. Era-me necessario conhecer o criticador, que se me apresentava com tamanha a

rogancia. Nunca jamais critico algum se me dirigiu com os despropositos da sua linguagem e a falta de senso e criterio de seus julgamentos. E eu os tenho submetido á apreciação de gente entendida na materia. Os versos que lhe enviei foram recitados aqui, numa festa de academicos e doutores, tendo obtido francos aplausos. Tenho colaborado em bons jornaes e revistas. Reconheço a pequena altitude de minha capacidade, mas quem tem conseguido tais triunfos não póde ser considerado como o foi por sua pena, envenenada á maneira da flecha dos bugres."

Agora, lá vem o carro adeante dos bois. Quer dizer, o sr., que me procura e pede opiniões sobre os seus versos aleijados, é quem me manda estudar, lêr, etc.

Vejamos o que me escreve:

"O sr. deve estudar, e muito. Leia os classicos, a gramatica historica e a latina. Nada de gramaticas expositivas e sistemas ortograficos, de indigesta e improficua leitura. Consulte, mormente, as obras de Sterne, Butler, Lamb e Thackeray, para adoçar a sua critica, que está muito azeda."

Como se vê — é o carro puxando os bois... Apenas, o sr. recorreu á minha critica. Ao passo que eu, nunca soube si o sr. existia...

Tem mais ainda. E agora, o ataque é ás minhas leitoras. Lá vem *seu Jim*... atraz do carro...(?)

"Como poeta, o sr. é simplesmente abominavel. Quem lê "Azul e rosa" e "Suave enlevo" devia, inegavelmente, ter nascido na Idade Media. Enfim ,é explicavel que suas damas, futeis e vaidosas, o apreciem tanto. Isto se dá com todo o vate efeminado. (Si o sr. visse os meus muques... não diria tal coisa... Nem siquer sou almofadinha..." "Similia similibus facillime congregantur". Perdôo-lhes. O sr., porém, é que não tem justificativa. E' um monstruoso pecado contra as leis naturais conservar suas admiradoras no obscurantismo do passado, na penumbra do romantismo, quando, cá fóra, a vida baila estonteante, pelas paisagens cheias de côr e de luz. Traga-as para o ar, para o ambiente (?) Dê-lhes banhos de sol e lições de ginastica."

Isso de gymnastica é com o sr.— que sabe fazer acrobacias deante da *cesta*...

Não, querido *Jim*, o melhor que farei, é mandar as minhas leitoras lerem os seus versos... Elles são optimos para fazer rir e, portanto, para desopilar o figado...

Ha, ainda, mais bobagem. O sr., *seu Jim*, querendo diminuir-me, se revelou tão pouco intelligente, que até me elogiou... O tiro lhe sahiu pela culatra...

Vejamos:

"Em suma, quer na qualidade de fazedor de versos, quer na de escrevedor de contos e cronicas o sr. tem muito do estilo do Souza Dantas. E' um cortesão das letras a mais, um fidalgote da literatura de alcova."

E ahi está porque possúo tantos inimigos gratuitos. Como não os posso considerar grandes artistas, os taes bigorrilhas — para usar uma expressão do meu leiteiro, o Manéles, alentado minhoto — se vingam em falar mal de mim, onde quer que estejam...

YVES

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviarnos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136

FON-FON — 10-3-934

Data da consulta..........
Nome do consulente..........
....

O PIRATA

NADAVAMOS desnudos no canal de Nossi Kombi. Por felicidade a maré havia afastado os tubarões para Moçambique. Eramos tres: Pierre du Frêne, o amigo mais nobre que jamais tiveram os homens; eu, que me achava apaixonado por Charlotte Braeme; e Charlotte Braeme. Nadavamos desesperadamente, fugindo ao supplicio que nos ameaçava na Ilha Fragrante. Era preferivel morrer entre os dentes dos tubarões a cahir nas mãos dos indigenas enfurecidos, não tanto por nós, mas pela formosa Charlotte: aquelles negros a submetteriam ás mais espantosas torturas physicas e moraes.

Demos graças de ser tão bons nadadores. O canal de Nossi Kombi podia ser atravessado em trêz horas de nado, mas, para nos salvarmos, deviamos fazêl-o em duas horas apenas, porque do contrario os tubarões voltariam ao canal e despedaçariam a gloriosa carne de Charlotte

Chamo-me François Martel. Sou um nativo da Grande Ilha. Crêem muitos que sou mestiço, mas enganam-se: o meu sangue é absolutamente puro. Charlotte Braeme é tambem nativa e, além disso, formosissima. Pierre du Frêne nasceu na mãe-patria e veiu á colonia explorar a plantação de canna de assucar. Eu dedicava-me ao plantio do café na Ilha Fragrante, verdadeiro paraiso terrestre, ao menos por ter nella nascido Charlotte Braeme.

Mas, nos dias em que se passou esta historia, a Ilha Fragrante se havia convertido num inferno. Despertáramos naquella manhã á vista de um terrivel espectaculo: as plantações incendiadas e os indigenas rebeldes, não contentes com destruir o trabalho de tantos annos, dispostos a acabar com todos os povoadores brancos da ilha pelo argumento supremo das facas ponteagudas. Apercebendo-nos disso, Pierre e eu saltámos do leito e corremos, sem nos preoccuparmos com a nossa roupa e o nosso dinheiro, até a casa de Charlotte. Ali chegámos antes dos sakalavas. Cercados pelos indigenas, comprehendemos que por terra não havia possibilidade de fuga. Em qualquer canto em que nos mettessemos, nos alcançariam as facas dos sakalavas. Quanto a Charlotte... Oh! era melhor desafiar no Nossi Kombi as dentadas dos tubarões!

Retirámos Charlotte de casa. Ella nos seguiu confiante, porque sabia que a amavamos como amam os homens da Europa: até o sacrificio, se preciso, da propria paixão. E lançámo-nos á agua.

Uma duzia de indigenas, os melhores nadadores da tribu, arrojaram-se á agua em nossa perseguição. Armado de um "Kris", Pierre retrocedeu, ao encontro dos nossos perseguidores. Por trêz vezes seguidas descarregou a sua terrivel faca, e trêz sakalavas sumiram-se nágua, dé-

De R. G. Kirk

xando á superficie uma mancha rubra. Os indigenas sobreviventes voltaram á costa. Pierre alcançou-nos e continuámos a nadar até o grande promontorio de Antoransanga, onde estavam as novas plantações do nosso amigo. A chamma da rebelião ainda não havia chegado até lá.

Eu sabia que Pierre era, na agua, um golfinho e que Charlotte nada tinha que invejar ás sereias; mas nunca pensei que meus braços fossem capazes de fender a agua com tanta energia. Não era a idéa do perigo, mas a presença de Charlotte que me dava forças. E por isso pude acompanhar os meus amigos naquella fantastica aventura.

Nadámos uma hora inteira, até alcançarmos uma ilhota. Pierre, que nadára sempre inspeccionando a retaguarda, disse-nos:

— A perseguição não cessou. Os sakalavas preparam as suas canôas. Fiquem aqui descansando. Eu nadarei em diagonal. Irei ao encontro das canôas e poderei entreter os indigenas. Quado vocês houverem descansado um tanto, continuem a nadar em linha recta.

Charlotte, porém, gritou-lhe:

— Não, Pierre! Elles o matarão!

— E' isso mesmo, Charlotte! — respondeu o meu amigo. E' o unico meio de vocês se salvarem! Entreterei as canôas e tambem os tubarões... que não tardam a aproximar-se.

— E' uma loucura, Pierre! — gritei eu. — Fique aqui, comnosco!

— Impossivel. — insistiu Pierre. — Você, François, tem de viver para ella. Morrer por ella... Será a minha maior ventura. E' a você que Charlotte ama...

E, sem mais nada dizer, empunhando com a dextra a sua fatal "Kris", dirigiu-se á costa. Charlotte e eu vimol-o afastar-se, redemoinhando a agua.

Eu não podia seguil-o, porque Charlotte se atiraria tambem á agua do canal, para seguir-nos. Tive, pois, que resignar-me a deixal-o ir só.

De repente, recordando as ultimas palavras de Pierre, exclamei:

— Como sabe isso o nosso amigo?

— Todos os moradores da Grande Ilha o sabem... *menos você!* — respondeu-me Charlotte.

E então, estremecendo por uma ineffavel ventura, levantei-me para abraçar *Charlotte*. *E o* sal dos seus labios me pareceu, naquelle instante, mais doce do que o orvalho das rosas de Mada-

A bengalinha

De ASSIS MORAES

I

O Zézinho se fizéra celebrizado como um dos prototypos do menino brigão.

Alumno do grupo escolar, era elle discipulo em continua revolta contra os mestres, merecendo os mais duros castigos pelas suas insubordinações. Era elle igualmente o collega que provocava incessantemente os seus collegas e com elles lutava aos pontapés e bofetões.

Delineámos os traços de sua psychologia, absolutamente baseados na verdade. Não exageramos.

Antes da entrada das aulas, a caminho da escola, e no pateo do recreio, Zézinho empenhava-se numas duas ou trez brigas com os companheiros. Durante as aulas, a mesma desordem. Nos intervallos destas a mesma complicação. No fim dellas, ainda e sempre era Zézinho o herõe invencivel dos tabefes e empurrões. Nas horas restantes do dia e da noite, o fedelho endiabrado, na rua ou em casa entregava-se desbragadamente aos pugilatos frivolos e ruidosos. Parecia que elle estava dando cumprimento a um programma organizado a caracter com numeros de arromba.

II

Uma briga de proporções e consequencias bastantes sérias foi a que o petiz teve com o Manduca, outro rapazinho turbulento. Tudo por causa de um joguinho com bolinhas de vidro. O filho do sr. Teixeira acoimou de ladrão o filho do sr. Bueno. Ladrão desavergonhado. Roubára no joguinho e era por isso que ganhára...

— Você roubou...

— Eu não...

E a contenda estourou... Ambos se machucaram. Suas pernas, seus braços, batidos a sôcos mutuos, foram lastimavelmente maltratados. Ficaram "de cama" durante insipidos e inaturaveis dias. Quietação incompativel com a vivacidade transbordante dos dois valentões imberbes.

Uma hostilidade suada minaz, se stabeleceu entre ambos desde a refrega ferez. Porque, acabada a refrega, se tinham ameaçado reciprocamente. Dahi por deante, toda a vez que se encontravam, entre elles deflagravam as invectivas, os apôdos as injurias, e, como remate, a luta corpo a corpo, deante da assistencia e da "torcida" frenetica dos outros meninotes...

III

O sr. Teixeira, o outro dos dias de Zézinho, promettêra ao rapazito:

—Olhe, si você não brigar mais, vou dar-lhe uma bengalinha.

IV

O filho do sr. Teixeira era inclinado para a elegancia. Um taful de calças curtas. A bengalinha, elle a desejava desde muito tempo. Classificava-a, com sabedoria precoce na esphera dos complementos de de elegancia.

Pedia-a ao pae..

— Eu quero, eu quero...

— Depois, depois...

O sr. Eduardo Teixeira não accedia...

V

Este homem, sr. Teixeira, e[ra] paciente, calmo. Todavia, é cla[ro] que haveria elle de exaltar-se [ao] saber das rixas de seu herdeiro. Reprehendia-o, e, uma vez ou outra, não descurava de disciplinar o garoto com umas sovas massiças.

Um dia elle meditou ponderadamente sobre as diabruras tumultuosas do menino.

— Já sei o que vou fazer, — disséra á sua consorte, d. Etelvina.

E projectou, e prometteu ao Zézinho, — a compra de uma bengalinha, daquillo que o peralta queria e pedia tanto. Talvez assim o rapazito enveredasse pelo bom proceder.

VI

O menino travesso se corrigiu. Uma metamorphose. Transformara-se em anjo. Não era mais o menino satanaz que de canto a canto, de esquina a esquina, se lançava nas porfias das bofetadas. Em qualquer parte, quietinho, bonzinho, pacifico. Comportava-se desse modo, mesmo quando lidava com os homemzinhos de sua estatura e idade...

VII

— Vá á loja do sr. Mendonça e diga-lhe que, por ordem minha, elle dê a você uma bengalinha bem bonita, que mandarei pagar amanhã.

— Sim senhor.

O progenitor justo e consciencioso tratou de recompensar o filho de conformidade com a promessa feita.

Zézinho, contentissimo, guiou-se para a loja indicada pelo pae.

Transmittiu o recado ao sr. Mendonça um velhote de tregeitos juvenis.

— Está aqui uma bengalinha. Mais catita é impossivel... Preço de liquidação. Seis mil réis.

O pequeno mirou-a e remirou-a...

— Linda! Chic! — concordou...

VIII

Quem ia teso sobranceiro esfatuado, rua a fóra? O filho do sr. Teixeira. A meninada que o via invejava-o.

Manduca, o inimigo pequenino e atrevidaço, insultou o desafecto, mal defrontou com elle:

— O' "seu" gury onde cavou essa *joça*?

O outro, irritadiço., exasperou-se com a graçola malevola.

Deteve-se breve instante, immovel, calado, até que

(*Cont. na pag. seguinte*)

O QUE SE DEVE SABER

A CURA PELA EMOÇÃO

Os medicos arabes empregam, algumas vezes, com grande éxito, emoções moraes para curar algumas enfermidades.

Conta-se que uma das mulheres do celebre califa Haroum-Al-Rachid padecia de paralysia em ambos os braços. O medico da côrte pediu ao califa, para poder curál-a, que mandasse reunir todos os nobres em uma sala do palacio. Quando todos estavam reunidos, introduziu a enferma no salão, e, sem dizer palavra, levantou, de repente, o véo que cobria o rosto da paciente.

O sentimento de vergonha que, como é sabido, experimentam as mulheres arabes, quando lhes vêm o rosto, foi tão grande e tão fórte, que, instinctivamente, levantou os braços para tapar a cara, ficando curada para sempre.

O AZUL DO MAR

Está provado que a côr azul da agua do mar está na razão directa da quantidade de sal que contém. Nos tropicos, a grande evaporação produzida pelo sol abrazador faz com que a agua seja muito mais salgada do que nas latitudes mais altas.

A trinta gráos ao norte e ao sul do Equador, as aguas marinhas são de um azul esquisito, porém, um pouco mais distante dessas latitudes, tornam-se verdes. Nos mares Arctico e Antarctico, o verde é tão vivo como o azul tropical.

A BENGALINHA

(Conclusão)

impetuoso e vingativo deu com a bengalinha um golpe vigoroso na cabeça do motejador. Aquelle pedaço de madeira roliço, reluzente, torneado a capricho, se dividiu em duas partes desiguaes. No craneo do aggredido abriu-se uma brecha não mui funda.

E a briga ferveu...

IX

O aggressor de Manduca — o Zézinho, — chegou á casa e relatou ao progenitor o acontecido.

O terrivel rapazito achava-se deante do pae com os dois pedaços de madeira polida...

Afrontou a ira paterna, fortalecida pela razão de que brigára, de fato porque tinha sido forçado a esse acto: o filho do sr. Bueno o provocára... Foi isto que Zézinho allegou ao pae, em sua defesa.

X

O sr. Eduardo desprezou o argumento justificativo apresentado por seu herdeiro. Não acreditou em nada.

Mais uma tunda energica soffreu o incorrigivel petiz.

Não obteve nenhuma outra bengalinha do seu progenitor.

ABILIO CAMINHA

De LIMA RODRIGUES

CHEGÁRA da Europa ha trez dias e atravessava a rua do Ouvidor quando ouvi que me chamavam:

Dom Bias! oh Dom Bias!

Volto-me e vejo sahir de uma loja, em direcção a mim, o doutor Mendonça, que, depois de algumas palavras de bôas-vindas, me disse, *ex-abrupto*, como si uma idéa lhe occorresse momentanea:

—E' verdade, o homem vae a jury agora p'ro mez e é preciso ver em que ficamos com a defesa.

—Está ainda preso?!

— Sem duvida. Fiz tudo para que se pudesse livrar solto; entretanto, não foi possivel. O flagrante, o corpo de delicto, a prova provada de que os ferimentos detiveram a victima de cama por mais de trinta dias, tudo, emfim, concorreu para aggravar a situação do Caminha, que, como lhe disse, entra agora em julgamento; mas garanto-lhe que, com a defesa que tenho preparada será absolvido na certa. E' questão de gastar-se mais um pouco e o homem está na rua.

— Quanto terei de pagar ainda pelos seus serviços, doutor? — perguntei, curioso e um tanto irresoluto.

— Dois contos; apenas dois contos — respondeu-me o advogado, a quem eu, de partida para a Europa, nove mezes antes, já déra quinhentos mil reis para defender [...] minha.

— Bem falaremos [...] pois.

— Olhe que não [...] tempo a perder. A [...] está á brecha e p[...] dar alguns retoqu[...] trabalho feito.

Despedimo-nos e [...] gui a ruminar sobre [...] caso, considerando [...] dois contos de réis [...] eram assim tão [...] coisa para se pôr [...] como de facto teriam [...] ir, se o homem não [...] libertasse daquella [...] plicação.

O Caminha estava [...] cessado por tentativa [...] assassinato, e eu des[...] va ampará-lo, attende[...] a que elle fôra meu e[...] pregado durante qua[...] anos, e, por me ser f[...] e solicito, ainda esta[...] sem duvida, ao meu s[...] viço si não fosse a lib[...] dade a que se arrog[...] de andar progressiva[...]

— Papae, um atropelamento; eu quero vêr.
— Vamos, pequeno; verás outro na proxima esquina...

Do «Carnet» de Boborcio

(Humorismo estrangeiro)

AQUELLA pequena trazia as unhas tão escand[...] samente pintadas de vermelho, que, quan[...] mordia, ou as levava á bôcca, parecia que esta[...] mendo rabanetes...

Quando vejo as moças que andam sem meias, [...] so, sem temor de equivocar-me, que o fundo [...] "coquetteri[...]" d[...] moda não é mais que um pre[...] para evitar [...] afanoso trabalho de serzir as mei[...].

Para viver da penna é muito mais pratico fa[...] commerciant[...] de aves do que escriptor...

Não ha mulheres mais terriveis do que aq[...] que estão sempre dizendo que não gostam de [...] cupar da vida alheia...

Ia todo vestido de lã e se indignava quand[...] chamavam "carneiro".

Ao presenciar uma reunião de velhas tão [...] çadas, pensei que por equivoco tinha entrado [...] fabrica de conservas.

Dizem os argentinos que de todos os "pesos" [...] mais facil de se carregar ainda são os pesos naci[...] argentinos.

PLINIO MEN[...]

adeantando-se dois, [illegible] quatro e até seis [illegible]zes nos ordenados, [illegible] justificada razão. [illegible] marcha ascendente [illegible] que andava commigo, [illegible]aria, sem duvida, [illegible] ter os vencimentos [illegible]aes no bolso antes [illegible] o anno começasse. [illegible]dei-o embora tão so-[illegible] por esse abuso que [illegible] a pedir repri-[illegible]nda.

* * *

[illegible]ra portuguez, o Ca-[illegible]: viéra pequeno [illegible] a casa de um tio, — padeiro, estabelecido em São Christovão.

A somma de sopapos e descomposturas, durante annos, não chegou para lhe abrandar o genio. Ao sentir-se homem, mandou o tio ás *favas*, depois de andarem os dois em luta, a rolar pelo chão, uma tarde, nos fundos da padaria.

Como houvesse frequentado a escola e gostasse de ler, o Caminha adquiriu alguma instrucção, e, entre os da sua grei, era tido como letrado.

Deixando a masseira foi empregar-se com um mestre de obras que trabalhava para mim. Com a tróca que fez da farinha pela cal e dos pães por tijolos, melhorou de vencimentos, tendo ainda a vantagem de ver-se livre das importunações do tio e do horario estafante da padaria.

Andou trez annos com o constructor, e, por fim, despediu-se ou foi despedido sem pecha que o desabonasse. Vindo ter commigo, tomei-o com o encargo de cuidar das casas de que eu era proprietario legal para pagar impostos e tomar calotes, porque naquella época havia no Rio de Janeiro quem levasse a vida systematicamente a mudar-se trêz ou quatro vezes por anno, não pagando aluguel e damnificando propositadamente as casas que deixava. Como, porém, os meus predios orçavam por dezenas e os que eram occupados por negocios produziam renda bastante para os reparos dos

(*Continúa na pag. 24*)

NO LIMIAR DO AMOR

A floresta... Sombra. Quietude. O aroma silvestre. A brisa ciciante. O canto tristonho do passarinho negro...

Dafne ia andando... Vagarósa. Acariciada pelo ambiente suave da mata. Pensamentos voluptuósos amortecendo-lhe o olhar...

Ella lembrava...

Recordações recentes. De pouco antes. Da ilha perfumada... E os satyros... E as nereidas... As tropelias... E o Amor...

O Amor... Os estremecimentos violentos do prazer... A embriaguez allucinante da paixão...

E aquelle satyro fórte!...

Dafne sentiu o chicóte do desejo. Uma ansia estranha... E desatou a correr. A pular. A gritar. Como a fugir de imaginario perseguidor...

A florésta ecoava admirada...

O passarinho preto silenciou assustado...

A borboleta e a flôr interromperam o idyllio manso...

Mas, deante a cochoeira immensa a nympha parou. Contemplou um momento a própria nudez. E atirou-se ao abraço crystallino das aguas...

Lá atraz a borboleta rajada voltou a beijar a flôr amorósa...

Dafne pôz-se a brincar com a catadupa. Fugindo-lhe. Voltando-lhe aos braços murmurantes... E ria... Feliz...

Uma rajada eólica vergou a mattaria... E uma melodia estranha insinuou-se pelo ar... Longe... Longe... Mais pérto... Aproximando-se... Dolente... Mysteriosa...

A filha da terra olhou o arvoredo. O carvalho envelhecido... O zambugeiro amargo... A azinheira graciósa... As trepadeiras esguias...

E a lyra já resoava perto...

Uma voz potente... Estróphes de amor...

E Appolo surgiu aos ólhos

...e Affonso Netto

...nympha... Dominador. ...Divino.

...afne quedou immovel. No ...da agua ella palpitava... ...cionada... Surpresa...

...ante a mulher e a catarata ...eus se deteve. Seus dedos ...tinuaram correndo pela ly... feiticeira. Sua voz sonóra ...tinuou a distilar na atmos...ra o filtro do Amor...

...filha da terra já sentia o ...po tremulo possuido pelo ...ar conquistador do sublime ...ardo... E veiu avançando ...ra elle.. Inconscientemen...e... Fascinada.. Captiva...

Appolo sorria. E cantava...

Eras, do alto do olmeiro orgulhoso, viu a nympha ajoelhar-se deante de seu protegido. Sorriu tambem. E, na primeira nuvem, desappareceu..

Na penumbra da selva a canção de amor foi morrendo... Aos poucos... Muito docemente... E Appolo curvou-se para a cabelleira negra de Dafne... Quiz murmurar, nos labios della, a palavra suprema do amor...

E uma convulsão tremenda agitou o sólo.

O deus foi lançado por terra. Ouviu um soluço. Procurou Dafne. E, no logar della, um loireiro fragil...

Appolo teve um accesso de cólera. Ergueu-se dum salto. Alçou em desafio o tronco herculeo. Louco de dôr... E bradou:

— Ah! Terra maldita! Para roubál-a ao meu amor não titubeaste em transformar nesta planta a tua filha!... Mas, tu pagarás!...

Porém, á vista do loireiro, timido, uma reacção formidavel operou-se-lhe na alma do filho de Lêto. Elle sentiu as lagrimas affluirem-lhe aos olhos. E baqueou aos pés da arvorezinha. Soluçando. Tremendo. Leão vencido. Deus impotente.

No carvalho vêlho o passarinho negro entoou de novo o canto tristonho...

outros, eu evitava aborrecer-me olhando por elles; e assim o Caminha punha e dispunha, até certo ponto, como cousa sua.

Já andava commigo ha dois annos, quando, um dia, no escriptorio, me participou que ia casar-se na semana seguinte, e que eu seria o padrinho. Elogiou a minha delicadeza, e, mostrando-se muito commovido, disse-me que havia de ser meu empregado emquanto eu o quizesse, nem que fosse para creado.

Por occasião do casamento, na igreja de Sant'Anna, vi, pela primeira vez, a noiva. Era realmente muito interessante: bôa altura bons dentes, alinhados e perfeitos; corpo esguio, á semelhança desses figurinos que os jornaes de modas trazem para mostra de vestidos. Se não estivesse a mãe ali ao lado, eu a tomaria por branca, sem mescla.

Quando, por delicadeza e convicção, gabei ao Caminha o gosto que tivéra na escolha da noiva, elle me disse, confidencialmente, mas sem decôro a mim e principalmente ao acto:

—Meu patrão, aqui onde me vê, não é capaz de julgar o que já estive prestes a fazer por amor desta pequena.

E concluiu:

— Um dia, quasi metto o punhal á ilharga dum patife que lhe faltou com o respeito a ella.

Despedi-me na igreja e o cortejo partiu a rodar, ruma á nova residencia dos noivos, em Villa bel.

Servira de testenha, juntamente migo, o construcor me contou como o nha se deixára pela costureira. Era dista, a mulatinha; balhava na cidade e rava com a mãe, numa rua de ladeira Catumby. O namor Caminha começou bonde, como começam dos os namoros — olhares ternos. Em traposição os dois mez de noivado foram pouco duros, porque, ra estar com a noiva rante algumas horas,

ABILIO CAMINHA

(Continuação)

— Parece que você roubou o pente do 450.

— Eu, sargento?... Oh!... Então, o senhor me toma por ladrão?...

nhar elle de subir o seu calvario, castigando os calcanhares nos pedrouços do calçamento cheio de buracos cobertos de capim, naquella rua que a Prefeitura só conhecia como fonte de renda.

* * *

Casado, morria de zelos pela esposa, tornando-se de ciumento demais, para que sem motivos; e, uma noite, porque se lhe queixasse ella dos impertinentes e continuos gracejos do Valerio, um cábula, vizinho e sem vergonha, o Caminha esperou-o na esquina, entendendo de castigal-o por aquella e por outras anteriores de que houvesse ficado impune...

Era alta noite; de sorte que, si não fosse a gana de castigar o outro, elle se teria evadido, deixando-o entregue á curiosa estupefacção duns quatro basbaques e aos commentarios assustados da vizinhança.

Insatisfeito, porém, de esmurrál-o e de lhe dar com a cabeça de encontro ás pedras, ainda o coseu a pontaços.

—Não era para matar era só para ensinar, — affirmava elle, com a mais sincera convicção, quando o prenderam; e, consciente da sua util qualidade de educador, deixou-se embrulhar num auto de flagrante com faca e tudo.

Estava eu de passagem tomada, quando li nas gazetas o caso do Caminha, e, sem tempo para mais, encarreguei o doutor Mendonça de defendel-o. De volta, reduzi á metade a importancia pedida pelo advogado. O Caminha foi absolvido.

* * *

...correram seis annos. ... Municipal canta-se ... opera a que eu as-... A *élite* carioca, ...entada agora por ... ricos, enche o ... Daqui e dali, ... intervallos, vejo ca-... ...oras naquelle meio, ... embora de gente ... não é positivamente ...; e, ao atravessar o ... dou de frente com o casal Caminha. Ella mais mulher e mais attrahente do que, quando ha oito annos, testemunhei o seu casamento. Elle, commerciante encasacado. Ambos cobertos de joias caras.

Chefe — inqueriu affetadamente — cumprimentando-me, o meu ex-empregado, para quem eu já não era o patrão, e, quando muito, tão bom quanto elle: — que tal o tenor?... Creio que não se portou á altura da peça; não lhe parece?...

Dei de hombros para não interferir na critica...

* * *

A quelque chose malheur est bon.

O Caminha fizéra na prisão relações muito intimas com um chefe politico carioca que tambem estava preso e dahi, estribado no incontestavel prestigio desse honrado estadista, soubéra enriquecer em dois annos!

A minha familia inteira
Veste, toda, de maneira
A sempre parecer bem;
Seja cuéca, saia ou bluza,
Lá por casa ninguem uza
Sinão com a marca 'INDANTHREM'
Indanthren
Eu, Corintho Coriolano,
De côr firme quero o panno;
Desbota? Não me convém!
Por isso tomo sentido:
Ao comprar qualquer tecido,
Procuro a marca
INDANTHREN.
A marca INDANTHREN, posta em tecidos de algodão, linho e seda vegetal, indica que as suas côres são fixas, de resistencia insuperada ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens.

ANNO XXVIII

FON-FON

NUMERO 10

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1934

A CULTURA DO SENTIMENTO

— A illusão? A illusão, sentimento-força, elemento de vitalidade e de estimulo, motivo e essencia de toda felicidade na vida?

— Sim. Ella — a illusão — é tudo isso.

— Ah! meu querido amigo! Serás, sempre, o incorrigivel sentimental que conheci ha vinte annos atraz. Typo *vieux jeu*, a procurar viver, em pleno ambiente do seculo do avião e da massa bruta do arranha-céo, a vida romanesca de outras éras.

— Tens dez anos menos do que eu. A vida ainda não te ensinou a viver. Ainda não tiveste, ainda não recebeste a sua plena revelação...

—Eu? Como estás enganado! Eu vivo a vida conforme ella é, conforme ella precisa ser vivida.

— Como?

— Observando-a, fixando-a a olho nú, sem utilizar os oculos roseos do dr. Pangloss... Sentindo-a e comprehendendo-a através da sua realidade mais objectiva, mais concreta, mais positiva...

— Sem qualquer aspiração de felicidade?

— Não. Desejando construir, tambem, a minha felicidade. Mas uma felicidade sadia, bem comprehendida e ajustada ás condições mesmas da realidade da vida...

— Ahi está, justamente, a grande illusão de todos vocês que entendem poder viver a vida dentro da realidade natural das coisas. Não ha, não poderá haver qualquer realização de felicidade nesse ambiente da vida exclusivamente sentida e comprehendida através das suas manifestações materiaes...

— Por que?

— Porque todo anseio de felicidade é condicionado por uma força de sentimento, por uma illusão... E a grande illusão, a illusão maxima, porque é a fonte de que dimanam todas as outras, ainda hoje é quem dirige a humanidade, cheia de fé e de idéalidade, pelos caminhos asperos da vida...

— Essa illusão?...

— E' o amor.

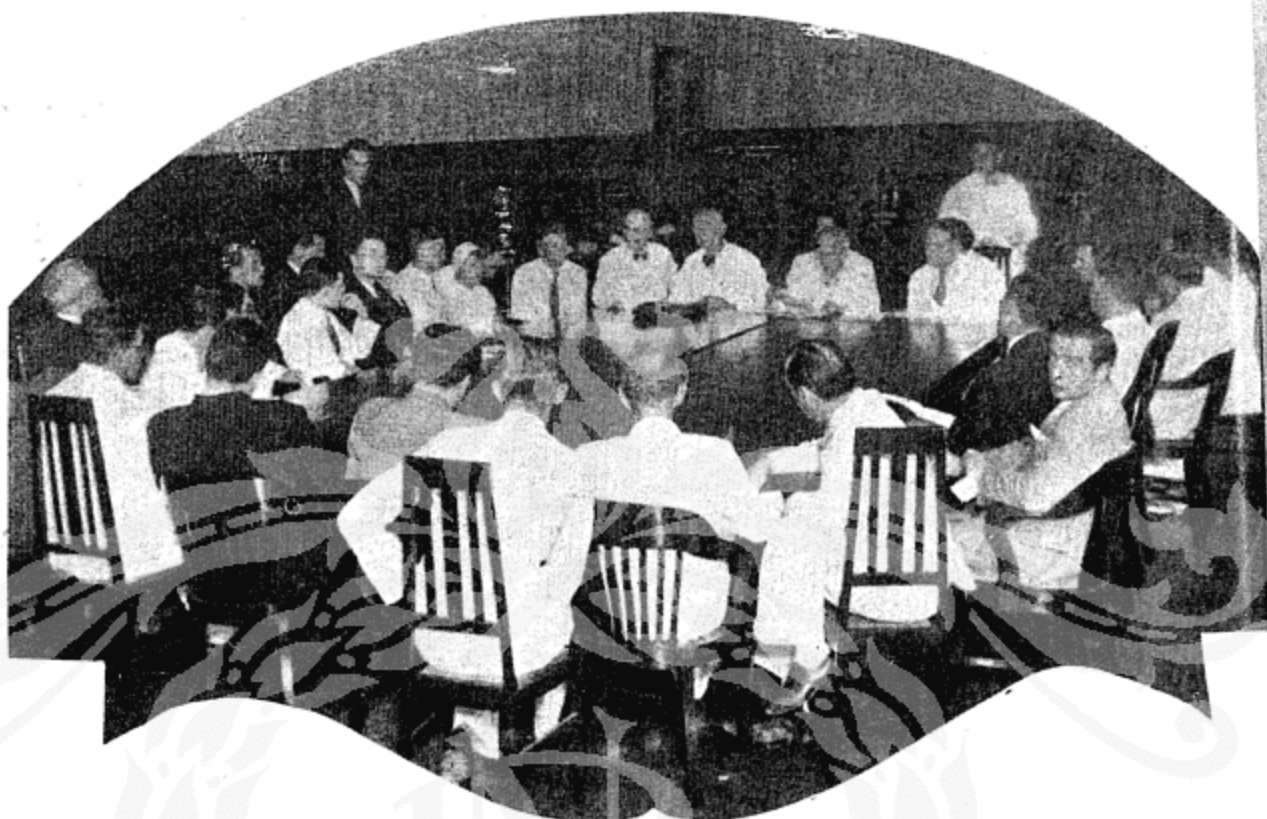
— O amor?

— Sim: o amor.

— Mas, o amor, meu caro amigo, é, tambem, uma expressão material da propria vida, uma força instinctiva... A raiz, profunda e primitiva, da propria arvore da vida.

— Arvore que não dá fructo sem primeiro florir, sem, primeiro, perfumar com a sua floração de sentimento a alma e o coração da gente..

— Sim. Emfim, talvez tenhas razão. Talvez...

ELCIAS LOPES

O professor Georgii, chefe da Missão Allemã de Aviação sem Motor, explicando aos jornalistas, na séde da Associação Brasileira de Imprensa, os fins da sua viagem á America e as vantagens do novo systema de transportes aereos iniciado sob tão bons auspicios.

MINHA...

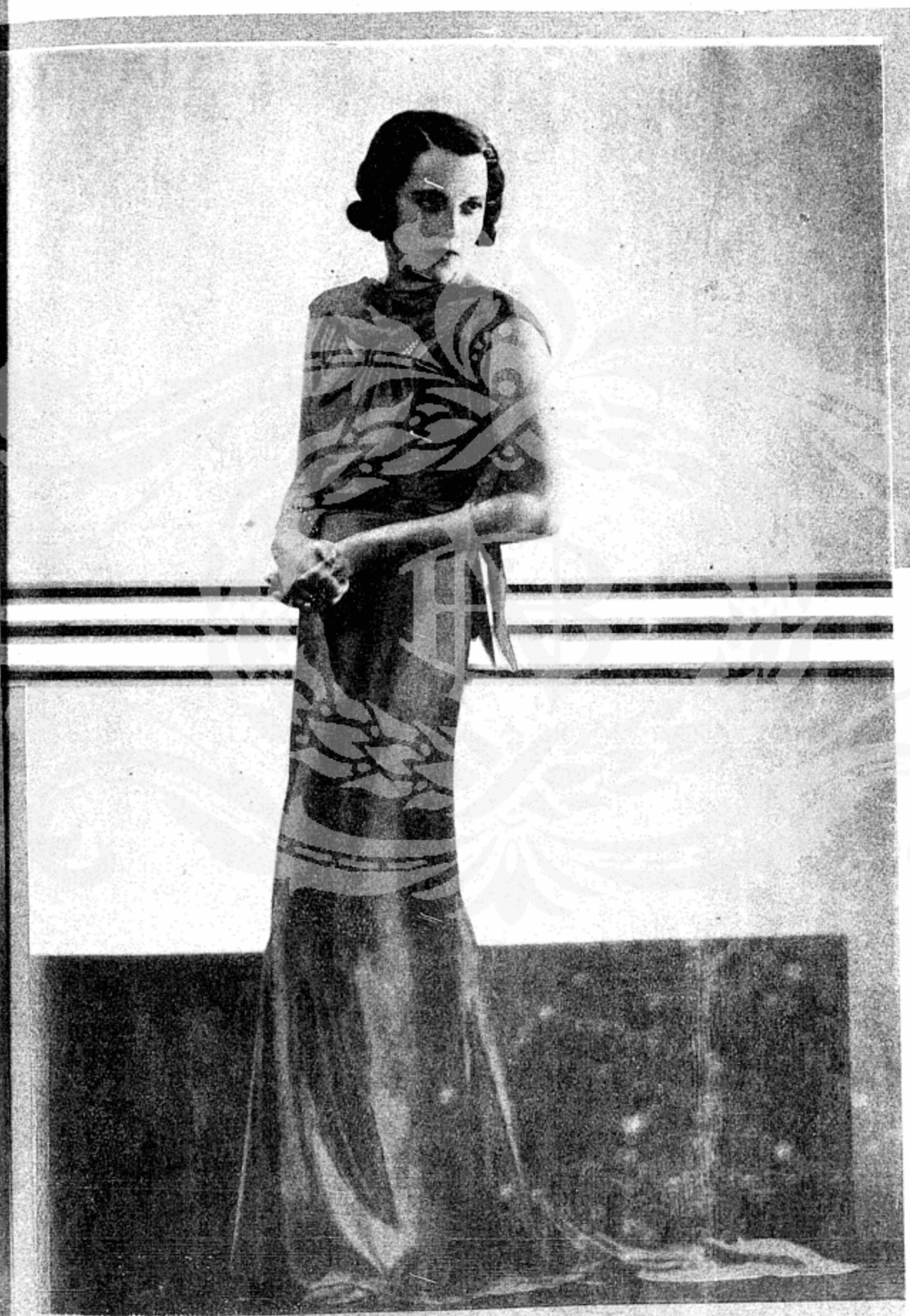
No meio de toda a angústia em que se debate a minha impaciência amorosa, uma intima alegria me consola, desde aquella noite feliz em que você, palpitante e assustada, me confessou, placidamente, que está perto de mim no caminho do coração. Os homens todos que você conhece e que a desejam, os homens todos que andam turbilhonando na sua vida apenas poderão ver a fascinação material da mulher sem sentir nunca a doçura luminosa de sua alma, inattingida, sempre, pelas almas differentes dessa que você possúe e que me deu. Eu tenho, por isso mesmo, o que ninguem lhe poude conquistar: a sensibilidade. A sua vida interior me pertence, porque eu penetrei na seducção espiritual do seu coração e pude ver e comprehender um temperamento capaz de vencer, pela força irresistivel da ternura, o meu temperamento de criança grande.

Você é minha. As affinidades que nos levaram um para o outro, e que nos tornam differentes no meio de tanta gente parecida, crearam esse direito, que o destino em vão procura destruir com os preconceitos e as maldades do mundo. Você é minha, porque eu estou perto da sua delicadeza emocional e da sua do amargura. Você é minha porque no sas almas vôam juntas no gran sonho impossivel da felicidade.

— Você é o homem que está mai perto de mim...

Quando você, meu grande am definitivo, falou assim, meigamen serenamente, ao meu pobre coraç de sonhador, eu senti melhor a su doçura interior, que me dá, sempr reflectida nos seus olhos ou no se sorriso, a esperança de que ainda se rei feliz um dia...

MAURO

Acompanhados do encarregado de negocios da Finlandia, sr. Rafael Seppalla, do consul daquelle paiz, sr. Kalle Aapro, da jornalista Eva-Lisa Viljaveii e do campeão de marathona Juan Carlos Zabala, estiveram em visita á Associação Brasileira de Imprensa os athletas finlandezes que se acham nesta capital, e que foram ali recebidos pelo presidente e outros directores da A. B. I.

A MULHER CHIC

Creação Jean Patou.

Lady Milbanke. «Robe du soir en «panne sauvage» verte».

(Photo especial para FON-FON).

A senhorita Bemvinda Gomes de Almeida Monte, figura de destque da alta sociedade de Fortaleza, contrahiu nupcias com o illustre medico e escriptor cearense dr. Aderbal de Paula Salles, nome prestigioso nos circulos sociaes e intellectuaes de seu Estado, onde exerce, brilhantemente, a sua actividade. O enlace realizou-se nesta capital, em fevereiro ultimo. O «cliché» apresenta o novo casal numa photographia tirada por occasião da cerimonia.

Constituiu um acontecimento de grande relêvo social o casa mento da senhorinha Helena Mello Coêlho com o capitã tenente Yomar Neves Marques, distincto official da nos Marinha de Guerra. Nas photographias abaixo vêem-se nubentes, após a cerimonia civil, e um grupo em que appa recem os mesmos em companhia dos paes da noiva e d padrinha

Rendas de espuma

...DO SO' UM AMA

I...STE. E' triste, sim, um ...mpimento de amôr. E é ...ris... porque, num rompimen-...o, ...a sempre um que soffre ...mai... e que não se acostuma ...o ...olamento em que fica.

...e ... que soffre mais é cer-...am...te aquelle que ama com ...ais ardor e mais violencia.

O que deixou de amar, desde ...momento daquelle adeus cal-...lado, — o adeus que se deu ...assignalou a separação defi-...tiva — afasta-se, sorrindo, ...omo se não tivesse coração. ...uasi com certo ar aggressivo. ...as, o outro — o que ainda ...cou amando, a alma esfarra-...ada — ah, esse só com o de-...orrer dos dias, dias ermos, ...ngos, fastidiosos, e a dôr do ...môr proprio ferido, esquecerá ...que se foi (ou a que par-...tiu...)

* * *

E, depois, o que ha de mais ...oloroso, em tudo isso, é o ...azio que fica, no tempo e no ...spaço.

No tempo, porque, o que mais ...offre, sentirá, constantemen-...e, em torno a si, a ausencia ...a creatura que fugiu, para ...empre.

No espaço, porque parece que ...mundo está vazio, ôco, silen-...oso, largo de mais. A' noite, ...i olhamos o céu, temos a idéa ...e que as estrellas são menos ...ellas do que dantes. A can-...ga do vento é uma ironia á ...ossa dôr. A sombra é mais ...riste e mais pesada. Lembra ...m phantasma, a perseguir-nos ...saudade insistente.

E ...omo esta é maior e mais ...ei... sentimos falta, — oh, uma ...alt... impreenchivel! — daquella ...ue ...erdemos...

* * *

Ro...per...

E' não vêr mais os olhos ...ma... que nos olhavam com ...ol... E' não encontrar mais, ...e... da nossa alegria, aquelle ...c... de anjo tutelar, que en-...chi... clarão estellar o escuro ...ssa vida. E' não ouvir ...quella voz tão conhecida, ...parecia uma melodia,— ...sonata, qualquer coisa ...de um encanto inexpri-...

... é a successão dos dias ...u... ...lisam — sem nos trazer emoção, sem nos inquietar a alma, sem nos provocar pressa alguma, ou causar preoccupações afflictivas.

O tempo, que dantes era escasso, agora sóbra para tudo. Os actos de nossa vida perdem o interesse que tinham. Executam-se, machinalmente, sem vibração, sem nervos, sem alento, sem vivacidade.

E emquanto o que menos ama sorri, indifferente, ou encontra os pretextos mais injustos, mais grosseiros, mais offensivos, para ferir aquelle que mais ama, — este não sabe como encher as horas ermas e vagarosas, que decorrem sem ella, não encontrando meios de desabafar o que lhe pésa na alma. Desabafar n'uma explosão de odio, de recriminações, de improperios e descortezias, ou de soluços insopitaveis, e que só traduzam amôr, desgraçadamente amôr...

* * *

E si um dia o que mais ama — elle — encontra a que não mais ama — ella — e se defrontam, e se detêm, na mesma via publica, na mesma praça, ou na mesma escada que sobem, elle olhará para ella, — e verá que os olhos della não vêem nada em roda. Podem vêr com esse olhar estranho, alheiado, displicente, que espia para um "outro mundo"... Olhar sem expressão, vago, distrahido, — mas cheio da imagem de outro homem...

E então si elle lhe pergunta: "Que é feito de você, minha querida?...", ella responde, aereamente, pensando no outro homem, que o substituiu: "Vou muito bem! Felizmente!"

E si elle inquire:

— Você já não gosta de mim? Está tudo acabado mesmo?

Ella, distrahida, — pensando no outro homem, commenta, comsigo mesma: "Que estará elle fazendo a esta hora? Estará ao lado de outra?"

E si o que mais ama insiste, em desespero:

— Vamos! Não responde? Será que já se esqueceu da nossa felicidade perdida?

Ella, nada sentimental, e mais enfastiada ainda, dirá, simplesmente:

Romper!...

(*Conclúe na pag. 44*)

O NOVO REI DOS BELGAS

Com o trágico desapparecimento do rei Alberto I, sobe ao throno belga seu filho Leopoldo III. Apesar do lutuoso acontecimento, e das circumstancias impressionantes em que se dá essa coroação, o joven monarcha assume a direcção do reino da Belgica sob as acclamações do seu povo e de todos os paizes. E esse prestigio que o cerca não é mais do que a aureola de gloria que o então principe Leopoldo conquistou, ainda criança, nas trincheiras de Flandres, por occasião da Conflagração Européa, na defesa da sua patria gloriosa e dos seus compatriotas. Dahi as esperanças que nutre o povo belga de que o filho de rei Alberto saberá corresponder á confiança dos seus subditos e será um continuador da grande obra que o mallogrado rei-heróe vinha realizando no seu paiz.

RONDA DO ANOITECER

O mez de março já annunciou aos cariocas o p... ximo inverno. Entrámos francamente no peri... de transição. E o que denuncia a mudança é o a... tecer mais cêdo. Março abreviou as tardes, preau... da estação das *fourrures*, de tantos effeitos no re... tro das elegancias e da moda.

* * *

Ha uma preferencia grande pelo inverno. No entretanto, o verão de... ser a estação predilecta dos brasileiros. Somos uma natureza tropical. O... ardente é o maior estimulador das nossas energias e uma fonte de bom hu... e de euphoria.

* * *

A rua do Ouvidor começa a accender as luzes decorativas dos seus ...nuncios mais cedo. E a procissão das elegantes desfila já na meia som... crepuscular, que é a predilecção dos poetas e dos amantes.

Lembra-me de ter visto numa destas tardes: as senhoritas Rosali... Mariah Candido Mendes, Judith Araujo Maia, Lucia Lobo, Isaura Libe... Liege Gomes, Alzira Cravo, Carlos Rocha, Maria Delamare e senhora An... Bomfim, senhora Edmundo de Miranda Jordão, senhora Mario Lima Roch... senhora Toscano Spinola.

LIDO

DOMINGO. 10 horas da noite. O elegante *chalet* normando está cheio... gente fina. Todas as mesas tomadas. Tambem nas varandas. E a orche... a tocar as suas musicas deliciosas. O Lido é uma *feérie* de graças e sorri...

* * *

Cumprimentos. *Flirts*. E uma ou outra decepção, dissimulada, como ce... calvicies primarias, que os seus portadores procuram esconder *á outrem*...

O Lido torna-se uma officina de experiencias sentimentaes...

* * *

Espalho o olhar na sala e faço um passeio pelas varandas. Espio a ... senhora Gomes de Mattos, senhora Pernambuco Filho, senhora José M... senhora Pinto de Moraes, senhora Povina Cavalcanti, senhora Edson de C... valho, senhora José Medeiros de Oliveira, senhora Francisco Bahia, senh... Homero Galvão, senhora Braz do Pinna, senhora Gilda Abreu, senhora ... Marival.

* * *

Uma ronda de senhoritas: Helena Garcia, Luiza Helena de Almeida Ga... Lourdes Nelson Machado, Ruth Santiago, Sylvio Romero.

A orchestra ataca as musicas do Carnaval. E a sala toda se de... polgar pelos fremitos dos sambas e dos foxes, que fizeram a delicia dos ... dias allucinantes.

* * *

A uma hora da manhã, o Lido ainda era, na madrugada de Copacaba... uma visão feerica e irresistivel...

ANCHIETA

O governo decretou feriado o proximo dia 19, commemorativo do quarto centenario do nascimento do padre José de Anchieta.

O grande movimento cultural e civico feito em torno da memoria do sublime missionario attingiu tambem a sensibilidade dos poderes discricionarios da Republica.

Alastra-se desse modo a impressionante campanha em prol da glorificação de um espirito verdadeiramente apostolar, a cujas graças deveu a infancia do Brasil o embalo da mais abnegada assistencia.

A aureola de santidade, que já hoje envolve a dôce figura de Anchieta, mais prestigia a sua notavel personalidade humana.

Todas essas demonstrações de culto á sua memoria recommendam o clima

SOCIAES

COM a gentilissima e prendada senhorita Lucy Tavares, dilecta filha do casal Alfredo José Tavares — Sophia Murta Tavares, vem de contractar casamento o senhor Ary Sergio da Silva, filho do casal Antonio Sergio da Silva Junior — Ada Vieira da Silva, da nossa alta sociedade.

O noivo é um dos mais intelligentes e dedicados companheiros de FON-FON, em cujo meio se distingue por suas qualidades de finura e caracter; a noiva tem encantadores dotes physicos e moraes, enaltecidos por uma esmerada educação.

* * *

Realizou-se nesta capital o enlace matrimonial do dr. Alcino Bahia, brilhante jornalista patricio, com a distincta senhorita Thereza Rebello de Macedo. Foram padrinhos do noivo, na cerimonia civil, o dr. Antonio Balbino de Carvalho e a senhora Francisco de Azevedo Bahia; da noiva, a senhora Bertha Pinto de Moraes e o senhor JoJsé Augusto de Macedo.

No casamento religioso, por parte do noivo, a senhora Francisca de Azevedo Bahia e o dr. Luiz Bahia; por parte da noiva, o commendador Joaquim Mourão e a senhora Aida de Mourão Crespo.

O enlace nupcial, feito na intimidade, teve uma nota de grande distincção, condigna dos noivos.

* * *

A pequenina e encantadora Maria Magdalena, dilecta filhinha do casal Herbert Moses, fez annos na ultima quarta-feira. Um anniversario, que é a estrophe de um poema lyrico e que attrahiu um mundo de outras pequenitas para o enlevo e a felicidade de uma recepção commemorativa do gracioso e lindo acontecimento. O casal Herbert Moses desfez-se em gentilezas, como é proverbial nos seus habitos fidalgos. E Maria Magdalena compoz, nesse dia, os seus mais harmoniosos sorrisos, como a imagem da propria graça, encarnando a dôce anniversariante.

CONFERENCIA

A illustre escriptora senhora Maria Eugenia Celso realizou, no Instituto Historico, a sua esperada conferencia sobre Anchieta.

Foi uma completa victoria intellectual obtida pela fulgurante autora de "Vi...tinho".

Sua conferencia impressionou fundamente o espirito da numerosa e seleccionada assistencia, provocando vibrantissimos applausos.

O inconfundivel *savoir faire* da eximia prosadora e poetisa floriu numa peça notavel de talento, de estylo e de penetração psychologica.

O thema anchieteano encontrou na senhora Maria Eugenia Celso uma artista consciencioso e esmerada.

SORVETE-DANÇANTE

O Fluminense F. C. vae recomeçar o seu programma de festas, com um sorvete-dançante, que se realizará no proximo dia 11. Tocará a orchestra do Copacabana-Palace.

O Departamento Social do Fluminense pretende proporcionar aos frequentadores do brilhante Club uma serie de reuniões encantadoras.

O annunciado sorvte-dançante de amanhã marcará, com pedra branca, o inicio do programma do corrente anno..

cultural do paiz e enternecem a alma, no meio de tantas decepções e de tantas experiencias mallogradas, em que se debate o espirito contemporaneo.

Anchieta attingiu a perfeição sonhada por Sainte-Beuve, isto é, a sublimação da propria natureza humana.

As festividades de ordem litteraria, patriotica e religiosa, promovidas em honra do excelso padroeiro do Brasil, exaltam, por igual, a figura lendaria do missionario e a capacidade dos contemporaneos de bem servir a sua augusta e doce memoria. Anchieta é um symbolo.

Os poemas, que elle escreveu na areia, desafiaram a precaridade do espaço e do tempo, porque fôram gravados no infinito da propria alma humana. E toda sua vida foi apenas isto: um poema.

LUCIANO

FALTA DE ASSUMPTO

UM dos nossos chronistas mundanos escreveu recentemente que a sua actividade profissional de jornalista era seriamente prejudicada pela falta de assumpto.

E com um subtil desencanto o confrade exclamou: Como deve ser facil ser chronista mundano em Londres!

O collega de imprensa tem razão. Nós habitamos, sob o ponto de vista social a cidade dos paradoxos. Ha semanas, em que as festas mundanas se atropelam de tão numerosas. Passam-se, entretanto, mezes de completa paz conventual...

Nesse periodo que é, aliás, o que atravessamos no momento, o chronista não tem onde procurar o assumto. Dá-se, então, ao luxo da imaginação, animando e colorindo as fantasias do seu espirito irrequieto.

Mas, a sociedade não é nenhum reino encantado. Torna-se, pois, necessario não abusar da imaginação.

Accresce que, no registro dos acontecimentos mundanos, o que mais interessa é a relação dos nomes de mais brilho.

Como indicar os nomes se as reuniões escassearam até deixarem de existir?

Tem toda razão, portanto, o confrade, que invejou a sorte do nosso ditoso collega londrino.

E a continuarem as coisas nesse pé de retrahimento, só temos uma providencia a tomar. E' inventarmos festas e dizermos: se tal acontecesse, haveriamos de ver f o r m a n d o na grande parada de elegancia, a senhora X, a senhorita B, e o melindroso cavalheiro C., que fez de speaker *discricionario, como já houve nesta deliciosa cidade de S. João Baptista. (E' S. João Baptista, mesmo. Não é S. Sebastião...)*

LUCIANO

RESTAURANTE DO AUTOMOVEL CLUB.

CONTINÚAM animados e distinctos os almoços do restaurante do Auto[movel] Club do Brasil, onde tem predominado, como nota *chic*, a presença do[s e]lementos femininos.

O sugegstivo e bello salão do Automovel Club é, aliás, um dos mai[s pro]prios para um almoço elegante.

Nesta semana, numerosos foram os turistas, que procuraram o restau[rante] do Automovel Club, admirando a harmonia do seu conjuncto decorativo.

COPACABANA

DOMINGO, Copacabana viveu um dia melancolico, sombrio. Faltava á lin[da] praia qualquer coisa. A manhã peneirou uma chuvinha constante. A tar[de] ainda garoou. E Copacaban assim não é a mesma. Parece tomada de *spleen*, [de] uma alma doente, como se tivesse enfermado de saudade...

° ° °

A festa multicor dos chapéos de sol da praia perdeu a alegria habitu[al] das manhãs estivaes. E até os banhistas davam a impressão de que presentia[m] o inverno. E de que Copacabana ia fazer o seu retiro de todos os annos, pa[ra] surgir ainda mais encantadora no proximo verão.

° ° °

Comtudo, o posto 2 manteve uma relativa animação. O Lido e o O. [...] vão operar o milagre de prolongar a estação. Aliás, ainda é prematuro a[t]tribuir ao inverno a tristeza do ultimo domingo. Março vae proporciona[r] grandes dias de sol aos veranistas de Copacabana. E teremos ainda manh[ãs] luminosas e ardentes, para que a despedida do estio augmente mais o ape[go] das recordações...

° ° °

O *footing* da Avenida Atlantica contou, domingo, a presença d[as] senhoritas Elsa Kastrup, Eletra Leonessa, Baby Souza e Silva, Maria [...] Lourdes Alves, Yolanda Willmann, Maria Cecilia Rego, Silvia Gomes, Solan[ge] Barreiros, Sylvia Pereira Pinto, Alice Abrahão, Antoninha Jansen Muller, et[c].

BALNEARIO DA URCA

OS salões do Casaino Balneario da Urca ainda consevam a decoração [do] carnaval, que tantos effeitos scenographicos obteve. "Reino de Nep[tuno"] foi o thema da creação do excellente artista decorador. Nesses dominios, co[n]tinúa o Casino da Urca a offerecer as suas animadas *soirées* dançantes.

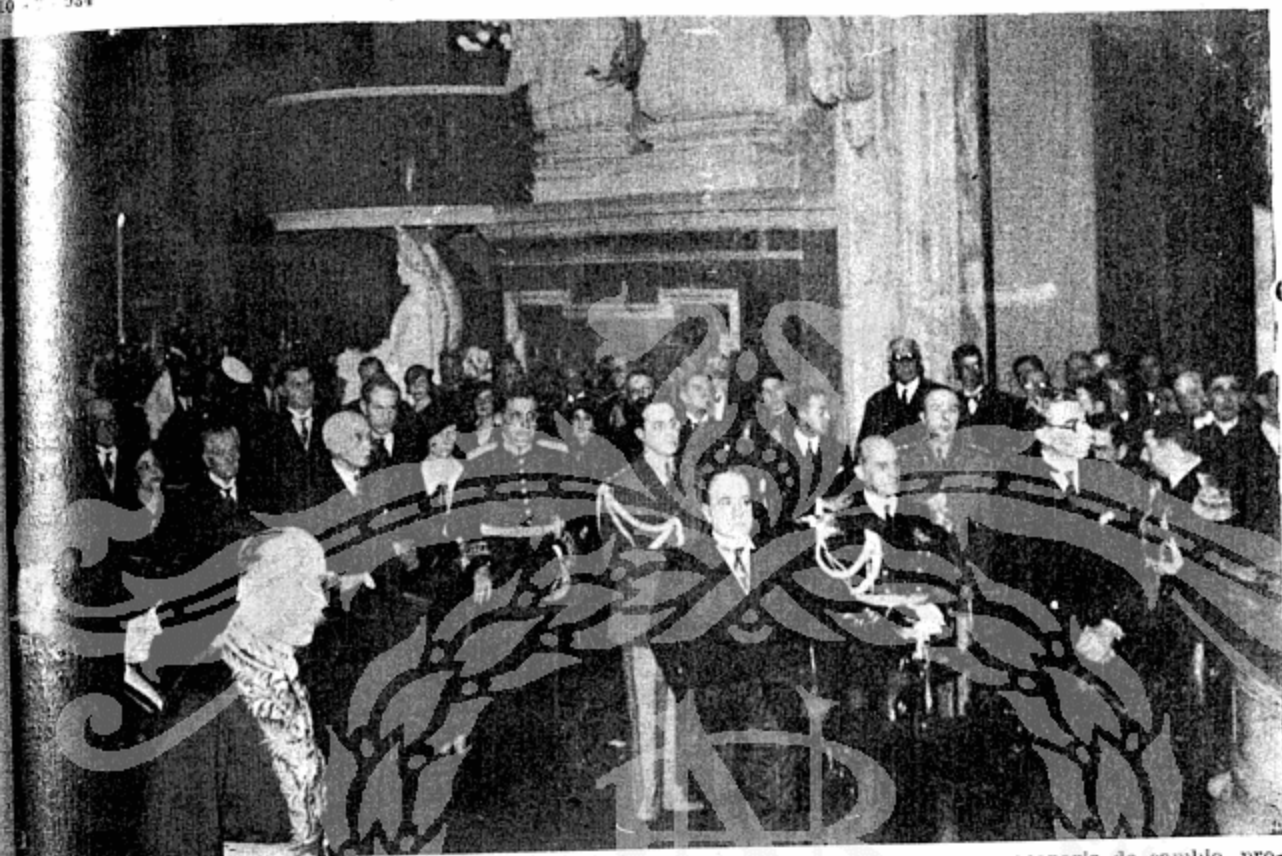
° ° °

O ultimo sabbado reuniu no scenario neptunino da Urca uma legião [de] adoradores de Amphitrite e de Terpsychosée.

Para completar os effeitos decorativos do ambiente, a empreza do Casi[no] emprega um regulador thermico, que tem feito a delicia dos seus *hab[itués]*.

Na Urca, dança-se com a temperatura que se quer...

° ° °

Muita gente. Tambem muita gente desconhecida... Para o registo [do] chronista, apenas, fôram vistas: a senhora Martins Capistrano, a se[nhora] Amaral Nogueira, a senhora Heitor Motta, a senhora Porto da Silveira, a s[e]nhora Oswaldo Barbosa, a senhora Horacio Cartier, a senhora Fra[ncesco] Noziéres, a senhora Adherbal Paula Salles, a senhora Henrique Roxo, etc.

O OURO

Os cofres dos grandes bancos do argentarismo internacional estão empanturrados de ouro. O precioso metal transmudado de estalão de troca, de instrumento de commercio em mercadoria, alugado, vendido, realugado, revendido, transportado de paiz a paiz, de continente a continente, ao sabor das mysteriosas fluctuações da maçonaria do cambio, produzindo altas e baixas aqui e alli, erigindo da noite para o dia fortunas colossaes e do dia para a noite espalhando miserias atrozes, conforme as agiotagens e especulações, acabou sendo o pesadelo do mundo.

Rosna em todos os corações um protesto abafado, que se tornará breve um brado estertóreo de revolta:

— Abaixo o ouro!

A embaixada da Belgica fez celebrar, terça-feira última, na igreja da Candelaria, solennes exéquias em homenagem á memoria do rei Alberto. O templo da rua da Candelaria foi especialmente preparado para esse fim, apresentando aspecto imponente. Compareceram ao officio fúnebre, além do chefe do governo provisorio, ministros de Estado, altas autoridades civis e militares, diplomatas e outras pessôas gradas. Afim de prestar as honras do estylo, formou em frente á igreja da Candelaria um destacamento de forças do Exercito e da Marinha, sob o commando do coronel Agricola Soares Dutra. As gravuras desta pagina mostram dois aspectos do interior do templo religioso, durante as exéquias, vendo-se as autoridades presentes e os membros do corpo diplomatico.

Alto-Falante

Maria Junqueira Schmidt é uma escriptora já consagrada nos altos circulos culturaes do paiz. Dedicando-se, particularmente, ao estudo das nossas coisas, da nossa vida historica, a distincta escriptora, tambem conhecida educadora, bem cedo conquistou, no scenario da nossa actividade intellectual, a posição de relevo e de legitimo prestigio que hoje desfructa. «Princeza Maria da Gloria» é o novo livro que a illustre autora de «A segunda imperatriz do Brasil» vem de publicar e que, certo, como suas obras anteriores, constituirá um brilhante successo de livraria.

— E se eu lhe dissesse, lhe confessasse, sinceramente, que a amo?

— *Eu riria, como estou rindo agora mesmo, a fitál-o bem nos olhos para melhor sentir e comprehender a suave falsidade da caricia com que você me diz isso.*

— *Não acredita, então, no amor?*

— *Por que não? Sim: creio no amor tal qual elle é: amor-attracção physica, amor-necessidade instinctiva, amor... sympathia sexual.*

— *Que tristeza e que decepção!*

— *Tristeza? Decepção? Por que?...*

— *Talvez não lhe saiba explicar bem o que sinto, através da decepcionante impressão que suas palavras me estão causando... Mesmo, tenho receio de magoál-a, de ser um pouco rude na explicação que lhe poderia dar. Vocês, as mulheres, gostam de dizer mas não de ouvir certas franquezas.*

— *Ah! como se engana! A mulher de hoje, livre dos muitos preconceitos que, até bem pouco, a traziam escravizada e relegada a uma situação inferior, já não córa nem se melindra facilmente com o que possa ouvir dos homens... O que ella não quer é continuar a ser a presa, a victima imbelle das explorações sentimentaes de vocês todos... E isso com um fito unico: exaltar-lhe o sentimento, tocar-lhe a sensibilidade, para melhor explorar-lhe o corpo por algum tempo. E a isso vocês chamam amor-ideal, amor-sentimento, amor de verdade. Para que essas mentiras, essa mystificação grosseiras, sempre desfeita á custa de lagrimas e de muito soffrimento, quando o amor não passa de uma necessidade instinctiva, natural, como muitas outras?*

Castilhos Goycochêa accrescentou mais um livro á sua já notavel bagagem, na qual apparecem «Mosaico» e «Volta á Natureza», além de outras obras sobre as quaes muito mais do que nós pode dizer a apreciação do publico. Mas o trabalho de agora — «O super-humanismo de Vicente Licinio» — longe de ser producto de divagação ou fantasia, é um estudo demorado e profundo sobre a vida de Vicente Licinio Cardoso, o nomade que foi uma gloria para a intellectualidade brasileira e que deixou, nas letras, como na sciencia e na arte, um renome justo e que cresce á proporção que o tempo passa sobre o vulto daquelle educador illustre. Parece-nos que se dirá tudo sobre o novo livro de Castilhos Goycochêa affirmando-se que elle está, não apenas á altura do valor do autor, mas tambem á altura dos meritos gigantescos da figura que estuda.

— *Está bem, já a comprehend[i]. Infelizmente, a comprehendi. [Fa]ço votos para que, com as su[as] idéas de mulher moderna, seja, [um] dia, muito feliz. Adeus...*

— *Adeus?!... Por que esse ade[us] assim tão brusco, tão violento, [tão] rude?*

— *Não nos comprehenderiam[os] nunca...*

— *Não... Venha cá... Escut[e]...*

— *Não acreditaria mais nun[ca] em você...*

— *Mesmo que eu lhe disses[se], que eu lhe confessasse .que... [a] amo?*

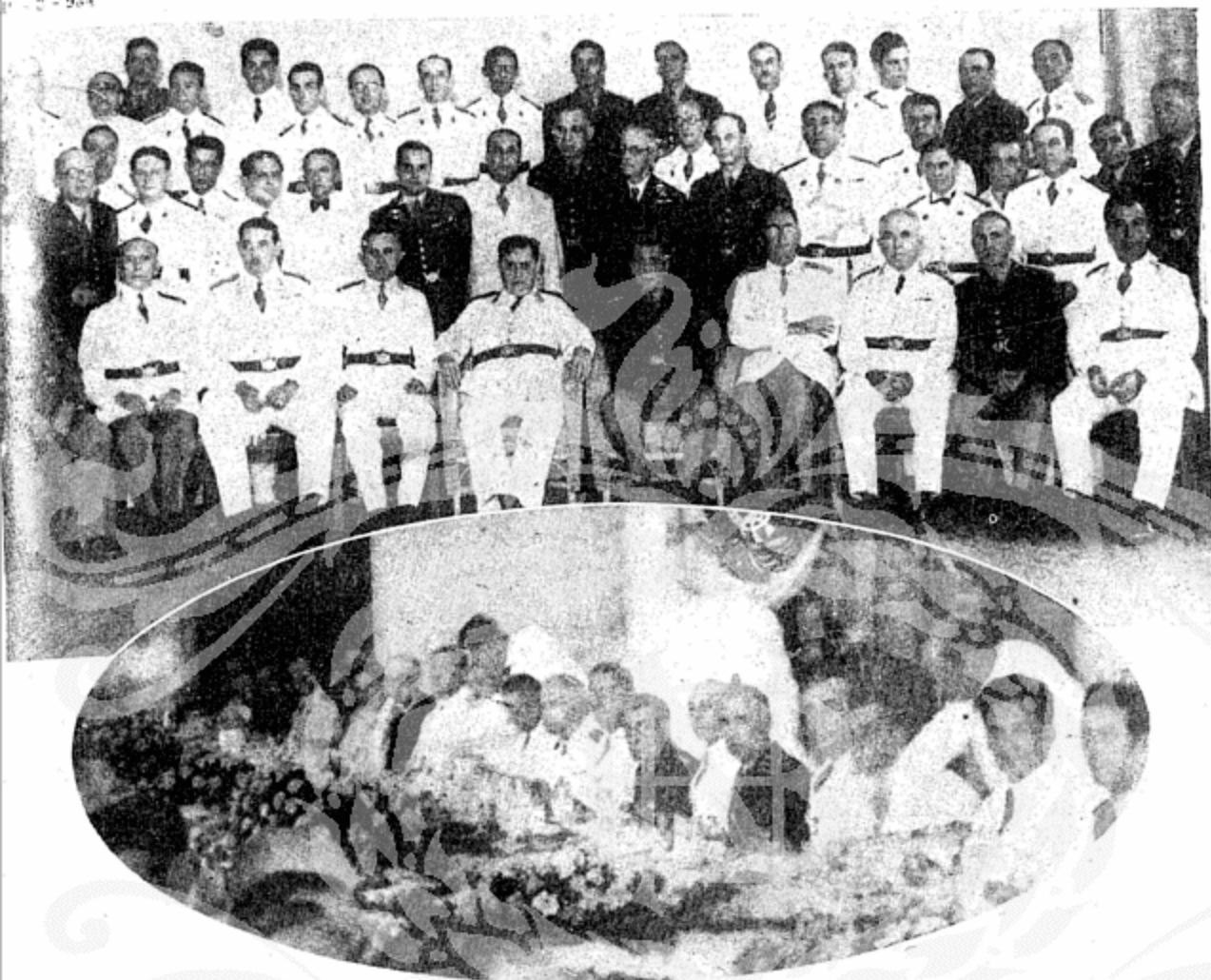
— *Uma mentira como ou[tra] qualquer...*

— *E não será o proprio am[or] uma mentira, uma miragem, [uma] illusão, mas uma mentira, [uma] miragem, uma illusão que [tan]to fascinam e encantam e que a ge[n]te é forçada, mesmo sem o quer[er], a acceitar, a admittir como [uma] linda verdade?*

— *Seus olhos, seus lindos olh[os] estão commovidos...*

— *Commovidos de amor...*

(*Conclúe na pag. seguinte*)

Raul de Siqueira Xavier, jovem talentoso intellectual cearense, vem de publicar o seu primeiro livro «Aspectos sociaes da questão do trabalho». E muito lhe recommenda a cultura e a intelligencia essa auspiciosa estréa, em que Raul Xavier revela excellentes qualidades de escriptor. O seu ensaio sobre a complexa questão do trabalho na vida contemporanea é, realmente, um estudo de palpitante interesse.

O dr. **Pedro Ernesto**, illustre interventor do Districto Federal, recebeu, sabbado último, no salão do Club Militar, uma grande homenagem do Corpo de Saúde do Exercito, por motivo da recente nomeação de s. ex. para o posto de coronel-médico das nossas forças de terra. Presidiu ao ágape o ministro da Guerra, general **Góes Monteiro**, que se vê no grupo, ao lado do dr. Pedro Ernesto.

ALTO-FALANTE

(Conclúsão)

— Suas mãos, suas mãosinhas estão tremulas e frias...

— Trémulas de caricias para você e, frias, pedem, avidamente, o calor do seu beijo, meu amor!

— Mas, por que mudou tanto, repentinamente? E suas idéas de moça ultra-moderna, descrente inteiramente da suave illusão do amor?

— As idéas foram-se, para ficar só a mulher, a mulher que quer amar e ser amada, como mulher que sente ter alma e coração para receber e retribuir o suave carinho do seu amor...

— Q u e r i d a, queridinha!... Vocês, as mulheres, são mesmo, maluquinhas, cabecinha de vento...

— Cheias, porém, de coração... E, tanto, que ainda continuamos a acreditar em vocês os homens...

— E uns e outros na suave mentira do eterno Amor...

— Sempre amado...

— Sempre adorado...

MAX LINDER

Senhorita **Eloah de Souza Carvalho**, figura destacada da nossa alta sociedade, e seu enlace com o sr. **Luiz Villas Bôas**, realizado nesta capital, constituiu um acontecimento de grande brilho mundano.

FOOTBALL INTERESTADUAL

UM ENCONTRO ENTRE JOGADORES PAULISTAS E CARIOCAS

Domingo foi um grande dia para o «football» profissional, porque marcou o inicio da temporada de 1934. Defrontaram-se nesta capital, no estadio de São Januario, jogadores paulistas e cariocas, das turmas profissionaes do Palestra Italia e do Club de Regatas Vasco da Gama, para o primeiro «match» deste anno, que resultou num acontecimento sportivo da maior repercussão, tanto em S. Paulo como no Rio, interessando vivamente a todos os circulos ligados ao «football». Focaliza a reportagem photographica da nossa pagina alguns flagrantes expressivos do grande jogo que movimentou intensamente, no ultimo domingo, as nossas rodas sportivas.

No salão nobre do Instituto Nacional de Musica realizou-se a 1.º do corrente, quinta-feira da semana passada, a solennidade da abertura dos cursos universitarios de 1934, tendo feito o discurso official o professor Julio Pires Porto Carrero, da Faculdade de Direito, que uma das photographias do «cliché» apresenta na tribuna. Vêem-se, ahi, a mesa que presidiu aos trabalhos da cerimonia e um aspecto da assistencia.

Na séde do Tijuca Tennis Club houve, na semana passada, um elegante baile offerecido pela turma de bacharelandos de 1933 do Instituto Rabello, para festejar a sua formatura. Ahi está um grupo de lindas convidadas dessa reunião social.

Baudelaire e os gatos

por BERILO NEVES

Felix Pacheco encontrará, nesta harmoniosa pagina de Berilo Neves, escripta especialmente para FON-FON, uma apreciação glorificadora dos seus altos méritos de escriptor. Falando sobre «Baudelaire e os gatos», livro que o academico tão justamente festejado acaba de publicar, o ironista amavel de «A mulher e o diabo» fixa, tambem, brilhantemente, os esplendores do espirito de um intellectual já consagrado pela immortalidade academica.

OS gatos sempre mereceram a sympathia dos artistas e a predilecção dos homens de spirito. Animaes singulares por indole e aristocraticos pelo instincto — a um tempo, netos dos tigres e avós dos diplomatas — esses dorminhocos subtis logo despertam a attenção dos que observam a Vida através dos seres que a multiplicam e dos episodios que a movimentam.

Victor Hugo, Theophile Gautier, Sainte Beuve, Hoffman... fôram, entre outros, amigos intimos dos bichanos, seus psychologos e seus historiadores. Baudelaire, porém, mais que todos, deixou seu genio poetico para sempre ligado aos encantos e malicias desse tigre domestico, cujas garras são tanto mais de temer quanto mais se disfarçam sob o velludo mentiroso das patas.

E', precisamente, a esse delicioso assumpto—"*Baudelaire e os gatos*" — que Feliz Pacheco acaba de consagrar um dos mais harmoniosos e interessantes volumes que se têm escripto ultimamente no Brasil. São 180 paginas em que as graças de um estylo magistral se casam as flôres de uma erudição exuberante. Explica-se e entende-se, o volume: sua devoção á obra baudelaireana tinha que alcançar esses meandros e episodios da biographia, sem os quaes, muita vez, não se elucidam os ensinamentos dos livros, nem se alcançam as finalidades dos homens de arte. Ninguem comprehendeu melhor as manhas e as subtilezas dos bichanos do que o autor das "Flôres do Mal". "Com Baudelaire — diz Felix Pacheco — o caso é differente. Os gatos que pintou no seu livro não são curiosidades pittorescas como os daquelles autores ou esses outros que o grave Taine reduziu por igual a interessante sonetos, cuja publicação a familia do grande escriptor desautorizou: fôram symbolos que ficaram e continuam. Teria, entretanto, o excelso Poeta possuido de seu, nos aureos tempos do Pimmodan, algum desses bichanos, bem alimentado nas caricias de mola dos divans de sêda lavrada, ou sobre os fôfos tapetes convidativos? Estamos quasi a apostar que não. E, se o teve, decerto não o conservou depois, naquelle eterno mudar de casa, que foi a tragedia diaria do seu viver parisiense, com os credores sempre á porta e o demonio de Jeaune a lhe estorvar continuamente a vida".

O maior desgosto de Baudelaire estava, mesmo, no irritado desamôr com que essa terrivel mestiça tratava o animalzinho. Emquanto ella, a mestiça implacavel lhe ameaçava atirar os livros numa fogueira definitiva, não era grande o desgosto do poeta. Tocar-lhe, porém, no gato era mágoa superior á sua paciencia e capacidade de soffrimento...

Os homens de genio têm dessas singularidades, que as mulheres, inimigas naturaes dos gatos, difficilmente comprehendem, ou toleram...

A traducção do capitulo "Os gatos", de Paul de Saint- Victor, completa e integra o volume. Essa traducção, verdadeiramente modelar, conserva, reforçando-o aqui e alli, todo o admiravel sabôr literario desse famosisimo trecho dos "*Anciens et Modernes*".

Felix Pacheco offerece aos moços de 20 annos um assombroso exemplo de amôr ao trabalho, numa etapa da existencia em que o organismo e o espirito, cansados, por igual, da terrivel agitação que é a propria alma da vida, tendem, ambos, cada vez mais, á quietação e ao repouso.

Poucos homens de letras, entre nós, dilatam o renome e apuram as virtudes da intelligencia, alcançadas as eminencias sociaes, politicas ou literarias, e atingidas as finalidades em que se resumem, para muitos, as victorias supremas da existencia.

Este volume é mais uma prova encantadora da mocidade do seu talento. Por outro lado, consagrando a "Baudelaire e os gatos" todo um precioso volume, cheio de inspiração e de belleza, Felix Pacheco retoma uma tradicção a que não lograram fugir alguns dos espiritos mais luminosos da literatura universal: essa attitude maravilhada do homem de arte em face da graça infinita daquelles bichanos.

O INTEGRALISMO NO RIO GRANDE DO NORTE

No medalhão: aspecto da sessão da Acção Integralista Brasileira de Natal, quando da passagem da Bandeira chefiada por Gustavo Barroso, na occasião em que falava o bandeirante Herberto Dutra. Na outra photographia: Gustavo Barroso ao lado do chefe provincial dr. Luiz da Camara Cascudo e rodeado pela milicia de choque de Natal.

Lembrança da passagem do chefe nacional Plinio Salgado por Natal, em 1933.

O Integralismo no Pará e no Maranhão

No alto: o dr. Gustavo Barroso e os membros de sua Bandeira recebidos, no palacio do governo, pelo interventor Magalhães Barata. Ao centro: o prefeito de Belém, dr. Adalberto Condurú, ao lado do «leader» integralista, por occasião de sua visita ao chefe do governo municipal da capital paraense. Em baixo: o dr. Gustavo Barroso com os membros de sua Bandeira e o dr. Cassio Miranda, chefe provincial do Maranhão e grande figura da medicina e da sociedade maranhenses, rodeados pelas decúrias de choque da Milicia Integralista de S. Luiz.

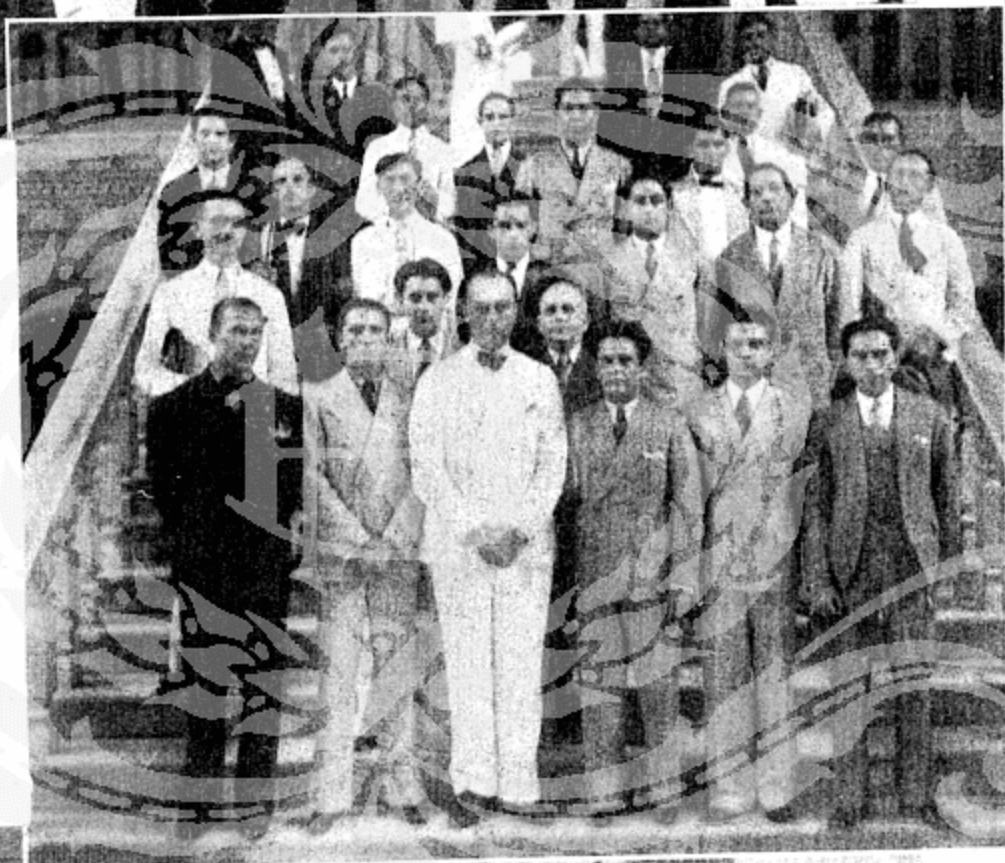
Rendas de espuma

(Conclusão)

— Que horas são? Tenho pressa. Depois nós nos falaremos com vagar... Sim?

* * *

Ah, não se diga que o amôr não existe. O amôr existe ainda, sim. E nós só o sentimos bem, depois de um rompimento brutal, ingrato e grosseiro.

YVES

Marisa, filha do dr. Alcides Ballariny e de d. Clarisse Gonçalves Vianna Ballariny, numa linda fantasia de camponeza normanda.

Déa, Véra e Therezinha. Trez gracinhas... carnavalescas que fizeram successo em Lavras, Estado de Minas Geraes. São filhas do dr. Archimedes camisão promotor público daquella cidade.

Outra filhinha do casal Alcides Ballariny-d. Clarisse Gonçalves Vianna Ballariny. Chama-se Véra e tambem se vestiu, no Carnaval, de camponeza.

O PASSADO

Por todo o mundo, a arte e a vida se esforçam para realizar novas creações. Entretanto, certas evocações de outros tempos continuam a viver suggestivas e expressivas. Porque a lembrança do passado nos é tanto mais forte quanto maior o nosso desejo de renovar as formas objectivas do pensamento. Tudo o que póde recordar as glorias de épocas mais duraveis, porque mais equillibradas, e mais fecundas em fantasia, porque mais tranquillas, apparecenos envolto em uma atmosphera feita de poesia especial. E, quando se sente que a consciencia moderna se prepara para transformar os fundamentos da vida, immediatamente se buscam zonas de repouso para o espirito, oasis de sonho para a imaginação. Só o passado nol-as póde dar.

Festejando a primeira communhão de seu filho Newton, o casal Euler Menezes-d. Elmira Dias Menezes offereceu, em sua residencia, no dia daquelle acontecimento tão grato ao seu coração, um «lunch» aos pequenos e grandes amigos de Newton, que apparecem no grupo, ladeando o néo-commungante.

Trepações

Nelson, gracioso e intelligente filhinho do casal Gastão Gomes Leite-d. Yolanda Cuffari.

O capricho da linda morena redundou na perda definitiva do noivo que tanto custára *cavar*.

Na época actual, um candidato a casamento deve ser guardado num cofre de velludo, como qualquer coisa preciosa...

O pretendente deve ter a cidade por *menage*, podendo locomover-se livremente, sob as vistas complacentes da noiva, pelo menos até o dia da forca... Depois, sim, os caprichos podem re-p...tar, porque a fuga é mais d...icil. Mas, a linda morena foi p...co intelligente deixando escap... o pássaro da mão, justamente n... vespera do carnaval, quando el... estão assanhados para bater a...

...e mal havia em o rapaz ir ao ... do Botafogo?... E, por que a ...quena não foi tambem? Méro ...icho de garota geniosa, que ...õe ter forças para trazer a ...anidade a seus pés. Pois en...ou-se redondamente. O noivo ...ou com armas e bagagens para ... lado; e, como as morenas ...am da moda, elle arranjou uma loirinha do *outro mundo* para substituir a noivinha...

Agora é tarde para arrependimentos, e não adeanta mesmo chorar.

A loirinha é *typo* 7, é um thesouro e tem da vida uma concepção ultra moderna, proclamando até que a felicidade não está no casamento, mas, num bom entendimento entre as partes contractantes...

Um caso perdido, como se vê. Adeus, morena!...

Newtinho, o galante filhinho do casal Antonio de Xerez Frota-d. Albertina Ision Frota, com o seu sorriso de menino bonito — tentação das garotas do bairro...

FOI um desastre que até agora não teve concerto.

O nosso amigo desgarrou no baile carnavalesco, depois de esvaziar algumas garrafas de *champagne*.

O gesto poderia ser tomado como um caso banalissimo de carnaval, porem, a esposa assim não quiz entender. Procura o marido de um lado e de outro, e nada de encontrál-o. As horas corriam, e *madame* impacientava-se, ameaçando promover um pavoroso escandalo alli mesmo, á vista da multidão entregue ás loucuras da festa. Quando a distincta dama percebeu que era inutil esperar pela volta do marido, metteu-se num *taxi* e mandou tocar para casa.

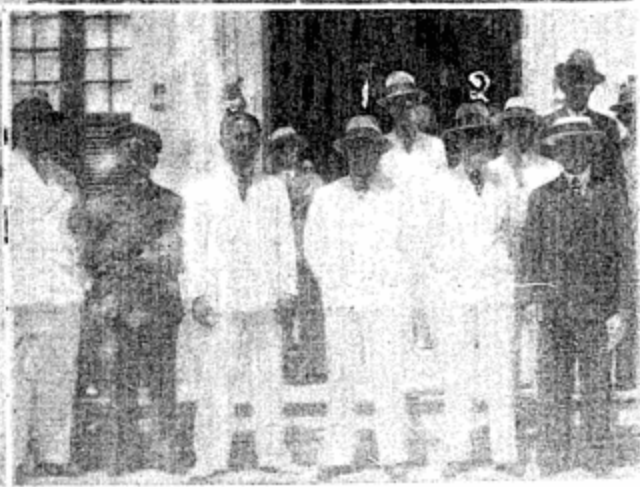
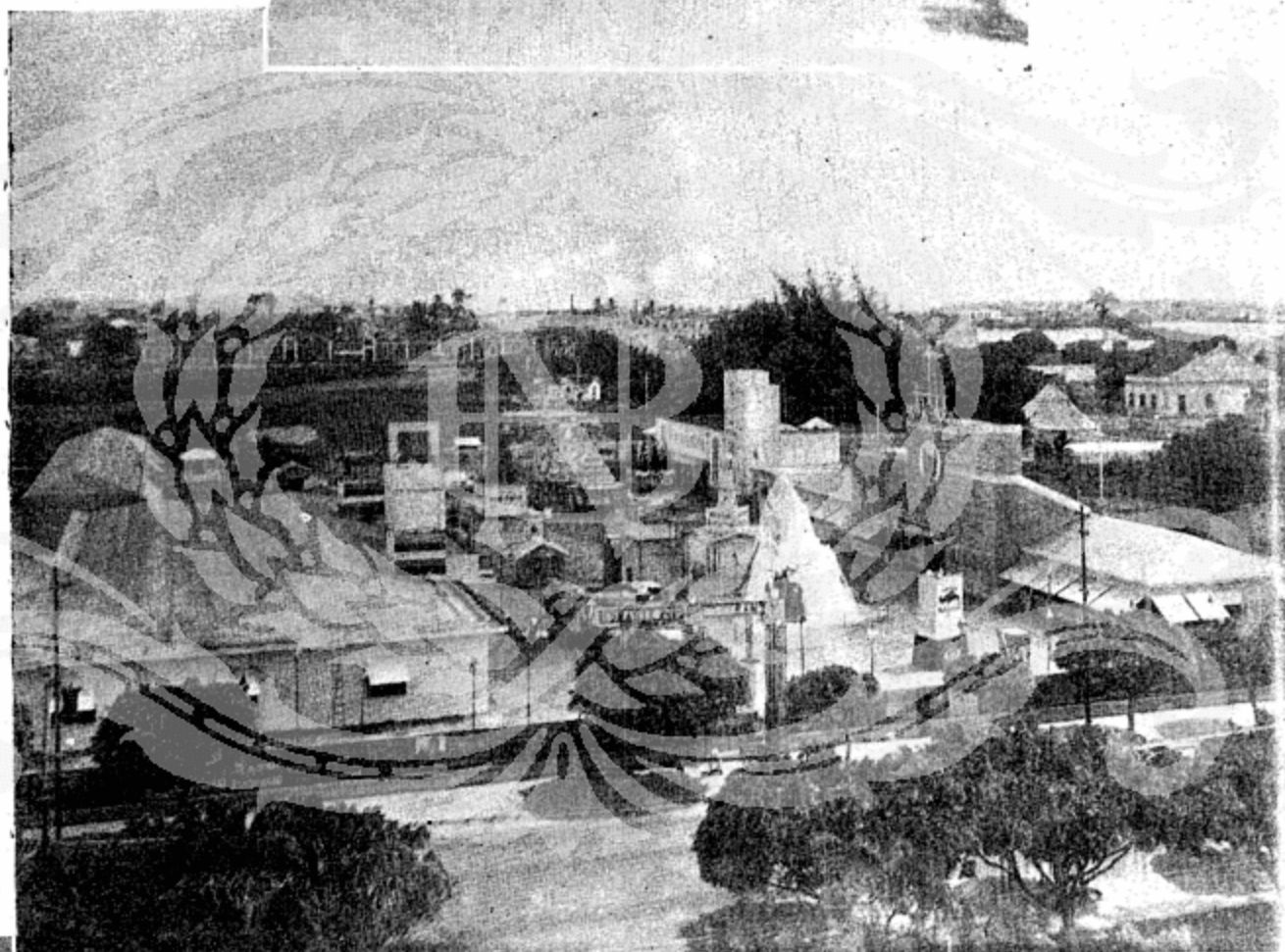
Mas, quando o automovel rolava sobre o asphalto da avenida que serpenteia a praia, qual não foi a sua surpreza divisando o marido com uma Colombina, sentados ambos na areia, em pleno idyllio!...

O que se passou os leitores adivinham facilmente... *Madame tomou nojo*, como diz a todos que debalde procuram ainda conciliar o casal, parecendo mesmo que o caso não tem concerto...

A pequena pianista de S. Paulo Neysa Gonçalves, que, aos oito annos de idade, é já uma surprehendente revelação de artista. Neysa é filha do sr. Flaviano Gonçalves e sobrinha da poetisa Adalzira Bittencourt.

"FON-FON" EM PERNAMBUCO

Aspectos da Primeira Feira de Amostras da Cidade de Recife, realizada em fevereiro ultimo. Em cima, flagrante da cerimonia inaugural do certamen, tomado na occasião em que discursava o commissario geral da mesma, sr.

Pedro Paulo Lanza, e no qual se vêem o interventor Lima Cavalcanti e o dr. Antonio de Góes, prefeito de Recife. Ao centro panorama parcial da Feira. Em baixo o interventor Lima Cavalcanti acompanhado do dr. João Cleophas, secretario da Agricultura, Industria e Commercio, e de outras autoridades, visita os diversos pavilhões do certamen.

OS systemas philosophicos que, depois do israelita Spinosa, se fôram desenvolvendo e espalhando no mundo occidental até o seculo XIX tiveram todos um fundo materialista, mesmo quando se apregoavam idealistas, e apresentaram sempre os mais accentuados caracteristicos analyticos. Elles analysaram o universo, o nosso planeta, o homem e a physionomia interior do homem. Nessa critica continuada, tudo foram despindo, descobrindo, descarnando até que deixaram o individuo inteiramente isolado e enfraquecido no ambiente da vida.

Projectando-se nas manifestações da literatura, sobretudo na poesia, essas philosophias geraram o scepticismo, o pessimismo, o saudozismo, o penumbrismo e outras formas de tristeza e de decadencia. Assistimos ao espectaculo das carpideiras literarias. Todas achavam que era tempo de morrer, que só o passado fôra grande, fôra bello, que nada mais funesto do que o nascimento. Depois seguiram-se os cultores do que se chama ironia e que não passou de desdem da vida.

A Grande Guerra encerrou em sangue esse periodo de desfibramento. E, se nella houve heróes e martyres, é que se não haviam perdido de todo, uma era nova, e este seculo, para as nas camadas do povo, as virtudes ancestraes. Ella abriu a tiros de canhão gerações que despontam, é um seculo de luta, mas de optimismo, de fé na victoria.

Procedendo a um inquerito entre as mais altas figuras da vida social e cultural brasileira sobre se vale a pena viver, nós esperamos que as respostas dêem bem a medida do sentimento actual a esse respeito.

A RESPOSTA DE CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO:

"VALE A PENA VIVER?" — *(Alguns, entre muitos outros, pontos de vista)*

"VALE a pena viver?" — Pergunta simples na apparencia; do género das que se formulam, quase brincando, nos jogos de prendas. Pergunta simples, talvez, até na realidade, se dirigidas a almas simples. «Vale»... «Não vale»... responderá cada uma d'estas, segundo fôr feliz ou infeliz, segundo estiver contente ou descontente no instante mesmo em que a interrogarmos. E não cogitará mais da pergunta acidental — um tanto ociosa — porque, afinal de contas, que adianta «julgar« a vida? Já não é pouco «vivê-a»...

Desde que, porém, a pessôa a quem ela se dirige possua certa complexidade de inteligencia e de cultura, como os seus elementos se multiplicam, se emaranham, e avultam! E' toda uma metafisica a pôr em movimento; se não várias metafisicas, á mercê dos vários pontos de vista, que podem alternar-se no mesmo cérebro.

A das religiões reveladas, por exemplo. A resposta de um cristão, de um católico, só pode ser francamente, peremptoriamente, afirmativa (nem os judeus, os mussulmanos têm o direito de divergir neste ponto). Não, embora, afirmativa no sentido de um otimismo estreme, sem jaça. A vida é viagem dura e tormentosa, por êste «valle de lágrimas»: o mundo. Mas nos foi dada por Deus como meio de nos aperfeiçoarmos, de crecermos em graça e sabedoria, de ascendermos até êle pela renuncia voluntaria das paixões e dos desejos egoisticos, de merecê-lo, a êle proprio, por superno e inefavel prémio. Como duvidar, quem assim pensa, de que «valha a pena viver»?

A lógica rigorosa do sistema exigiria então que nunca nos queixássemos, nunca, de infortunio algum, de sofrimento algum, de contrariedade alguma; nem de uma enxaqueca violenta, por exemplo, nem de uma perda de dinheiro ou de uma brutal injúria, nem do mau tempo, do calor, do frio... Porque tais aborrecimentos, grandes ou pequenos, Deus mesmo nol-os proporciona para provar a nossa paciencia, a nossa filial submissão á sua soberana e augusta vontade.

Mas qual é o homem religioso, que nunca, nunca, se inquieta, se irrita, por aborrecimento algum? Não basta ser religioso; é preciso ser perfeito; ser santo. E os santos são raros. E lá dizia o bispo Afonso de Ligorio, santo, e doutor da Igreja, que as biografias d'êles ganhariam um proveitoso interêsse, se lhes referissem, não as sós virtudes e ações belas, mas as fraquezas e as culpas... Neste ponto, que voz subtil sussurra? é a do arguto e insidioso Mefistófeles, do «espirito que nega»... Bem o apanhamos em flagrante, na sua blasfema critica á obra do Creador. «Se a vida vos foi dada por Deus, mas não pedida por vós, nem houve consulta prévia sôbre a vossa vontade de aparecerdes ou não aparecerdes sôbre a terra, que gratidão sois vós obrigados a professar por êsse presente, que as mais das vezes se revela presente grego, e que dever tendes de estragál-o ainda mais, fazendo, de uma existencia imposta assim á fôrça, um uso de aspero e incessante sacrificio, pela imolação das suas vantagens ao culto frénetico das desvantagens? Pois que ahi fostes atirados sem responsabilidade vossa, tratai de gosar quanto puderdes, e de provar a vós mesmos que «vale a pena viver»; questão de bom senso e coragem.» Assim falou Mefistófeles.

«Memento, homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris?»... Trágica admoestação. Mas, se isolada do contexto, bem se conciliaria, em suma, com o criterio (retamente entendido, e não adulterado) de Epicuro. Os pagãos, do periodo em que já a fé primeva nos numes cedia, entre as altas classes, a um amavel cepticismo, baseavam na certeza exclusiva da existencia terrena a teoria da legitimidade dos prazeres — quando não se transviavam na doutrina sombria e sublime dos estoicos. «Desde que isto dura pouco tempo; e depois... que haverá? que haverá? o nada, quase se poderia jurar, o mais sisudo, o mais razoavel, é colher e saborear o que o mundo encerra de delicias, evitando amargurar com vans cogitações, com pesares estéreis, a efémera, mas sadia realidade — sem, de resto, descambar nas orgias grosseiras e degradantes, proprias só dos ignorantes e dos escravos...»

Cálculos que fazem muitos, ainda hoje. O que os perturba é a sombra que se projeta do Alem, e regela o coração da humanidade desde as suas remotissimas origens. «To be, or not to be — that is the question», como diz Shakespeare pela boca de Hamleto. «To sleep... to sleep? perhaps to dream...» Ah! e fosse únicamente sonhar! Mas é, para uns, o risco da danação eterna, de que nenhuma fantasia, por truculenta e dantesca, pode imaginar o infinito horror; para outros, o drama cruciante da existencia prolongando-se, renovando-se, através de successivas reencarnações; para outros... E' este pensamento da imortalidade pessoal, que, quando não tivesse outro argumento a seu favor, teria o, supremo, de ter sido concebido e ser aceito por milhões de creaturas humanas, em todos os climas do universo, tão contra todas as experiencias da realidade visivel... é êste pensamento da felicidade ou da infelicidade futuras,

(Continúa na pag. seguinte)

(Continuação da pag. anterior)

eternas, que para a imensa comunhão dos crentes torna impossivel jogar com a vida como com uma cousa ligeira e frivola, e os leva a declarar, não raro entre soluços de aflição e gritos de mal abafada revolta, que, diante de Deus, «vale a pena viver»...

Sem embargo... sim, não ha dúvida, em certos momentos, é precisa de veras a mais robusta, a mais inabalavel fé em Deus, na sua segura e infallivel, ainda que oculta, providencia, para não detestar a vida. Momentos, alguns, de profundo desequilibrio entre o homem e o seu destino; nos quais tudo vacila, se desagrega, desmorona sob os seus pés, e a vida mesma se lhe revela de improviso como cruel fantasmagoria, ou como farça lúgubre. Momentos, outros, de cruel, mas fria e serena, contemplação do Espaço e do Tempo; quando, de um lado, a Natureza, do outro, a Historia, se desvendam até as entranhas ante os olhos do observador filósofo, e êle discerne, examina, com as proprias mãos toca tudo o que de feroz, baixo, grotesco, monstruoso, se esconde sob as aparencias fascinantes, inebriantes, da Beleza, do Ideal, da Glória, da Harmonia moral e da Harmonia cósmica. E dois espetros formidaveis lhe surgem de fronte: o problema do Mal, e o mito enganador do Progresso. Espetros cuja magestade temerosa e implacavel está ligada ao conceito de um Deus pessoal, conciente, paterno... mas que seria um Deus sem tais atributos, o Deus, por exemplo, dos budistas, cego, surdo, mudo, indiferente, amorfo, mero ambiente e inatingivel substancia dos elementos, ou o Deus ambiguo e enigmatico de Spinoza?

De uma d'essas contemplações volta a gente á realidade quotidiana, como Achiles ou Enéas dos seus coloquios com o povo melancólico das sombras, no Averno. Mas que vê então? que torna a vêr então e sempre? Duas cousas imensas, fundidas numa só enormissima: a Natureza em plena fermentação, a Historia em plena elaboração. Que valem, ante o maravilhoso e omnimodo espetáculo, as constatações e as birras do pessimismo? O primeiro e maior dos mandamentos é viver; e todos vivem. Todos os seres, do mais forte ao mais debil, do mais soberbo ao mais insignificante, se prestam com entusiasmo á colossal tarefa. E até os mais intrataveis pessimistas, que tais são relativamente ás grandes linhas do universo, revestem-se de um otimismo pragmatista, caseiro, no dominio concreto do proprio trabalho, dos proprios contactos sociais, da propria «conservação». Porque sem essa dose razoavel de otimismo é impossivel viver — e êles querem viver, como os outros homens, como os outros seres, todos...

Queremos, nós outros, conciliar as dores immerecidas, iniquidades, decepções, tristezas de que a terra está cheia, e a confiança numa Justiça transcendente, numa Bondade inexaurivel..., repelimos o jugo do determinismo materialista, e os «alibis» do sorridente e vacuo dilettantismo renaniano, precisamos da crença numa finalidade superior... precisamos da amizade intima de Deus?... Somos espiritos, em suma, essencialmente religiosos? Cumpre-nos, então, dizer com humildade que a vida se evolve numa atmosfera permanente de misterio, e que esse misterio, não nos é dado, nem licito, penetral-o. Cumpre-nos desistir da louca pretenção de compreender, limitando-nos a adorar. Cumpre-nos confessar que a solução dos perturbadores problemas morais da vida não pode ser teórica, mas ha de ser prática. Só auscultando no âmago da conciencia aquela voz nunca muda, que, pelejando com as potencias infernais.

> «em segrêdo protesta, e afirma o Bem»,

como disse Antero de Quental num dos seus mais formosos sonetos; só apelando para o Amor, que, segundo o solene verbo de Dante,

> «muove il sole e l'altre stelle»,

e que pode conferir a uma palavra, a um gesto, a uma lágrima, valor incomensuravel de salvação e consôlo; só por meio destas grandes alianças espirituais consegue a alma triunfar das contingencias nefastas e dolorosas que a oprimem, e, á fôrça de carinho sem termo por Deus e pelas creaturas, como a alma do «poverello» de Assis, negar a propria realidade do Mal... Ilusão? quem sabe? e que importaria, alias, se fôra, sempre, ilusão nobilitante e felicitante?

O que, em todo caso, depende de nós, é despojarmo-nos da inveja, do ódio, da cubiça, do orgulho, do desprêzo, da sêde de vingança, e da perversa ironia, que são, todos, espadas de duplos gumes; é adquirirmos e cultivarmos a doçura, a paciencia, a generosidade, a misericordia, unidas á lealdade e á pureza dos sentimentos

E, então, sem nos abalançarmos a reformar um mundo tão imperfeito — missão que nos não compete — poderemos constatar, suavemente, que, pela parte que nos toca, e nos limites das nossas faculdades, combatemos o Mal e servimos o Bem. E se quizermos fazer mais, acometer intrépidamente o Êrro e o Crime, com o facho de Prometheu ou o gladio de São Jorge, atingir o heroismo ou a santidade, tanto melhor!

E então, ainda, poderemos, sem pecado nem escrúpulo, honestamente, em absoluta inocencia, como crianças recem-nacidas, gozar as cousas belas, as cousas de graça, poesia, luminosidade, musicalidade, sonho inefavel, que o Cosmos nos oferece, flores, frutos, jardins, bosques, planuras, montanhas, fontes, riachos, rios, mares... Oh! inesgotaveis tesouros de cada clima, de cada estação, de cada hora! Oh! sómente o despertar de uma aurora de Junho sôbre os morros e a bahia de Guanabara! o canto do rouxinol numa noite de luar entre as árvores e os mármores do Palatino! o sol poente tingindo de rosa os picos nevados da Saboia numa tarde de inverno! Milhares, milhões, de «dons gratuitos» como êsses, por todo o vasto mundo! E os outros, que não são «gratuitos», por isso mesmo talvez mais preciosos — os da ciencia, da arte, da sociabilidade, do afeto!

Mas, sôbre êstes themas, eu escreveria volumes. Basta; já escrevi demasiado. Ajuntarei simplesmente, para concluir, que, preocupando-me com êles até perto da obsessão, e tendo-os tratado em varios dos meus escritos, quase sempre, instintivamente, após muitas páginas soturnas, conclui pelo otimismo. Se Deus, no momento de crear-me, abrindo a meu favor uma exceção única, me houvesse revelado o meu futuro «curriculum vitæ», e perguntado: «Queres viver?»... não sei qual teria sido a minha resposta. Fôra mister adivinhar o que teria preponderado na alma virgem; se a indolencia do limbo onde cochilava ainda, se a curiosidade infantil e ardente do caleidoscopio oferecido ao seu primeiro olhar. Mas hoje, ao cabo de tão ricas e diuturnas experiencias, neste ponto do meu caminho já assás longe do seu inicio, tendo recebido, como todos, o meu quinhão de venturas e o meu quinhão de sofrimentos, intensificados êstes e aquelas por uma sensibilidade profunda, respondo sem hesitação, convictamente: «Sim. Vale a pena viver!»

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO

L'hiver a supprimé les eaux.
Sa griffe de métal étreint tout, a la ronde.
Il n'est plu sque du marbre ou se trouvait de l'onde.
La terre est hostile aux oiseaux.

Les grands cygnes perdus sur leur lac étranger,
Ont erré tout un jour, sur sa froid surface,
De leurs larges becs noirs, frappant en vain la glace,
En vain demandant a manger.

Sur la berge deserte ou la neige etincelle,
Ils se sont réunis, ensuite, resignés,
Et la, dans la lumiere, paraissaint baignés,
Car, malgré sa biancheur, ils étaient plus blancs qu'el...

Puis un enfant survint, qui s'etait souvenu
De ses calmes amis qui souffraient sans rien dire.
Il apportait du pain, son coeur et du sourire.
Et venant a l'appel de l'ami reconnu,
Les beaux cygnes, vers lui, tendant leurs cols de cire,
Prirent dans ses deux mains le festin contenu.

Alors, pour les oiseaux malheureux sur la rive,
Des gens qui les aimaint briserent pres des bor...
La glace de l'étang qui gardait l'eau captive.

Et parmi les glaçons moins légers que leurs corps,
Les cygnes ont repris, sur la flaque d'eau vive,
Leur ornde gracieuse et souple, et sans efforts,
Comme de blancs vaisseaux tres lents, a la derive.

EDGARD LIGER-BELAIR

ECOS DO CARNAVAL

Elza, Ruth e Nilza, filhas do dr. Benjamin Constant de Aquino Bretas e de d. Antonia Fontainha Bretas. Fizeram um lindo carnaval em Juiz de Fóra.

Duas galantes silhuetas do carnaval de Nictheroy. Senhoritas Haydée e Jocelia de Castro, filhas do casal Saint-Clair de Castro. Assim, de pyjama russo futurista, ellas fizeram br'lhante successo nos bailes do Club Central e no côrso.

Trez graciosos carnavalescos infantis. Ilza, Iris e Iran, filhos do dr. Raymundo Nonato Rangel e de d. Medina de Castro Rangel.

O pequeno folião Sebastião, filhinho do sr. Miguel dos Reis Siqueira e de d. Ondilina de Siqueira.

A graciosa Zuleika Chagas, uma formosa «camponeza russa» do Carnaval de Campos, no baile á fantasia do Club Saldanha da Gama.

O Centenario de Agrario de Menezes

Agrario de Menezes foi dos mais apreciados dramaturgos do seu tempo. A poesia, a musica e o jornalismo foram por elle cultivados com dedicação. O romantismo teve-o como um dos mais lidimos representantes no Brasil.

Nascido a 24 de fevereiro de 1834, na Bahia, Agrario, vinte annos depois, diplomava-se em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de Direito de Olinda. Foi um dos mais distinctos estudantes de seu tempo. E, naquella época em que a nomeada partia dos institutos de ensino, dado o rigor do tirocinio e dos exames, esse titulo era a maior recommendação para um futuro melhor.

Na Bahia, após a sua formatura, escreveu muito e viveu pouco, porque, a 23 de agosto de 1863, fallecia, repentinamente, no theatro S. João.

Escreveu, para o theatro: «Calabar», o seu melhor drama: «Bartholomeu de Gusmão», «Mathilde», «O Principe», «O retrato do rei», «S. Thomé», «Os contribuintes» e muitos outros trabalhos.

Filiado ao Partido Liberal, Agrario foi deputado á Assembléa Provincial da Bahia, em duas legislaturas, chegando a exercer a vice-presidencia.

A sua biographia completa deverá sahir, ainda este anno, no ensaio — **Agrario de Menezes — Sua Vida, Sua Obra e o Romantismo**, do escriptor Alexandre Passos.

A RAUL DE AZEVEDO

Prezado e illustre amigo, eu te agradeço
a doce "Hora de Sol" com que tu'alma,
num tom menos solenne que travesso,
nas almas tristes a tristeza acalma.

Eu, que á mentira sempre fui avesso
sob essa hora de sol, divina e calma,
o teu limpido espirito enalteço
em simples phrase: — Ao vencedor a palma!

De pequeninas joias escolhidas
tu nos dás um colar de varias vidas
num escrinio de varias impressões.

Hora linda de sol, que vale um dia
tecido de esperança e de alegria
para encanto dos nossos corações...

BELMIRO BRAGA

Juiz de Fóra, 18, XII, 1933.

Elementos da justiça federal em Matto Grosso reunidos após um almoço de cordialidade. Sentados: o dr. Alfeu Rosas Martins, juiz federal, tendo á esquerda o dr. Albano Antunes de Oliveira, juiz substituto, e, á direita, o advogado Rubens de Carvalho, procurador da Republica, em exercicio. Em pé: á esquerda, o escrivão Leonel Hugueney e o official de justiça Olympio José da Silva.

AS FINANÇAS DO AMOR — Da Paramount

(BIG EXECUTIVE)

DESANIMADO de alcançar uma entrevista com o commodoro Richardson, um magnata financeiro, Victor Conway, um joven financista, para quem Wall Street não tem segredos, resolve em ultimo recurso lançar a sua lancha de recreio contra o hiate de excursão do millionario, e, assim, como naufrago embora, se fazer receber a bordo. Assim faz e submette o seu caso a Richardson: elle está de posse do 26 % das acções do Banco Nacional de Mohaw, restando a Richardson os outros 24 %. Um dos dois tem que vender, e possuidor do quinhão maior, elle está em situação de dictar ao outro os seus desejos.

O ancião não só não dá ouvidos ao intruso, mas tambem o põe para fóra do hiate, o que obriga Victor a nadar em demanda de terra. Helena, que avistou por momentos o rapaz, sympathizou com elle, e nessa mesma noite os dois se encontram em casa do commodoro, para onde conseguiu fazer-se convidar.

Quando elle diz a Helena que vae seguir para os Adirondacks, a caçar veados, ella resolve acompanhál-o, e muito embora saiba em tempo que Victor é casado, nem por isso desiste de o acompanhar até perto da casa onde elle se reunirá a sua esposa. Cora Conway o recebe mal, irritada porque elle não a convidou para ir a casa de Richardson, nem consente que ella o acompanhe na caçada, mas chega o guia contractado por Victor e elle parte a internar-se nas montanhas. Durante a caçada, julgando atirar contra um veado, mata Cora, que se escondêra na matta, sem que o marido nem o guia de tal tivessem conhecimento.

O inquerito estabelece a innocencia de Victor, o que não impede que alguns continuem a têl-o por criminoso. Dolly Heal, secretaria de Victor, aproveita o seu abatimento moral para tentar realizar a sua maior aspiração — que elle se enamore della, mas nada consegue porque a mulher que povôa os sonhos do mancebo é Helena. Dolly encontra uma carta com que pretende compromettter a Victor, mas este facilmente demonstra ao commodoro e a Helena que, antes da caçada, houve uma séria altercação entre elle e Cora, e que foi isso sem duvida que a levou a buscar a morte, em circumstancias de molde a fazer recahir as culpas sobre elle.

Uma fluctuação nas cotações da Bolsa, motivada pelo annunciado enlace de Miss Richardson com Victor, reduz este á miseria, e logo o mancebo rompe o seu compromisso, recebendo da moça o annel de esmeraldas que elle lhe havia dado como *porte-bonheur*. Victor empenha essa joia antiga, e, com o dinheiro obtido, lança-se á conquista de nova fortuna em Wall Street. Um encontro casual com Helena faz com que os dois jovens reatem os seus amores, a que não hão-de faltar agora dias de esperança e de felicidade.

Filha de Maria

(CRADLE SONG)

com Dorothéa Wiech Evelyn Venablee

RESOLVIDA a dedicar a sua vida ao serviço de Deus, Joanna deixa a casa onde serviu de mãe a seis orphãozinhos e entra para um convento, localizado num obscuro vilarejo hespanhol. A pouco e pouco ella consegue esquecer as alegrias mundanas e mergulhar na sua vida nova, naquelle convento onde não ha outro contacto com o mundo senão o que representam as visitas periodicas do medico da aldeia, um homem bom e simples, cujas heresias, no fundo, nada têm de sincero. Durante uma dessas visitas, sôa o sino á entrada do convento, e as freiras vão encontrar na roda um cesto coberto.

— Algum presente para a madre superiora que hoje faz annos! — pensam ellas.

Mas afinal, dentro do cesto, o que encontram, é uma menina recem-nascida, acompanhada de uma carta em que a mãe desvairada pede ás bôas irmãs tomem sob sua guarda a innocentinha.

O medico, testemunha das meiguices de que transborda o coração de Joanna á vista do entezinho abandonado, manifesta-se favoravel a que a creança fique no convento, o que permittirá á joven freira de algum modo, applicar o amor maternal que os seus votos lhe negam.

Assim, o bom homem adopta a creancinha, baptizada com o nome de Theresa, logo depois de entregue ás bôas freiras com correr dos annos, Thereza vae crescendo no convento entre o affecto das irmãs, a quem chama de mães, a amizade do seu pae adoptivo, e o seu amor desmesurado por Joanna, a companheira desvelada que olhou por ella desde os primeiros dias.

Assim se cria a menina sem que as irmãs procurem arrastal-a á sua vocação, e Joanna, aprehensiva, vê approximar-se o dia em que ella tomará uma resolução que talvez a separe do seu affecto.

Ao completar a menina dezesete annos, o medico promove um dia de festas em sua honra e leva-a a visitar as obras da estrada de ferro que em breve ligará a aldeia a Madrid. Alli ella conhece Antonio, o sympathico engenheiro que dirige a construcção, e sente-se fascinada por elle, o primeiro mancebo de quem se aproxima. O medico convida Antonio para as festas, o que dá logar a que os dois jovens sintam o inilludivel rebate do amor que liga um ao outro.

Quando Thereza revela a soror Joanna que Antonio lhe pediu que fosse sua esposa, a boa freira sente que um terrivel golpe lhe vara o coração. Mas vence a sua dôr, e concorda em que a menina, seguindo o seu destino seja levada para Madrid. Antes que partam os noivos, Antonio é levado ao convento, onde se lhe permitte contemplar os vultos tristes das irmãs que criaram Thereza. A despedida é dolorosa, mas Joanna vê partir com serena resignação a criança que sob seus olhos se criou, e reassume o seu logar na capella do convento, proseguindo na vida de sacrificio e de resignação, que deve bastar ao seu coração alheio ao mundo.

A mulher faz o marido

(MAMA LOVES PAPA)

Da PARAMOUNT

com

Mary Roland e

Charlie Ruggles

O jovial Wilbur Todd tem por cara metade a vistosa Jessie, e o casal desfruta de uma felicidade que ella só considera incompleta porque o marido não sae, nem cogita de sahir, da mediania da sua posição. Nutrindo-se, porém, dos ensinamentos do professor Basil Pew, Jessie passa a dar outra orientação á vida conjugal, preparando invariavelmente a mesa para o jantar como se houvesse convidados, vestindo-se todas as noites de grande *toilette*, e forçando o marido a fazer outro tanto. Essas reformas desagradam muito a Todd, especialmente quando Jessie o obriga a vestir-se com a maior gravidade para ir ao escriptorio da fabrica de moveis, onde ganha o seu pão. Os companheiros, quando vêem em tal apuro, pensam que elle tem que ir acompanhar algum enterro. Indo a um parque para passar o tempo, alli é tomado por um alto funccionario municipal que honrará com a sua presença a inauguração de um monumento, e vê-se ao lado da sra. Mac Intosh, convertido em heroe da cerimonia. No transcurso da solennidade, dá com os olhos no sr. Kirkwood, seu patrão, e pelo modo como o charuto deste se empina na direcção da ponta da nariz, logo comprehende que está fadado a uma immediata despedida da casa em que tantos annos trabalhou. Na manhã seguinte, publicam os jornaes o retrato de Wilbur Todd e da sra. Mac Intosh, juntamente com a descripção da cerimonia, onde, apparece Todd como director dos parques municipaes. Mac Intosh enfurece-se, mas sua esposa lhe explica que o causador do embroglio foi Roberts, o verdadeiro director dos parques que não compareceu á inauguração. Dois amigos de Todd, Tom e Sam, vão a casa deste e discutem o occorrido, quando apparece uma commissão da Municipalidade, que vae communicar a Todd a sua nomeação para director dos parques do municipio. Numa festa em casa dos Mac Intosh, Todd vê com profundo desagrado a attenção que sua esposa parece dedicar ao amphitrião, ao mesmo tempo que tão pouco se sente este satisfeito quando observa a sympathia excessiva que se demonstram Todd e a sua consorte. A sra. Mac Intosh convida Todd a ir admirar uma estatua de grande merito que ha na casa. O marido tece, porém, as coisas de sorte a reter a esposa,, e Todd, não encontrando ninguem, deixa-se ficar. A luz do novo dia illumina graves acontecimentos. Jessie declara a seu marido que se vae divorciar para não ser estorvo aos seus novos amores. Mac Intosh chama Wilbur para apresentál-o ao millionario Pierrepont, empenhado em offerecer apparelhos de gymnastica a todos os campos de recreio da cidade. Mac Intosh espera que seja a sua fabrica que os forneça mediante o apoio de Todd, mas este, informado da quantidade de desastres já occasionados pelos artigos ordinarios fornecidos por Mac Intosh, desaconselha formalmente a sua acquisição.

O fabricante ameaça Todd de lhe fazer perder o cargo, ao que este responde declarando que nessa mesma tarde apresentará a sua renuncia.

De volta a casa. Todd encontra Jessie promptá a partir para um povoado vizinho, onde attenderá a sua filha, prestes a ser mãe. E já enveredam os conjuges pelo caminho das recriminações, quando apparece Kirwood, que censura a Todd ter deixado desattendido so seus serviços no escriptorio, e o convida a voltar immediatamente a occupar o seu logar.

Após um momento de reflexão e obtido um augmento de ordenado, Todd resolve voltar á fabrica do sr. Kirkwood, a qual será a fornecedora dos apparelhos que Pierrepont quer offerecer ao municipio. Enthusiasmado, Kirkwood promette a Todd uma promoção e um novo augmento de vencimentos.

Nesse momento toca o telephone: os Todds já são avós! Kirkwood sorri e felicita o seu empregado, a quem aconselha, não ir ao escriptorio, mas sim consagrar o dia á commemoração do acontecimento.

Jessie sorri, sem se lembrar mais de divorcio. e Todd sorri tambem, satisfeito comsigo com a vida e com a mulher.

A Paramount em 1934

A Paramount Pictures é talvez de quantas por aqui labutam ha largos annos, a marca cinematographica norte-americana mais identificada com o Brasil. E' tambem uma das poucas que occupam o primeiro posto por antiguidade, pois, ha algumas dezenas de annos, A Paramount appareceu no Rio de Janeiro e em S. Paulo, marcando a sua ascenção gradativamente em cada temporada, a tal ponto que annunciar um film da grande marca é garantir ao publico uma authetica obra de arte. Pelos seus studios têm passado os maiores nomes da cinematoghaphia e entre as centenas de producções suas podem encontrar-se os assombros da grande arte, tendo contribuido para elevar cada vez mais o conceito intellectual da arte da tela.

Daqui deriva a ansiedade com que sempre se espera o que a Paramount nos promette dar em cada anno.

Um ligeiro encontro, com o sr. John L. Day Jr. permittiu-nos, em parte, responder ás interrogações do publico. O representante geral da Paramount na America do Sul, declarou que não estava apto a dizer, de modo absoluto, o que seria a proxima temporada. O que podia, sim, era falar da contribuição que lhe emprestaria a Paramount. E por esse lado, podia o publico estar tranquillo: a velha *Marca das Estrellas*, pioneira do cinema no Brasil, não cederia a nenhuma das suas concurrentes o posto de destaque de que goza nas preferencias do publico. A sua contribuição seria, além de valiosa, tão numerosa, que forçoso lhe seria considerar começada a temporada desde a primeira semana de março para poder dar sahida ao stock de primorosas producções que a sua marca vae apresentar nos cinemas de todo o Brasil.

Obedecendo a essa orientação, a Paramount programmará, com as festas da Semana Santa, "Filha de Maria", um film de rara pureza, cujo mysticismo nos eleva acima do mundo, no extase da belleza immaterial de Dorothea Wieck, na irradiação de candura que se desprende da magnifica obra de Martinez Sierra, em bôa hora transportada ao écran. Um film que sáe da rota commum dos dramas mundanos para nos dar longos momentos de elevação espiritual, em que nos confortamos ante um edificante exemplo de bondade e dedicação.

Estas, as offertas da Paramount para o immediato futuro; mas não consttiuem ellas senão *minima pars* em face do repertorio reservado ao resto da temporada.

Preparem-se os *fans* para tornar a ver Maurice Chevalier, e desta vez num daquelles asssumptos parisienses que elle sente melhor que nenhum outro — "Lição de Amor", um film alegre, que tornará populares muitas canções novas, daquellas que Maurice canta como ninguem.

Outra grande favorita da téla, Marlene Dietrich, admiraremos em duas obras pelo menos, uma dellas — a "Imperatriz Vermelha", — já prompta e produzida com uma desconcertante opulencia de montagem. A grande actriz allemã creará a figura portentosa de Catharina a Grande, "a camponeza orphã", no dizer de Steele, "que, não sabendo embora ler nem escrever, pela sua belleza, pelo seu genio alegre, pela sua prompta intelligencia, pelo seu bondoso coração, conquistou o amor do *barbaro tyranno* (Pedro, o Grande) e o acalmou nos seus tempestuosos accessos de colera e de odio".

O sr. John Day Junior, agente geral da Paramount para a America do Sul, e que no Brasil, onde reside habitualmente, conta um grande circulo de amigos.

A' Paramount caberá a prerogativa de apresentar este anno ao publico brasileiro a actriz-*record* do anno, a artista que arrancou do marasmo rotineiro as bilheterias dos cinemas americanos para fazel-as conhecer em receitas formidaveis, como nenhuma outra artista conseguiu. Esta referencia é sufficiente para se comprehender que alludimos a Mae West, a loura opulenta, que maravilhou o mundo pela audacia da sua téchnica e da sua phantasia. A Paramount a apresentará em dois films pelo menos, um e outro da autoria de Mae, — *Santa, eu não sou!* e *Amar não é peccado*.

O primeiro, já exhibido em todos os cinemas dos Estados Unidos, conseguiu um êxito de popularidade como não se registrava ha muitos annos, e, mais do que isso, appareceu citado em todos os concursos feitos pela imprensa americana para apurar quaes os dez melhores films da producção americana de 1933.

Outro grande triumpho da Paramount na temporada proxima será "Alice no Paiz das Maravilhas" uma phantasia comico-musical, cuja "great attraction" vae ser a estréa de Charlotte Henry, escolhida entre 8.000 moças de todos os Estados dos dominios do Tio Sam, para representar Alice.

A Paramount rodeou este film lançado no Natal de 1933, de uma ensceenação de pompa indescriptivel e deu-lhe como interprete a maioria dos seus melhores artistas: Gary Cooper, Jack Oakie, Charlie Ruggles, Louise Fazenda, Alison Skipworth, Polly Moran, Raymond Hatton, May Robson, Jackie Searl, etc. — um conjuncto que proclama bem alto o valor do film e o esmero com que cuidou a Paramount.

E agora, para falarmos um pouco dos *featured players* da nossa marca. De Sylvia Sidney, a actriz que nos deu em 1933 dois dos melhores trabalhos artisticos do anno ("Madame Butterflay" e "Fiel ao seu amor"), teremos "A bôa dama", já em filmagem: "Reunião" e "Princeza por um mez".

De Dorothea Wieck, creadora inesquecivel de "Senhoritas de Uniforme e de "Filha de Maria", que o Brasil conhecerá em breve, teremos pelos meiados do anno, um film intensamente dramatico: "Roubaram-me meu Filho!", em que será sua *partenaire* outra notavel actriz, Alice Brady.

De Claudette Colbert teremos, possivelmente, trez films, dois dos quaes podemos desde agora citar: "Quatro Assustados", um film dirigido por Cecil B. De Mille, de que tambem são interpretes Herbert Marshall e Mary Boland, e "Vozes do Coração"

em que ella terá como galã Ricardo Cortez.

Miriam Hopkins nos dará o mais *sophisticated* dos films do anno — "Viver, Sonhar, Amar!" (*Desig for Living*). E que quartetto estupendo escolheu a Paramount para interpretar esse film: Miriam Hopkins, Gary Cooper, Fredric March e Everett Horton! Ademais, sob a direcção de Ernst Lubitsch, que é sempre o az dos mestres-directores!

A Charlie Ruggles, o impagavel protagonista de "A Mulher faz o Marido", na programmação do Odeon para o terceiro, vamos apreciar num film "Six of a Kind" (*Seis da mesma especie*), cuja potencialidade comica se pode aferir pelos quatro interpretes principaes: Charlie Ruggles, Alison Skipworth, W. C. Fields e Mary Boland.

De George Raft, o galã que desde "Scarface" vem abrindo caminho em Hollywood, veremos um film de assumpto tauromachico, "Soa o Clarim", e um film de assumpto hespanhol, "Bolero".

Charles Laughton, o grande artista britannico, que brindou o cinema com o seu "Henrique VIII", uma das caracterizações maximas do anno, reapparecerá noutra das suas formidaveis creações — "Volupia na Selva", tendo como co-interprete a perturbadora Carole Lombard.

"A Mulher Preferida" será vehiculo de apresentação para um dos grandes actores favoritos do publico, Gary Cooper, e para Fay Wray, interesse romantico do film.

Lillian Gish, artista que o publico tantas vezes applaudiu, notadamente em "A Irmã Branca", apresentar-se-á com Roland Young em "It's a Wise Wife".

Edmundo Lowe estará no repertorio do anno em dois films do seu genero: "De Guarda ao seu Amor", com Wynne Gibson, e "Amo este Homem!", com Nancy Carroll.

Richard Arlen terá por dama Genevieve Tobin, em "A Cidade e o Campo", e Judith Allen em "Maldito seja o Amor"; dos Irmãos Marx teremos uma *pochade* irresistivel — "Fugitivos do Hospicio", expressão suprema do *humour* daquella bemdita cooperativa da gargalhada; da linda Gloria Stuart, com James Dunn, um film dramatico de feição muito interessante — "A Bella Desconhecida"; de Ida Lupino, com Buster Crabbe, "Em Busca da Belleza", o famoso film, para o qual reuniu a Paramount os dezesseis mais lindos rapazes e raparigas que os seus agentes conseguiram descobrir; de Buddy Rogers, o actor-musico, um velho pupillo da Paramount, veremos, como bem se antecipa, uma phantasia musical, "Vida de Estrella", em que apparecerão June Knight, Lillian Roth, Lona Andre, etc.; de Jack Oakie, applaudido comico, veremos "Sitting Pretty", em que tambem apparecerá Ginger Rogers; W. C. Fields outro az comico, apresentar-se-á em "Duello de Sabidos", com Alison Skipworth, a apreciada actriz caracteristica; de Cary Grant, o galã preferido de Mae West, veremos "Avante, Marujada!"; "Oito Moças num Bote", um film romantico, estará a cargo de Dorothy Wilson e de Douglas Montgmery; outros artistas, como Stuart Erwyn, Randolph Scott, John Lodge, etc., estarão no nosso repertorio de films do Far West, o qual comprehenderá, além dos já feitos — "Rebanho Revolto", "O Vaqueiro Solitario", "O Simplorio Ambicioso", — quatro assumptos de Zane Grey.

O sr. Tiber Rombauer, gerente da Paramount no Brasil, uma actividade inexgotavel que é um «right man in rigth place».

Como se vê, a Paramount está bem apparelhada para a temporada, e não só pela quantidade e variedade, mas sobretudo pela alta qualidade dos seus films.

No repertorio da Paramount haverá, além disso, este anno, um attractivo em que não será facil superál-a: é o da immensidade de "caras novas" que ella vae apresentar. O cinema é uma arte de improvização, de renovação continua, e esse attractivo é-lhe indispensavel. A nossa contribuição nesse particular está bem expressa na seguinte lista de nomes que agora figurarão pela primeira vez nos cartazes da *Marca das Estrellas*:

Ben Bernie, o mais popular de todos os chefes de orchestra que trabalham no *broadcasting* americano; Carl Brisson, o brilhante e joven actor dinamarquez que ainda recentemente se cobriu de louros em "The Du Barry"; Kitty Carlisle, applaudida ainda ha pouco em Broadway pelo seu magnifico trabalho em "Champagne, Sec"; Eddie Craven, protagonista de "Sailors Beware", um dos grandes successos theatraes de 1933, cujos direitos de filmagem já a Paramount adquiriu; Dorothy Dell, uma *estrella* das "Ziegfield Follies" de 1931; Frances Drake, joven actriz dos palcos de Londres, a estrear em "Bolero"; Barbara Fritchie, actriz dotada de grande belleza e de uma personalidade bizarra, em extremo adequada ao écran; Jack Haley, um artista vencedor em "Good News", em "Take a Chance" e outros successos nova-yorkinos; Ida Lupino, já consagrada pelo repertorio de filmes inglezes em que tem figurado; Ethel Merman, a rapariga que incendiou os *fans* theatraes nova-yorkinos com a sua actuação em "Girl Crazy", nos "Scandals" de George White e em "Take a Chance"; Joe Morrison, o cantor que é parte integrante do conjuncto musical dirigido por George Olsen; Sally Rand, uma das *great attractions* da Exposição de Chicago com a sua discutida "dança do leque"; Lanny Ross, uma das grandes vozes do radio americano; Evelyn Venable, cujo triumpho começará desde a apresentação de "Filha de Maria", logo na abertura da temporada; John Lodge, que iniciará sob grande responsabilidade a sua actuação na Paramount, uma vez que será o galã de Marlene Dietrich em "A Imperatriz Vervelha"; Dorothy Wilson, que, estreando em "Oito moças num bote", mereceu da critica americana as mais elogiosas referencias.

Além de um repertorio, de um elenco de tal valor, no que se refere a films dos chamados de "programma", a Paramount continuará a offerecer ao publico as suas series habituaes de *shorts* de todo o genero, desenhos de Max Fleischer, Novidades, sem falar no "Paramount Sound News", que cada vez mais se impõe á attenção do publico pela celeridade e actualidade do seu noticiario photographico sonoro.

— Estamos, como se vê — concluiu o sr. John L. Day Jr. — apparelhados o melhor que é possivel, e de tal modo contamos no repertorio que possuimos, que não hesitamos em vaticinar á nossa empresa no Brasil um grande êxito na temporada proxima. Os proximos mezes, tenho a certeza, justificarão este meu vaticinio.

Promessas Pa

para

FILHA DE MARIA

(Cradle Song)
Um super filme de sentimento, com

DOROTHEA WIECK

A BELA DESCONHECIDA

(The Girl in 419)

A historia comovente de uma mulher misteriosa, com

JAMES DUNN
e
GLORIA STUART

A MULHER FAZ O MARIDO

(Mama Loves Papa)
Uma satira a vida burgueza, com

CHARLIE RUGGLES
e
MARY BOLAND

Paramount

1934

LIÇÃO DE AMOR

(The Way to Love)
Um filme de ambiente parisiense, com

MAURICE CHEVALIER
e
ANN DVORAK

COCKTAIL MUSICAL

(Too Much Harmony)
Uma "féerie" monumental, com

BING CROSBY, JUDITH ALLEN, JACK OAKIE
e
SKEETS GALLAGHER

AS FINANÇAS DO AMOR

(Big Executive)
Um pulso masculino subjugando com igual facilidade o dinheiro e o amor, com

RICARDO CORTEZ
e
ELIZABETH YOUNG

Frederic Marx, um novo astro de grande relevo na Paarmount.

Claudette Colbert, na sua elegancia bem parisiense.

NADIA ZELIENINA e sua mãe voltavam do theatro onde tinha sido representado "Evguenii Onieguine". Chegando ao quarto, Nadia despiu-se ligeiro, desfez a trança e, vestido o longo camisão branco, sentou-se deante da escrivaninha para escrever uma carta, como Taciana (*).

"Eu te amo — escreveu — mas tu não me amas."

E poz-se a rir.

Não fizéra dezeseis annos e ainda não amára ninguem. Sabia que o official Gornyi e o estudante Gruzdiev gostavam della, mas, agora, agora que sahia da Opera, ella queria duvidar desse amôr. Não ser amada e ser infeliz — que interessante! Quando alguem ama e o outro é indifferente, ha qualquer coisa de bello, de commovedor e de poetico. Onieguine é interessante porque ama muito pouco e Taciana é encantadora porque ama de mais. Si elles se amassem igualmente e fossem felizes, pareceriam, sem duvida, aborrecedores.

(*) A heroina de «Evguenii Onieguine», opera de Tchaikovski, baseada no poema de Puchkine.

A CARTA

"Não mais digas que me amas — continuou a escrever, pensando no official Gornyi. Não posso acreditar-te. E's muito intelligente, instruido, sério. Tens um enorme talento e talvez um futuro brilhante esteja te esperando; e eu sou, apenas, uma rapariga sem interesse algum; tu bem sabes que eu seria um entrave na tua vida. E' verdade que te apaixonaste por mim e pensaste achar o teu ideal nesta Nadia; mas, foi um erro e, agora, perguntas, com desespero: "Por que encontrei essa

(*Continúa na pag. seguinte*)

A esposa do professor distrahido. — Não te esqueças de que esse barbante que tens amarrado no dedo é para te fazer lembrar que deves puxar a corda, para abrires o paraquedas.

moça?" Só mesmo a tua bondade não te deixa confessar...

Nadia fica com pena de si propria; chóra e recomeça:

"Custa-me abandonar mamãe e o meu irmão; si não fosse isso, eu professaria e me iria para o fim do mundo. Tu ficarias livre e amarias outra. Ah! Si eu pudesse morrer!"

Não conseguia, por entre as lagrimas, distinguir o que escrevêra. Sobre a mesa, no soalho e no tecto, tremiam pequeninos arco-iris, como si Nadia estivesse olhando através de um prisma. Era impossivel escrever; afundou-se na cadeira e começou a pensar em Gornyi.

Meu Deus! Como os homens são interessantes, como os homens são seductores! Nadia se recorda da bella, affavel e doce expressão do official, quando lhe falam de musica e dos esforços que elle fez para que a sua voz não tenha tons apaixonados. Na sociedade, onde a fria presumpção e a indifferença são tidas como um signal de bôa educação e de nobre caracter, é necessario occultar as paixões; e Gornyi occulta a sua. Mas, não o consegue inteiramente. Todos sabem que elle ama a musica, apaixonadamente. As longas discussões sobre a musica, as opiniões ousadas de pessôas que nada conhecem a respeito, deixam-no num nervosismo constante. Elle se assusta, se intimida; cala-se. Tóca piano excellentemente, como verdadeiro artista e, si não fôsse official, certamente seria um musico celebre.

As lagrimas seccaram nos olhos de Nadia. Lembra-se de que Gornii se lhe declarou, durante um concerto symphonico, perto do vestiario, numa enorme corrente de ar.

"Estou muito contente — recomeça a escrever — por saber que travaste conhecimento com o estudante Gruzdiev E' um rapaz muito intelligente, que te agradará, tenho certeza. Hontem elle esteve aqui em casa e ficou até as duas horas. Todos nós estavamos maravilhados com a sua presença. Lamentei não teres vindo. Elle disse muitas coisas notaveis".

Nadia estende os braços sobre a escrivaninha, deixa cahir a cabeça, e os seus cabellos cobrem a carta. Recorda-se de que tambem Gruzdiev a ama e que tem tanto direito a uma carta quanto tem Gornyi. Não seria melhor escrever a Gruzdiev?

A CARTA

(Conclusão)

Sem nenhuma razão Nadia se sente presa de uma grande alegria. A principio pequena, a alegria correu em seu peito como uma bola de borracha; depois, maior, mais ampla, lançou-se, esparramou-se como uma grande onda. Nadia já esquecêra a Gornyi e a Gruzdiev; suas idéas se ennevoavam e a alegria crescia, crescia... Do peito, a sensação bôa passou-lhe para os braços, para as pernas. Dir-se-ia que um sopro leve e suave refrescasse a sua cabeça e agitasse [illegible] seus cabellos. Um riso tranquillo sacudiu-lhe as espaduas, e a escrivaninha e a lampada se agitaram tambem; lagrimas cahiram-lhe dos olhos e tombaram sobre a carta.

Nadia não poude conter-se [illegible] para provar a si mesma que não ria sem razão, apressou-se em recordar de qualquer coisa risivel.

— Que cachorro engraçado! Que cachorro engraçado!

Lembrou-se de que o estudante na vespera, brincando com a cadelinha "Maxima", falára de outro cão muito intelligente, que perseguia um corvo no pateo. O corvo, voltando-se para o cão, disse:

— Seu bandido!

O cachorro, interdicto, não sabendo mais o que fazer, horrivelmente atrapalhado, se afastára e se puzéra a latir.

— Não — decidiu Nadia — [illegible] melhor amar a Gruzdiev.

E rasgou a carta.

Pôz-se a pensar em Gruzdiev, no seu amôr; mas as idéas se dissociavam e pensava em sua mãe, na rua, num lapis, no seu piano, em tudo.

Pensava em tudo isso com uma grande alegria e achava que tudo estava bem, tudo era magnifico; a alegria lhe dizia que ainda era pouco e que, dentro em breve, seria melhor. Em pouco, chegaria a primavera, o verão. Ella iria com mamãe para Gorbiki. Gornyi tambem iria, em ferias; passearia com ella no jardim e lhe faria côrte. Gruzdiev tambem iria. Jogaria com ella o "croquet", o jogo da bola. Contar-lhe-ia coisas engraçadas ou surprehendentes. Ella sentiu um desejo apaixonado de jardim, de escuridão, de céu puro, de estrellas... O riso sacudiu-lhe de novo as espáduas, pareceu-lhe que, no seu quarto, havia o cheiro bom da artemisia e que um ramo de arvore estivesse chicoteado a janella.

Nadia dirigiu-se ao leito e, não sabendo o que fazer da grande alegria que a fatigava, olhou a imagem dependurada á cabeceira, dizendo:

— Senhor! Senhor! Senhor!

ANTON TCHEKHOV

Custodio de Viveiros — AS 3 LUAS DE MEL — Editora Star — Rio — 5$

"SI muitos notarem confusão nos assumptos, extravagancia mesmo no modo de organizar o livro, devem lembrar-se, para desculpar o responsavel, de que os pintores imaginam fructos azues em arvores pejadas de folhas encarnadas, e que crescem no meio de uma vegetação amarella!... Não esquecendo, tambem, que os compositores roubam á musica a sua principal doçura — a harmonia!... Que comprehendam, pois, os meus defeitos e os levem á conta de arte moderna..."

E' o autor quem assim falla aos leitores, no prefacio do livro. Confusão nos assumptos não ha propriamente no livro, nem siquer extravagancia no modo de organizál-o. Existe apenas a variedade de composições, chronicas, contos, cartas e narrativas, o que concorre para tornar o volume mais curioso.

O autor, depois de experimentar o romance e o theatro, quiz manipular outro genero de literatura, conseguindo igualmente agradar.

Evidentemente, Custodio de Viveiros escreve com vivacidade, focalizando os assumptos com arte, não dispensando nunca aos mesmos uma certa dóse de malicia... O escriptor é um espirito alegre e imprime, ao que lhe sahe da penna, um sadio bom humor, o que importa affirmar de nossa parte o seu feitio de psychologo moderno, quasi diriamos á maneira de Pitigrilli. E' por isso que o autor, ferindo os mais variados asumptos, não guardando embora o volume certa unidade de vistas, consegue interessar do primeiro ao ultimo trabalho, denominado *Os trezentos de Leonidas*, uma bella pagina evocativa da revolução paulista, que pôz á prova de fogo o heroismo da mocidade da minha terra.

Joaquim Silva — HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 8$

ESTE volume, o segundo da obra, desenvolve materia do programma official do gymnasio.

O autor inicia o estudo systematico da Historia da Civilização, fazendo acompanhar os capitulos de quadros, resumos, illustrações e cartas historicas, o que facilita o estudo dos alumnos. O livro attinge a quarta edição, prova da franca acceitação que tem tido nos meios escolares.

Jacomo Stávale — TERCEIRO ANNO DE MATEMATICA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 12$

ESTE novo tomo da obra do illustre prefessor confirma a excellencia do trabalho hoje adoptado na totalidade dos nossos collegios. O autor mostra-se um profundo conhecedor da téchnica do ensino, expondo a materia com segurança, clareza e methodo, qualidades que não são vulgares nos nossos livros didacticos de mathematica. O livro destina-se aos estudantes do terceiro anno do curso secundario.

Allegretti Filho — OURO VELHO — São Paulo — 1933

AQUI está um punhado de sonetos vasados no mais puro lyrismo, perfeitos, admiraveis na plenitude da sua belleza. A apresentação material do livro não convida a leitura, porém, o conteúdo surprehende pela elegancia das imagens poeticas, pelo rythmo, pelo esplendor da linguagem.

O poeta não foi para mim uma revelação, porque já de ha muito o conhecia através de producções esparsas nos jornaes.

Entretanto, posso agora melhor comprehendêl-o e confessar a minha admiração pelo seu bello talento.

E, para que o leitor possa compartilhar da minha alegria espiritual, transcrevo um dos melhores sonetos de *Ouro Velho*, denominado *Tristeza*:

Esta immensa tristeza indefinida
Que prematuramente me envelhece,
Dando-me ao rosto uma expressão dorida,
Uma expressão christan de quem padece;

Esta tristeza occulta, que floresce
Em toda a minha essencia commovida,
E que percebo num fervor de prece,
E' talvez a razão da minha vida!

Quando o poente, de violaceas tintas
Dentro da suggestão da tarde calma,
Evóca sonhos de paixões extinctas,

Sob um silencio perennal de lousas,
Sinto que se insinúa na minha alma
A tristeza dos sêres e das cousas...

C. Marriott — A ILHA DOS NAVIOS PERDIDOS — Liv. Classica Editora — Lisbôa

É o primeiro volume de uma collecção de romances de aventuras, que acaba de ser lançada em Portugal. Leitura suggestiva, empolgante por vezes. Apresentação material impeccavel.

Mario Ruy

PSYCHOLOGIA

NOSSO amigo Alexandre, trez vezes divorciado, decantava o talento de certo senhor Ladisláo Sapiencia, que se despachava como um erudito *conselheiro conjugal.*

— Mas é mesmo bom o homem?

— Excellente! E sabe você? Não é um charlatão. O gabinete delle está sempre apinhado de gente.

E' bom conhecer de tudo neste mundo, quando mais não seja para dar indicações aos outros...

Procuramos o endereço do famoso Ladisláo Sapiencia, e fomos vêl-o. Mora perto do mercado, numa especie de antro, que mais parece a tóca de uma feiticeira do que o gabinete de um advogado e conselheiro reputado. Na saleta de espera havia uma grande affluencia de maridos enganados, ou em vesperas de ser abandonados pelas caras metades... Esperámos seguramente quarenta e cinco minutos, no minimo, antes de sermos admittidos á presença do illustre psychologo das almas acorrentadas ao jugo matrimonial. Vimol-o, emfim, mergulhado numa immensa poltrona moderna, cheia de angulos de madeira escura, com as mãos apoiadas sobre os braços chatos do movel. E' um senhor de aspecto macilento, embora trajando com elegancia e apuro, com os cabellos collados ao craneo amarello.

— Os senhores vêm para uma consulta?... Tenho trez sortes de trabalhos a fazer: a *pré-consulta;* a *consulta immediata,* e a *post-consulta.*

— Não comprehendo...

— A *pré-consulta* é para os conjuges que ainda não foram enganados: a *consulta immediata* é para os que suspeitam a trahição no momento em que me vêm consultar, e a *post-consulta* é para os individuos de ambos os sexos que já foram fartamente enganados. Qual é o seu caso, meu caro senhor?

— Oh! — Basta-me *pré-consulta!*

— E' a mais barata, e a mais procurada.

E accrescentou, com um fino sorriso de sua bôcca triste:

— Aliás, sem proposito... porque a *pré-consulta* é reservada unicamente aos que ainda não são trahidos, e não passa de uma prevenção, emquanto que as outras duas são *curativas.* E' preciso, todavia, que o doente não me ponha no máo caminho por uma qualquer apreciação demasiadamente optimista. Como medico das almas tenho o dever de ser preciso. O senhor tem certeza de estar na primeira categoria?

— Plena certeza! — respondi, com firmeza.

O homem mediu-me, com o olhar, dos pés á cabeça:

— Creio... com alguma reserva. Qual é a sua profissão?

— Homem de letras.

O sabio levantou-se e metteu a mão nos compartimentos de uma pasta. Tirou de lá uma ficha e leu:

— Os escriptores — disse: elle — são, com os astronomos e os magistrados, os homens que mais precisam dos meus serviços e de minha experiencia. O senhor casou já ha muito tempo?

— Ha onze annos.

— Quantos filhos tem?

— Dois.

— Então chegou precisamente

CONJUGAL

samente ao momento dos primeiros symptomas inquietantes, não é? Sua mulher sahe frequentemente sozinha de casa?

— Quasi nunca.

— O senhor tem um amigo intimo da casa?

— Como vem a ser? Não atino...

O sr. Ladisláo Sapiencia levantou-se outra vez e foi buscar uma segunda ficha na qual leu: *"amigo da casa, ou melhor, o amigo do marido: geralmente celibatario; reconhece-se pela elegancia do traje e pelo zelo que demonstra ao marido emquanto é pouco attencioso para com a senhora. Falla, sempre, ao marido, de uma amante adorada, que nunca lhe mostrou!*

— Francamente, não tenho isto na minha roda.

— Olhe — disse o famoso Ladisláo Sapiencia: — fallo como clinico e como homem de grande experiencia! Parece-me que o senhor pertence á categoria dos maridos confiantes, e será tanto melhor para o senhor. Dou-lhe, por emquanto, um tratamento de espera... ou, si prefere, algumas regras de hygiene conjugal, especiaes para o seu caso. Frequenta muitos confrades?

— Muito poucos.

— Felicito-o! O homem de letras, que tem poucas aventuras galantes, faz, junto ás mulheres, o mesmo effeito que fazem as vitaminas em nosso estomago... Excita a imaginação dellas e as leva, insensivelmente, a peccar com homens... inferiores, que são, todavia, muito mais intelligentes, em materia de mulheres, do que todos os escriptores. Sua mulher é moça?

— Trinta annos.

— Máo!... Máo... E' uma idade cruel! Ella se aborrece um pouco, talvez..

— Não creio...

— E' preciso evitál-o, por todos os meios; aos trinta annos, quando uma mulher se aborrece, passa rapidamente do sentimento conjugal ao terceiro e segundo periodo do precipicio. Ella lê muito?

— Bastante.

— E' muito perigoso!... Quaes são as suas leituras?

— Muitos romances estrangeiros... principalmente inglezes: Dickens... George Elliot... As irmãs Bionté...

— Quer dizer que tem a alma brumosa... Lê tambem os livros da bibliotheca Rosa?

— Não.

— Antes assim! Quando uma mulher de 30 annos volta ás leituras do tempo do collegio, é signal certo de uma profunda perversidade... Quanto ao senhor, seria bom que lesse a *Physiologia do Casamento*... Minha experiencia considera este livro como uma das melhores obras do genero, visto a lamentavel emancipação dos nossos dias. Amanhã ou depois, quando estiver com a cabeça repousada, lhe formularei uma receita adequada, e o senhor voltará a procurar-me ao primeiro symptoma alarmante... São 100 francos.

* * *

Dias depois, era um domingo, estava eu tranquillamente almoçando, no restaurante *Poccarde*, uma macarronada com tomates, quando ouço atraz de mim os gritos abafados de uma renhida disputa:

— Diabo do inferno! — berrava uma voz de homem. — Esta descarada que pretendia ter ido passar o dia com a mãe! Vejam isto!... Desappareça, rapaz, se não quer que o mate aqui mesmo!

— Imbecil!... Idiota!... Estou farta do seu focinho... e se não está contente, peça o divorcio! — gritava a voz aguda de uma mulher.

Virei-me. E quem eu vejo atracado com a mulher e o namorado desta? O illustre senhor Ladisláo Sapiencia, livido e despenteado, debatendo-se entre as criados e o *maitre d'hotel*, que procuravam retél-os. Eu não me pude conter:

— Então? E a sua famosa *psychologia do casamento?...* Se o resultado é este, francamente, lastimo os meus 100 francos!

— Meu caro senhor — respondeu elle, com dignidade: — a theoria e a pratica são cousas muito differentes!

ITALA GOMES VAZ DE CARVALHO

FOI na ilha de Teneriffe, em 13 de março de 1534, que nasceu José de Anchieta, o grande apostolo do Brasil.

A vida de José de Anchieta, com os seus sonhos, os seus milagres as suas preces é um poema cheio de encantos e de suavidade.

Dizem que, quando menino, percebeu o contorno do seu corpo desenhado com lindas côres do arco-iris sobre as nuvens. Elle avistou nitidamente a sua imagem no espelho esplendoroso do firmamento.

Felizes e descuidados correram os primeiros annos de sua existencia.

Em Coimbra, teve as primeiras noções de latim e rhetorica. Revelou-se desde logo um alumno bastante intelligente, tornando-se um vulto de destaque entre todos os de sua classe. Por essa occasião, já compunha os seus versos. Tinha recebido na sua alma bôa o beijo puro e suave da sua linda irmã — a Poesia. Mais tarde, Anchieta se revelou tambem um bom estudante de philosophia.

Foi certamente a philosophia que lhe deu a coragem divina para sorrir, com desdem, de todas as dores encontradas no caminho da vida. Nenhuma sciencia era, para elle tão bella.

A philosophia trata das coisas divinas. A sciencia que trata de coisas tão altas é a mais linda e grandiosa de todas as sciencias.

No santuario das bibliothecas de Coimbra, na suave companhia dos livros, vivia o noviço para o seu luminoso mundo interior. Anchieta era poeta e philosopho. No silencio dos livros o adolescente formava o seu espirito.

Para viver em um eterno isolamento, renunciava, com alegria, a todos os prazeres proprios da idade. Somente o amor de Christo lhe enchia a alma gloriosa de Santo.

No dia 8 de maio de 1553, José de Anchieta, acompanhado de outros jesuitas, embarcou com destino ao Brasil, onde encetou uma luminosa serie de grandes e admiraveis triumphos.

No Espirito Santo, foram inestimaveis os serviços prestados pelo genial apostolo, cuja palavra bondosa e serena teve um poder divino na catechização dos gentios.

O ALFAIATE — Não senhor! Absolutamente! Não tem nada de fo[...]gado: veja como lhe fica bem pela frente...

VIDA DE ANCHIETA

Sob a luz gloriosa do Cruzeiro do Sul, o poeta philosopho, cheio de fé, desfraldou as gloriosas dobras da bandeira christã.

* * *

Flôres de carne... Lindas nereidas de olhos profundos e perturbadores. Cabellos em ondas de volupia cahindo sobre os hombros roliços.

Havia em tudo um mundo de promessas.

Olhos negros... Olhos verdes. Olhos azues... Olhos cheios de convites. Olhos trazendo a reminiscencia das alcovas macias e perfumadas.

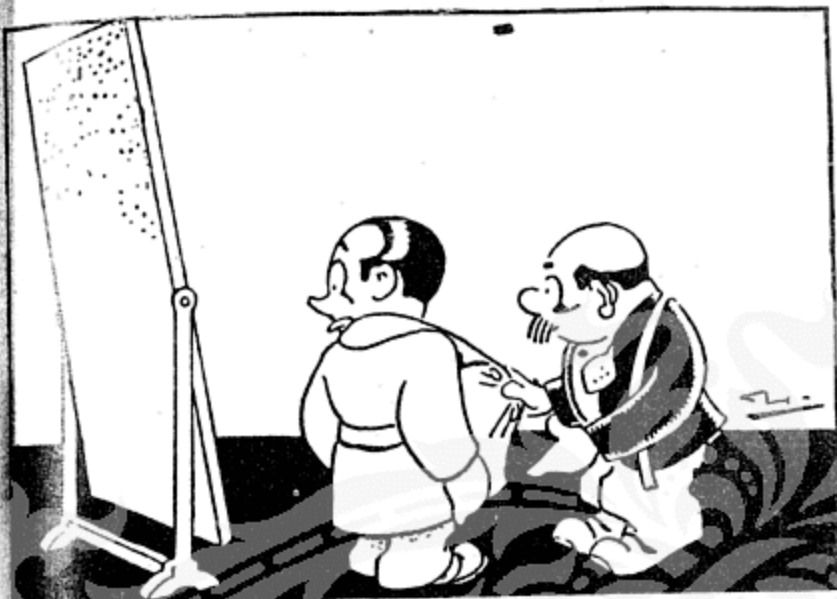
Cabellos negros. Oceanos de ebano e de perfume. Horizontes infinitos de tentação.

Cheias de luxuria na ondulação macia dos quadris, ellas eram deslumbrantes assim, mostrando os seios.

Quando a noite descia com a legião das sombras, ellas vinham voando e luzindo, no grande e diabolico desejo de innocular no sangue moço e sadio de Anchieta pequeninas doses do lindo veneno das suas caricias.

Filhas da noite, filhas das trevas e do peccado, flores de carne de aroma e de desejo, eram lindas assim estendendo os braços nús.

Filhas lindas da noite, nereidas dos mares de ébano, com os cabellos carregados de perolas marinhas, amphitrites brotando da profundeza dos oceanos sem fim.

Naiades com os corpos enfeitados de plantas aquaticas, com as bôccas famintas e furiosas e [...]

e atraz...

Por Paulo Freitas

do beijos quentes, vibrantes, impetuosos, tumultuarios. Bôccas lembrando amphoras de perfumes e de mysterios.

Com esses vultos deslumbrantes de mulheres — abysmos de belleza — sonhava o eremita.

Mas, despertando do sonho, afugentava, com fervorosas preces, as visões allucinantes.

José de Anchieta, com o seu corpo todo marcado pelo castigo dos açoutes, mostrava aos olhos attonitos dos selvagens qual o meio por que dominava os seus desejos lascivos.

Conforme dizem os chronistas, apoderou-se então dos indios um respeito supersticioso pelo sacerdote que vencia a belleza da carne das mulheres, fustigando o proprio corpo a golpes impiedosos de azorrague.

* * *

O celebre pintor Florentino Giotto, em um dos seus quadros magnificos, festejou, em lindas tintas, o matrimonio de S. Francisco de Assis, o amigo das aves. No quadro de Giotto vê-se o humilde asceta de Umbria contemplando, em extase, o rosto da sua noiva, que traz nos labios um sorriso todo feito de serenidade e candura.

E' muito bella a noiva. Humilde, toda coberta de andrajos, não se enroupa de custosos adornos.

Pobreza é o seu nome.

Apostolo sereno e cheio de bondade, tal qual o pobrezinho de Assis, Anchieta foi tambem um eterno enamorado da Pobreza. Com a maior serenidade, o poeta de Christo soffreu as mais cruciantes dores, e, embora sem fortuna, era sempre caridoso para os pobres, repartindo com esses as migalhas douradas do seu pão.

Completamente pobre, o santo sorria pantheisticamente e parecia rezar deante do sol — o grande semeador de moedas scintillantes.

Possuia o rosto nimbado de luz, de serenidade e de harmonia, reflectindo a grandeza da sua alma pura de estoico.

Alem de extremamente caridoso, o padre Anchieta era possuidor de muitas outras preciosas virtudes.

Discipulo de Jesus, pregando continuamente as doutrinas do evangelho, elle se votou á propagação das idéas christãs, incutindo na alma barbara e tropical dos nativos a sublimidade e a grandeza da fé pelas coisas do Infinito.

Arrimado ao bordão de peregrino, espalhava apostolicamente flores cheias de perfumes na estrada illuminada pela luz divina.

Corajoso soldado de Deus, era com o peito descoberto que recebia os rudes golpes da adversidade.

Com designação soffria as maiores aggressões e injurias dos homens, e, com os olhos na pureza azul do céo, tinha sempre uma palavra bôa de perdão para os seus verdugos. Evangelicamente, costumava dizer aos phariseus: *Mais peccam elles contra Deus que contra mim: se Deus soffre, bem que eu soffra por amôr de Deus.*

No seu rosto puro e santo se reflectia a pureza dos lirios campestres e na sua alma bôa se retratava a serenidade das paizagens brasileiras.

Mantinha em todos os momentos uma perfeita calma. Não se encolerizava nunca.

A sua alma tinha qualquer coisa da superficie tranquilla de um lago de aguas azues, muito serenas onde nem mesmo o sopro fino de uma aragem vinha perturbar, ao de leve, a plenitude da harmonia interior.

(Continúa na pag. seguinte)

Vida de Anchieta

(Conclusão)

Alem de possuir tal acervo de virtudes raras Anchieta era dotado tambem de grande intelligencia.

Intelligencia poderosa possuindo vastos conhecimentos, cultivando, com elegancia, a poesia e a philosophia, procurava sempre occultar o brilho do seu talento sob o véo de humildade.

* * *

Não gostava tambem de espalhar a fama dos seus milagres. Verdade é, porem, que foi um revelador de mytserios, um verdadeiro thaumaturgo.

Muito se tem escripto a respeito dos milagres, coisas sobrenaturaes, maravilhas e prodigios praticados pelo apostolo do Brasil.

Não só nas praias brancas de Iperoig, mas tambem na tranquillidade das tardes de Reritigbá, espalhou Anchieta o perfume da sua santidade. A vida anchietana é um poema cheio de inspiração divina.

Revelador de verdades occultas, com os olhos azues no azul do firmamento, desvendava, com precisão absoluta, os acontecimentos futuros. Cahindo em extase, de joelhos, a sua fronte de privilegiado era cercada pela aureola dos outros...

Ainda hoje, nas proximidades do lugar denominado "Ponta dos Castelhanos", na poetica Benevente, existe um poço que parece guardar, nas suas aguas frias e vitreas, qualquer traço de um mysterio elevado e profundo.

Todas as vezes que os ingenuos e rudes pescadores delle se acercam, cresce em belleza e santidade, para a imaginação do povo, a figura lendaria do eremita. Bem junto ao glauco mar de aguas salgadas, as aguas do poço tem a doçura de uma caricia samaritana. Dizem — não sei se é facto ou se é mentira — que alguem já viu, certa vez o rosto magro de Anchieta reflectindo-se no espelho profundo das aguas claras.

* * *

Praias alvas de Iperoig... Poente... Cançado de espalhar a benção divina das suas luzes, o sol, como um velho apostolo, repousava a sua cabeça nimbada de fios de prata sobre as almofadas verdes das montanhas altivas e longinquas.

Poente... Cortinas roxas... As arvores, monjas pallidas, pareciam em extase, a Deus erguendo, em prece, o pensamento, no silencio *da tarde agonizante.*

O poente estendia o roxo das cortinas sobre a distancia das montanhas e sobre as praias alvas de Iperoig.

Poeta, contemplava Anchieta essas paizagens lindas que se estendiam aos seus olhos.

A calma das montanhas. A serenidade azul do céo. Silencio...

Nas praias de Iperoig, tudo deserto.

Poeta, fechando os ouvidos aos rumores do mundo, Anchieta sentia nos olhos se reflectir a grandeza do céo azul, na hora em que o sol — supremo creador de belleza — lentamente se apagava entre as colinas. Poeta, na alva areia das praias de Iperoig, deante das ondas verdes, elle traçou o seu poema que desafia os seculos.

Poeta-philosopho, no silencio profundo, longe dos prazeres enganadores, elle escreveu, em versos de ouro, o "Poema da Virgem".

E as ondas, em uma excelsa beatitude, pareciam beijar as estrophes cinzeladas pelo genio musical de Anchieta.

Praias alvas e sagradas de I-
roig. Poente. Tudo silencio e c
ma. Sol na camara ardente do
caso...

* * *

José de Anchieta foi o poeta
dôr. O poema da sua vida é
cheio de estrophes dolorosas,
tas do amargor das supremas
nuncias. A dôr foi a eterna co
panheira do valoroso soldado
Christo.

Foi certamente a philosophia
soffrimento que o fez uma creat
ra invulgar, completamente div
sa de todos os homens do seu te
po. Somente o soffrimento po
ria ter elevado tão alto o coraç
de um homem.

Quanto mais soffria, mais a s
alma se reconciliava com o Chris

Assim como o pobrezinho
Assis illuminou a Italia com
clarões sublimes da sua fé, ta
bem José de Anchieta illumin
nosso grandioso Brasil, espalha
do por toda a parte a suavida
dos seus ensinamentos, num gl
rioso e sublime apostolado. Co
S. Francisco de Assis, Anchie
foi tambem um valoroso soldad
de Christo — um heróe da dôr.

A dôr encheu os olhos do poe
com os clarões deslumbrantes
firmamente. Olhos azues.

As lagrimas cahiram...

Olhos de santo...

Das lagrimas, num milagre, br
taram versos de rythmos perfeit

* * *

Foi em Reritigbá, tambem
nhecida por Benevente, pequeni
e encantadora aldeia do Estado
Espirito Santo, linda solidão f
rida, que Anchieta, já cansado
tanta luta, passou os derradeir
dias da sua existencia gloriosa.

Aldeia de Reritigbá. No cim
da tarde muito fria, a sombra
uma saudade... Esperança q
envelheceu.

O corpo alquebrado do apostol
já não mais possuia a força nece
saria para as grandes caminhada

O canto desfallecia como um
flôr que desfallece.

Crepusculo de Reritigbá...

Olhos de Anchieta apagando-se
Funeraes da luz... Ultimo bei
do sol sobre os pincaros altivos
monte Aghá.

Com um ultimo olhar para
fimbria azul do céo confundindo
se no infinito profundo, deixou
anachoreta que os seus olhos pa
sempre se fechassem.

Num canto humilde da cela,
poeta serenamente deixou que
sua alma linda e bôa se ev...
tombando no desconhecido...

O CASTELLO

De J. Riskall

ESTIVERAMOS, eu e o meu amigo Harry Dorset, vagueando no automovel deste pelos suaves outeiros e valles da região oriental da Inglaterra.

Do Kent nos transferiramos para o Essex, dahi para o Suffolk e deste condado passaramos para o Huntingdon via Cambridge. Fôra o movel de nossa excursão vermos de perto algumas reliquias do passado britannico na aldeia e nos sentiramos particularmente encantados com as originaes e antiquadas estalagens por que paassaramos, algumas dellas muito bem conservadas, guardando ainda o feitio exotico de seculos prestes a se engolpharem na bruma obliteradora do tempo; outras, passadas pelas alterações modernizadoras do progresso, conservando, aqui, uma taboleta de nome excentrico, ali, um fragmento de fachada preservado por amor á tradição, ou no interior, alguma peça de mobilia medieval ou resto de baixella authentica patenteando aos olhos dos hospedes eventuaes a realidade e a poesia de um passado quasi sempre fertil em gratas recordações literarias ou historicas.

Dorset manifestára o desejo de aproveitar nossa presença naquella região, para fazer uma rapida visita a Nottingham, afim de inspeccionar uma fabrica de rendas, da qual possuia avultado numero de acções. Resolvemos, pois, seguir para Stamford, no extremo do Northmptonshire, e dahi pela estrada real até Nottingham.

Partimos de Huntingdon a alguns minutos depois das oito horas.

Pôr de sol de verão morno e suave, em que um luar promettedor já se fazia sentir de leve sobre o rendilhado dos olmeiros, á distancia, de cada lado da estrada.

Meia hora depois, attingiamos um rio pouco caudaloso, serpenteando por entre margens altas tapetadas de verdura.

— O Nen — disse em voz breve Harry, profundo conhecedor da região.

A noite parecia tropical, tão tépida e limpida se nos apresentava, com seu crescente pallido atravessando silencioso o hespherio azul de um firmamento apathico, onde apenas se via scintillar ao longe, entre raras estrellas e no meio de tenues nuvens estratificadas, a Vega, da constellação da Lyra.

— Sabes Harry — disse eu, — tenho vontade de passar a noite aqui, ao relento, por estes campos, depois de tantos annos de noites tropicaes, vividas sob o céo africano, na Colonia de Kenya.

— Ao contrario, meu caro — respondeu Harry, — eu preferiria antes uma bôa cama na hospedaria mais proxima. Olha, daqui a Alwalton é um pulo. Deixa-me lá e volta no carro para as scenas bucolicas que te fascinam.

Dez minutos depois, apeamos á porta da hospedaria da pequena villa, onde ceámos e onde deixei o Harry entregue ao conforto dos alvos lençóes por que suspirára, partindo eu de volta ao campo pela estrada de rodagem. Só no dia seguinte, porém, é que notei o engano tomando a estrada á minha direita. A entrada da villa era ponto de convergencia de trez estradas: uma que vinha do lado do Cambridge bire, a léste, outra ao centro, pela qual vieramos do sul, e a outra do lado do oéste, e que seguia em direcção do centro do Northamptonshire. Foi por esta que dirigi o auto descuidadamente indo ter meia hora depois a uma curva onde avistei o rio e cujo panorama me pareceu encantador. Parando no lado extremo de um pequeno logarejo, atravessei o campo, dirigindo-me á margem da corrente.

A noite estava bonita, sob o pallio de um céo azul claro, agora limpido, com poucas estrellas. A luz do luar já alto espalhava uma pallidez silenciosa sobre as coisas do campo, tingindo de cinzento prateado o verde claro da relva e embaciando o azul arroxeado das campanulas e o vermelho côr de sangue das papoulas que marchetavam a campina até o alto de um pequeno outeiro, onde as poucas paredes ennegrecidas de uma ruina provavelmente medieval se erguiam nos braços de vigorosas trepadeiras qual sentinella sinistra, postada ali pela rainha da noite.

E, ao ver aquellas paredes velhas, reflectindo, no negror luzidio que lhe emprestava o lichen ao reflexo do luar, os annos decorridos desde a juventude de sua construcção, evocando as scenas de romanticismo, os dramas de amor ou as tragedias de ambição politica desenroladas no ambiente de suas paredes austeras, entre paineis de carvalho e pesados moveis, senti-me irresistivelmente attrahido a ir contemplar de perto esse farrapo do tempo antigo, testamento talvez sinistro, da historia desse condado.

Com pequeno trabalho achei a uma centena de passos rio acima a tosca ponte e, passando-me para a margem oposta, me encaminhei para o outeiro.

Era, de facto, como suppuzéra, a ruina de um castello medieval. Fôra, porém, por tal fórma destruido pela acção do tempo ou pela mão do homem, que apenas algumas paredes informes e carcomidas attestavam sua authenticidade como obra de architectura antiga. Nem tecto, nem salas.

Apenas o recinto meio entulhado de destroços e hervas, algumas lages núas no sólo, a um canto, do lado de um portal de pedra que se erguia solitario sobre um bloco de granito meio quebrado e coberto de musgo que servira outróra de soleira a esse portal vetusto.

Sentei-me ahi. O scenario era bello, de uma belleza casta e inoffensiva. Ao ver aquelles campos salpicados de flores, fileiras de choupos marginando um rio tortuoso, cujo contorno podia distin-

(Continúa na pag. seguinte)

guir ao longe, bosquetes de faias aqui e ali. Sobre o dorso das collinas ondulantes que cercavam a redondeza, lembrei-me do scenario bravio do jungle africano, com suas mattas densas, suas lianas, seus animaes ferozes, onde o descuido de um segundo significa, ás vezes, a destruição do viajor incauto, em contraste quasi brutal com o descanso e a segurança que eu sentia ali, na solidão da noite, entre os escombros de um passado para mim desconhecido, e quedei-me assim por longo tempo em agradavel *réverie*.

Não sei se o ar tepido da noite, si o magnetismo do luar, se as fadigas e emoções variadas desse dia de viagem, se o conjunto embriagador do scenario fantastico concorreram para o estado de espirito em que momentos depois me achei. Continuava sentado e recostado ao portal de pedra, solitario, olhando para o recinto interior das paredes antigas.

Não me sentia, porém, o mesmo. Invadira-me uma especie de torpor semi-consciencia. Immobilidade a mais completa nos membros, acompanhada de uma especie de insensibilidade na pelle. Era como se estivesse desligado da terra. Na terra, sem, comtudo, fazer parte della. Continuava a olhar deante de mim como se obedecesse a uma ordem superior e subjectiva e vi, então, a um dado momento, como se stivesse deante do scenario movel de um theatro, aquellas paredes velhas e carcomidas irem aos poucos baixando, baixando, e aquelle entulho e hervas irem aos poucos se tornando menos e menos densos, até que, depois de um lapso de tempo que não pude medir nem comprehender, me achei deante do que me pareceu um grande terraço em quadrilatero, pavimentado com enormes lages de pedra.

Durou pouco tempo, porém, essa illusão de esplanada, pois dahi a pouco vi, dos lados do quadrilatero, irem subindo vagarosamente quatro grossas paredes de pedra, subindo... subindo... até que dentro em pouco fecharam de todos os lados o recinto a uma altura de cerca de oito a nove metros.

Então, sem eu saber de onde, um tecto de arcados de pedra veiu se collocar em silencio sobre aquellas quatro paredes. Dir-se-á que fiquei ás escuras. Não. A uma certa altura do chão, de um lado do edificio, á minha direita, havia altas e estreitas janellas por onde se coava uma luz diffusa e incomprehensivel, illuminando o ambiente. A' esquerda, uma grande porta occultava, por meio de um reposteiro de velludo *grenat*, a escada de

O CASTELLO

(Continúação)

pedra em caracol que conduzia ao andar superior, provavelmente á torre principal. Na parede do fundo via-se a alta e vasta chaminé antiga onde crepitavam achas. Devia fazer frio lá fóra! Eu, porém insensibilizado, e indifferente ás variações atmosphericas, continuei a examinar o vasto salão recen-reformado em que me achava. Mal transferi da chaminé o olhar, vi com estranheza que o centro do salão estava forrado com um vasto panno de sarja negra, sobre as quatro extremidades, do qual fôra plantado um baixo gradil de metal reluzente.

De repente, ouvi um ruido de muitos passos cadenciados e pesados que se aproximavam e, por uma pequena porta lateral, ao fundo, começaram a entrar, um por um, corpulentos guardas, envergando couraças e de alabarda em punho, indo se perfilarem junto ás paredes do salão.

Nisto vi que descerraram as dobras do reposteiro de velludo *grènat* ao pé da escada e apparecer, descendo já no ultimo degráo uma visão de belleza feminina como jamais na minha vida imaginára! Ladeavam-na uma meia duzia de fidalgos e cavalheiros de aspecto severo, seguidos deperto por algumas damas, uma das quaes segurava com extremoso affecto e dedicação a mão direita da rainha desse cortejo singular.

Apenas transpoz esta os humbraes da vasta porta que dava p ra o extremo *hall*, — olhos mar jados de lagrimas, faces contrah das na afflicção de alguma angu tia suprema e inadiavel punho crispados sobre pequeninos lenço de finissima cambraia e renda d Malines, acercaram-se dellas a companheiras, damas de honor simples aias e torcendo os braço em frenesi de desespero aperta ram-na uma por uma contra si Depois, como se não satisfeita desse abraço, que para mim nad exprimia ainda de comprehensive cercaram-na todas em um grand amplexo collectivo e desordenad como se quizessem haurir em u góle supremo as gottas de t transbordantes da taça da ama gura a que tivesse sido condemna da a sua grande amiga.

Esta, de estatura regular, tra sobre os cabellos, que áquella cl ridade me pareceram castanho alourados, uma rêde em forma d touca, bordada a pedras precios da qal uma custosa perola lhe pe dia sobre a fronte. Olhos côr d ameixa, expressivos, sobrancelh em arco, bocca pequena, quei delicado e fino semi-occulto entr multiplas dobras da alvissima r che de finissimo linho, rendado engommado. Trajava longo vest do de velludo azul escuro salp cado de folha de trevo compost de perolas sobre guarnição de o ro, mangas de velludo branco co guarnições circulares tambem d ouro terminando estas em alva r che de linho rendado, de ond emergiam mãos alvas, finas d dedos alongados, mãos fidalgas.

Trazia ao pescoço um collar d grandes rubis ligados entre si p engates cravejados de perolas tendo como pendente uma enorm perola solitaria. Tinha o porte a tivo e aristocratico. Infinitamen aristocratico !Isso quanto ao po te. O aspecto, porém, apesar d delicadeza da cutis, das linhas m mosas das feições, era de profund desgosto, desses gerados da ansi continua pelo desenlace de um tr umpho por que ardentemente s espera, da preoccupação por obj ctos queridos que se não vêem de que ha muito se está separad e separada durante um grand lapso de tempo. Realçavam-lhe porém, esse desgosto, nobilitando-traços austeros de uma dignidad inatacavel cavados por um so frimento moral a que se tives juntado inexoravelmente o so frimento physico.

Eu olhava-a como fascinado, se guindo os menores detalhes do qu via, e tinha tempo para isso Toda a scena se desenrolava vag rosa e detalhadamente.

A dama das perolas ergueu u braço á altura do coração e eu p

le- ver nesse momento, entre os dedos afunilados, que envolta com um lencinho de rendas, um pequenino livro de orações, de capa de marfim, cujo fecho de ouro brilhou no proprio instante em que foi erguido.

O cortejo mysterioso encaminhou-se, então, sempre lenta e silenciosamente, para o centro do *hall* e do panno de sarja negra, e eu pude ver áquella luz diffusa, a grande dama se voltar e encarar de repente a multidão de nobres e cavalheiros com um olhar concentrado, certeiro, ao mesmo tempo, fulgurante de dôr e desprezo pelas miserias humanas. Tão impressionante e fulminante, esse olhar, que varreu como uma vaga invisivel os fidalgos e cavalheiros que em redor se achavam, e, depois de quebrar sobre os escolhos desses peitos endurecidos, abalando-os tornou a arfar, indo bater de encontro ás couraças dos alabardeiros reclinados sobre as hastes de suas alabardas. E os alabardeiros, ao embate dessa vaga mysteriosa e invisivel, oscillam os altos alagadiço ao sopro da brisa morna da tarde.

Em seguida, vi, com apprehensão crescente, dois homens se aproximarem da minha formosa dama, por detraz, e segurando-lhe os pulsos, forçarem-na a se ajoelhar. Senti um impeto de indignação feroz, que se manifestou, pregado ao sólo como eu estava, por algumas rugas que se me cavaram na fronte, por onde começaram a correr algumas bagas de suor affletivo. Meus olhos, porém, apesar de doloridos do esforço que faziam, não se despregavam um instante da estranha scena que observavam. Aproximou-se, então, da altiva dama, alguem que lhe vendou os olhos com um lenço de alvissimo linho dobrado sobre si em varias dobras. Em seguida, mãos que me pareceram affeitas a esse genero de serviço, desataram rapida e unctuosamente, em um simples movimento sinuoso, a delicada ruche que occultára ha pouco de meus olhos o mimoso queixo da minha visão do vestido azul bordado a perolas.

Não sei por que, mas, ao ver o gesto irreverente, presenti algo de anormal, de perigoso, que ameaçasse a segurança da rainha do meu sonho, talvez pela sem cerimonia com que haviam desnudado aquelle cóllo de cysne, da alvura do marfim polido, e senti-me possuido de uma raiva surda, feita de tempestades condensadas e reduzidas ao silencio, e quiz então me precipitar á frente, indo em auxilio de minha visão angelica. Foi quando reconheci a inanidade do meu desejo, a debilidade futil

O CASTELLO

(Conclusão)

de meu impulso, e senti então uma affiicção immensa e dolorosa sobre o bem estar da minha visão delicada e pura, afflicção essa aggravada impiedosamente ao reconhecimento da minha propria fraqueza e da impossibilidade em que me achava de correr em seu auxilio.

Quedei-me, pois, a olhal-a, de olhos dilatados, suspenso nos braços da tortura lenta de uma ansiedade indizivel. Os algozes, pois fiquei certo, então, de que o eram, lhe haviam arrancado a blusa, deixando meio a descoberto parte do busto impeccavel e a dama nobre curvára a mimosa cabeça como para occultar dos circumstantes a perturbação que sentia e vi, de facto, que a pallidez austera de seu semblante macerado pelos desgostos se tingira de rubro, não porque lhe tivesse visto a côr da pelle, mas, porque áquella claridade diffusa, sobre ella se espalhára uma nuvem sombria como se espalha sobre a superficie prateada da lua a sombra de um eclipse.

Nesse momento estava ás orlas da comprehensão de que chegára o instante inadiavel de romper a inercia que me prendia ao sólo e de accordar do transe inexplicavel em que me achava e ia dar um passo á frente, quando, olhando sempre deante de mim, senti uma vertigem em turvar a vista e o recinto se tornou aos poucos escurecido até que o envolveu a penumbra e fiz então um esforço supremo para olhar e tive apenas tempo de vêr, na treva relativa que se formou, brilhar pelo espaço de um segundo, de cima para baixo o clarão sinistro e azulado de uma larga e curta lamina de aço.

Apoderou-se de mim o terror. Ao erguer, no auge da ansiedade, os olhos dilatados, vi, na semi-obscuridade, o vulto delicado e nobre da minha visão fidalga se contorcer um pouco para o lado, sempre de joelhos com os braços estendidos, as mãos crispadas e unidas como se estivessem atadas no sólo e então procurei com angustia indizivel lhe decifrar nas linhas do semblante o mysterio das torturas que estivesse a soffrer.

Apenas o tronco nú se me apresentou aos olhos horrorizados, alvo — delicado — de um ar sinistro... infinitamente sinistro... e da extremidade desse tronco nú vi golphar, com lentidão intermitente, um liquido escuro e denso!

Atravessou-me a espinha uma commoção gelada.

Em seguida, ouvi um longo concerto de campainhas longinquas e estridentes como o cantar do grillo. Soltei um grito, que me pareceu resoar cavo, abafado... despido de vida e de significado.

Fez-se em seguida a treva... e eu fui descendo... descendo... descendo...

Quando tornei a mim, do transe em que estivera, Harry, a meu lado solicito e ansioso acabára de me ministrar uma dóse de whysky.

— Estavas de bruços sobre esta lage, meu velho... Que te teria acontecido? Desde as duas da madrugada procura por ti num raio de uma dezena de milhas. Na estalagem me avisaram que não tinhas entrado até aquella hora.

Olhei em redor de mim ainda entorpecido.

Os raios de um sol enorme e ainda pallido de somno se espreguiçavam sobre a curva de uma elevação distante, tingindo de um dourado duvidoso a verdura dos outeiros, o azul arroxeado das campanulas e o vermelho côr de sangue das papoulas...

Ficava entre casas baixas, estreitas, sujas e arruinadas e ia dar ao Tamisa. Esta rua era só habitada por miseraveis sordidos ou meretrizes e malandrins que vivem á custa de mulheres. Numa palavra a nata de Whitechapel.

A meio da rua elevava-se a hospedaria dos Emigrantes, conhecida de todos como tasca réles.

Era uma casa de dois andares, só com quatro janellas para a rua.

O policia trocou algumas palavras em voz baixa com Harry Taxon e depois desappareceu pela porta tenuemente illuminada.

Immediatamente mudou de figura e de andar. Entrou a titubear e a cantar numa voz forte e entaramelada, uma cantiga nada agradavel as ouvidos. Empurrou a porta da casa de bebidas do rez do chão.

Sherlock Holmes teve de esperar um momento para se habituar á atmosphera horrivel que reinava na casa.

Toda ella era uma espessa nuvem feita de tabaco, do fumo dos candieiros de petroleo fedorento e de transpiração de gente suja.

A breve trecho o policia poude distinguir cada um dos bebedores.

Notou que o publico que lá estava não fazia differença do que se encontra em quasi todas as tascas desse bairro.

O que lá se viam eram reincidentes, rameiras, homens que vivem protegidos pelas mulheres equivocas, afreguezados, bebados, em summa tudo typos suspeitos e perigosos.

Como é natural reinava na casa um barulho infernal.

As mulheres esganiçavam-se, os homens riam com riso selvagem, cruzavam-se pragas e um garoto todo engordurado, estava alerta para que nunca faltasse brandy nos copos.

Sherlock Holmes adeantou-se até meio da casa cambaleando.

Levantou ambas as mãos e exclamou com a voz entrecortada de soluços:

— Eh! lá homens, arrependam-se dos seus peccados! Amanhã acaba-se o mundo! Hoje é o ultimo dia!

Um riso geral acolheu estas palavras.

— Quem é este gajo? perguntaram algumas vozes. Ainda ninguem o viu cá pelo bairro.

— Não faltam bebados por toda essa Londres, disse uma voz de homem de aspecto selvagem, de rosto imberbe e repellente. Meu ôdre, exclamou elle, vou-te pregar uma tunda que não te fica vontade de cá voltar!

— Eh! gente, cautela! soluçou outra vez Sher[lock] Holmes.

"Se voces não querem ir parar ao inferno, me[ttam] a mão na consciencia! — e vocemecês lá, ó mulh[eres] — eh! bello sexo — que peccam pelo menos sete [ve]zes ao dia... como lá diz o propheta.

"Sete vezes, é poucochinho! setenta e sete vez[es é o] que é...

O homem de aspecto brutal passou-se para tra[z do] policia e assentou-lhe um cachação que fez rol[ar o] bebado pela casa.

Nesta queda simulada, foi cahir aos pés de u[ma] sujeita gorda, que estava sentada sozinha á m[eza] com a cabeça apoiada entre as mãos. Era uma [ra]meira, sem duvida. Deveria ter sido formosa. [Era] ainda esbelta, mas hediondas cicatrizes tinham enfeiado o rosto, de feições regulares.

— Ah! ah! até que vae ter um freguez! gr[itou] uma das outras meretrizes. Estás contente, ó B[etsy] carniceira?

Davam-lhe este nome em Whithechapel porque [an]tes, e talvez que ainda agora, os seus amorosos e[ram] moços de açougue.

Ergueu-se bruscamente. Sherlock Holmes fazia bem o seu papel de bebado que descambou dos joe[lhos] como um sacco de farinha e rolou pelo chão.

— Arreda! disse Betsy, a carniceira, com voz ro[uca]. "Nada de graças commigo, porcalhão.

O policia sentara-se cruzando as pernas e com [voz] pegajosa entoava uma canção de rua, ao tempo m[uito] popular em Londres.

A porta da sala abriu-se bruscamente e mostro[u] um joven mendigo.

— Queres ou não queres vir para casa, meu [...] gritou andando para Sherlock Holmes.

"Apanhaste outra carraspana esta noite! Ora [es]pera lá que já vaes ver.

Esta breve scena divertiu os bebedores.

— Isto é teu pae? perguntou Betsy ao mendi[go]. "Tens de que te orgulhar! E' uma bellissima [pe]ruja!

— Vocês moram em Whitechapel- perguntou u[ma] das mulheres.

"Nunca os vi por cá e posso gabar-me de que [co]nheço todas as raridades do nosso bello bairro.

— Moramos sempre em Liverpool até agora, [re]plicou o rapaz.

"Ha oito dias apenas que estamos netsa terra.

"Mas queres ajudar-me a pôr em pé o velho? Prompto! Obrigado.

"Toca a andar, meu sendeiro! ou julgarás que estou disposto a carregar comtigo ás costas até casa?

Sherlock Holmes que até ao fim sustentara o papel de bebado com tal perfeição, que ninguem podia suspeitar do logro, chegou á porta da rua cambaleando e sahiu na companhia de Harry. Ninguem mais pensou nelles.

— Onde está Bob, o dono da hospedaria? perguntou então em voz baixa. Não o viste por ahi algures?

— Vi-o, sim senhor, respondeu o rapaz no mesmo tom. Vae ao pateo e espreita para o quarto que deita para alli por uma pequena janella.

"Bob está lá agora com um sujeito que não conheço. Não é outra senão Arthur Titchburu em pessoa.

Sherlock Holmes ficou um momento calado. Depois, com precipitação, perguntou ao seu ajudante:

— Não ha uma chaminé nesse quarto onde estão?

— Ha, sim senhor, uma grande chaminé com uma ampla fornalha á antiga.

— Então vamos lá! Segue-me meu rapaz, avante!

Harry Taxon habituara-se a nunca discutir as ordens do seu mestre e a executal-as sem demora.

Correu com a possivel ligeireza atraz do policia, cujas compridas pernas iam galgando já a escada com a rapidez de uma setta.

Dahi a um minuto tinham chegado ao ultimo patamar e saltando por uma trapeira, chegaram ao telhado da casa donde emergiam duas chaminés.

Sherlock Holmes examinou-as attentamente e disse:

— E' esta a que deve corresponder ás trazeiras da casa; faltam algumas telhas. Tu Harry vaes pôr-te de atalaya á porta da casa e não percas de vista Titchburu a ver se elle sae.

—E o senhor?

— Eu? eu vou fazer uma viagem de recreio por aqui dentro, disse o policia indicando a chaminé.

— Mas por amor de Deus! O senhor vae ficar sem pelle, disse Harry afflicto.

— Que tolice! respondeu Sherlock Holmes. Pois tu julgas que é a primeira vez que isso me acontece?

"No interior de uma chaminé ha sempre ganchos de ferro por onde trepam os limpa chaminés para fazer a limpeza. Já vês, meu rapaz, que a coisa não apresenta o menor perigo. Agora a postos!

Mas Harry Taxon não poude resolver-se a afastar-se sem que o seu mestre tivesse desapparecido da sua vista.

Não levou muito tempo.

Sherlock Holmes abotoou cuidadosamente o fato, trepou ao cimo da chaminé e o seu esguio perfil desappareceu pela escura abertura. Elle não se enganara: os pés encontraram os ganchos de ferro fixo no interior da chaminé e poude assim descer com facilidade.

Estes ganchos terminavam no primeiro andar; dahi em deante tinha que descer sem apoio.

Não hesitou muito tempo, largou os pés dos ultimos degráus e deixou-se escorregar pelo estreito cano.

Na occasião em que sem estorvo, ia a tocar na fornalha da chaminé, ouviu a voz de Arthur Titchburu que gritou:

— Que demonio é isto? sr. Bob, não ouviu um barulho agora na chaminé?

— E' o vento lá fóra, respondeu o hospedeiro, que se achava com o banqueiro no armazem por detraz do estabelecimento. São pedras e caliças que cahem lá de cima. Não é nada, podemos conversar á vontade.

Holmes ennovelou-se como um ouriço na fornalha e ficou immovel.

Não perdia nem uma syllaba do que estavam conversando a poucos passos de distancia.

Ouviu distinctamente Titchburu perguntar em voz baixa:

— Então o *homem* sempre veio cá hoje?

— Veio, era já noite quando elle chegou, respondeu Bob. Devia ter chegado no comboio da noite que veiu de Southampton.

"Parecia absolutamente miseravel. Pediu-me um quarto, mas eu fil-o pagar adeantado.

— E elle teve com que pagar?

— Supponho que o que me deu era a ultima moeda de 6 pence que tinha no bolso — tornou o hospedeiro.

"Mas pensei: pagou a noite e amanhã de manhã, se quizer almoçar tem de me dar mais *bago* ou a pelle; portanto, disse com os meus botões, não arrisco muito.

"Mas vi-me noutra rascada.

"No meio da noite, quando me ia deitar com a minha velha, ouço um chimfrim de todos os diabos no quarto. Parecia que assassinavam alguem. Abro a porta e dou com o sujeito estendido na cama todo banhado em sangue.

"O que me lembrou primeiro foi que o pobre diabo tivesse vindo para minha casa para dar cabo de si, — palavra que fiquei sériamente atrapalhado.

"Casos como este trazem uma maçada de inquirições e pesquizas e as mais das vezes acabam mal.

"O sujeito, porém, não estava morto; disse-me com voz sumida:

"— Por amor de Deus, trate-me! E' uma ferida antiga que tornou a abrir. Tenho soffrido muitissimas privações e fadigas, salve-me que póde ganhar quinhentas libras.

"Quando ouvi isto, disse commigo: ou é intrujice ou então o pandego está a acabar e vae desta para melhor.

(Continúa na pag. seguinte)

"Apesar de tudo chamei o meu rapaz, mandei-o trazer agua, ligaduras e fios e como antigamente entrei em combates nas indias, sei bem como se faz para uma hemorrhagia e pensar uma ferida.

Parece que estas palavras fizeram uma impressão violenta em Arthur Titchburu. Sherlock sentiu-o mexer-se na cadeira. Arthur perguntou de subito:

— Elle não tinha uma profunda ferida no peito?

— E como sabe o senhor que a ferida era no peito? observou o hospedeiro muito admirado. Acertou. Uma facada medonha; por mais um centimetro apanhava-lhe o coração.

— Sim, e depois? Como diabo foi que o sujeito chegou a confiar-lhe a singular missão de escrever uma carta á pessoa que vocemecê sabe?

— Como foi? Muito naturalmente, respondeu o hospedeiro.

"Quando lhe acabei de pensar a ferida e que recobrou forças com um copo de vinho, mandou retirar o rapaz e disse-me:

— Pegue em tinta, penna e papel. Vou-lhe dictar uma carta; a pessoa a quem o senhor a vae enviar ha de-lhe dar quinhentas libras.

"— E' um caso bem singular, disse eu commigo. Mas emfim não arrisco muito em escrever uma carta.

"E escrevi a carta que elle me ditou e que...

— Conheço o seu conteúdo, interrompeu o banqueiro. Era dirigida a miss Flora Titchburu.

— Vou-lhe explicar como é que esse miseravel pretende passar por irmão de miss Flora.

"A coisa tem visos de verdade.

"O velho banqueiro Titchburu enamorou-se da filha do seu jardineiro. Destes amores houve um filho e o velho mandou para a America, com uma boa somma de dinheiro, a mãe, o filho e o resto da familia.

Ora este rapaz voltou agora e quer fazer valer o que elle chama os seus direitos. O senhor está vendo que é uma loucura delle.

— E' boa! Palavra! — exclamou o hospedeiro. — Se todos os filhos naturaes se mettessem a procurar a sua ascendencia dava-se uma grande trapalhada nas familias.

— Eu sou o advogado da familia Titchburu continuou Arthur, e miss Flora remetteu-me a carta, pedindo-me que me entendesse com o senhor.

"E aqui está, o senhor ganha as quinhentas libras da mesma maneira mas com uma condição...

— Qual?

— Estamos completamente sós? Ninguem nos pode ouvir? perguntou em segredo Titchburu.

— Nem um gato nos ouve respondeu o hospedeiro.

"Pode abrir-se commigo. Por quinhentas libras sou capaz até de... desprender a lua!

Titchburu inclinou-se na cadeira tanto que a bocca

voz baixa e perfida:

quasi tocava a orelha de Bob. E insinuava-lhe em

— Quinhentas libras para si, cincoenta das quaes já por conta, se esses desconhecidos morrer cá em casa!

— Pobre homem!

"E' então um assassinato o que o sr. exige! exclamou o hospedeiro dando um pulo da cadeira, muito pallido e tremulo.

"Não sou para essas coisas! sabe?

"Só de pensar nisso, parece que já sinto a corda na garganta!

— Pense! Quinhentas libras, disse Arthur puxando de uma carteira cheia de notas de banco, e destas cincoenta... não, tome lá, ahi tem cem adiantadas.

Então mais uma vez se verificou uma verdade criminalista muito conhecida e é que ha patifes que não recuam diante de coisa alguma, fora o assassinato!

O hospedeiro tremia como se estivesse com febre.

Os olhos avidos fixavam-se nas notas do Banco que Titchburu lhe estendia.

As mãos crispavam-se-lhe e estendiam-se para agarrar no dinheiro, mas retrahiam-se logo no momento em que iam tocar-lhe.

— Não posso, não posso, murmurou com a voz abafada.

"Vá-se, vá-se; não me esteja a tentar. Se outra pessoa se encarregasse disso, aqui, em minha casa, talvez não dissesse que não! Mas eu — oh! não, não quero sujar de sangue as minhas mãos.

— Outra pessoa? exclamou Titchburu logo que ouviu taes palavras sairem da bocca do hospedeiro. — Sim! pode encarregar-se outro.

"Mas é preciso que vocemecê consinta e o auxilie.

"Escute, meu amigo. Vou-lhe fazer uma proposta.

"O sujeito está tão fraco, tão fraco que pode morrer daqui a alguns dias antes de poder levantar-se da cama.

— Pelo menos oito dias elle mal se poderá mexer.

— Pobre homem! disse Titchburu.

— Ha de precisar de quem o trate.

— Tenho dó delle; amanhã vou-lhe cá mandar um medico.

— Ah! um medico?... disse Bob rindo. Entendo: um medico para o curar de todos os soffrimentos.

"Já estou vendo...

— Não lhe dê cuidado o que vem fazer o medico. O sujeito a não ser a ferida com que chegou aqui não soffrerá mais nenhuma. Ha de morrer como um passarinho.

"A policia ha de ver tudo azul e aquella ferida explicará o motivo por que o senhor não conhece nem a identidade nem a proveniencia do individuo.

"Está entendido?

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir Internacional de Publicité Garçon & Levindrey Rue Trenchet, 9 — France — Paris VIII Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500